**Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Centro de Energia Nuclear na Agricultura**

Eu, a árvore: educação ambiental e valores para sociedades sustentáveis

Giovanna Alves de Paiva Zanquetta

Tese apresentada para obtenção do título de
Doutora em Ciências. Área de concentração:
Ecologia Aplicada

**Piracicaba
2020**

Giovanna Alves de Paiva Zanquetta
Engenheira Agrônoma

Eu, a árvore: educação ambiental e valores para sociedades sustentáveis
versão revisada de acordo com a Resolução CoPGr 6018 de 2011

Orientador:
Prof. Dr. **MARCOS SORRENTINO**

Tese apresentada para obtenção do título de
Doutora em Ciências. Área de concentração:
Ecologia Aplicada

Piracicaba
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
DIVISÃO DE BIBLIOTECA – DIBD/ESALQ/USP

Zanquetta, Giovanna Alves de Paiva

Eu, a árvore: educação ambiental e valores para sociedades sustentáveis / Giovanna Alves de Paiva Zanquetta. - - versão revisada de acordo com a resolução CoPGr 6018 de 2011. - - Piracicaba, 2020.

191 p.

Tese (Doutorado) - - USP / Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Centro de Energia Nuclear na Agricultura.

1. Árvore 2.Valores humanos 3. Sociedades sustentáveis 4.Educação ambiental I. Título

AGRADECIMENTOS

Gratidão tem sido o maior dos meus aprendizados nos últimos anos. Mas não sei se palavras em uma folha de papel ou tela de computador podem expressar. Desejo fazer da minha Vida um ato de Gratidão. Gratidão pelo simples fato de Viver e por cada experiência que isso significa. Mas também Gratidão à Mãe e ao Pai (Jane e Edilson) que me possibilitaram viver e me acolheram nessa existência e, através deles, Gratidão a toda a minha Ancestralidade – biológica e espiritual. Gratidão à minha irmã querida e a todos os meus amigos e familiares de todos os tempos, locais e propósitos. Gratidão ao meu companheiro de jornada pelas mãos sempre estendidas. Gratidão à filha que eu sei que me escolheu e que a cada dia me ensina a arte de amar e ser feliz. Gratidão a todos os Mestres que eu tive a honra de encontrar nessa vida, e em outras. Especialmente ao Mestre Sim, ao Professor Marcos Sorrentino, ao Professor Jonas Masetti, à Aline Schulz, ao Alquimista Stefano Gradi, ao Érico Tadeu, à Professora Denise Gandara Alves, aos queridos professores da minha banca de defesa: Thaís Brianezi, Vivian Battaini, Maria de Lourdes Spazziani, Ho Yeh Chia e Demóstenes Ferreira da Silva Filho. Gratidão a cada momento de encantamento e a cada superação. Gratidão a cada ser, seja animal, vegetal, ser humano, que fez de mim a pessoa que eu sou. E Gratidão a minha própria Força Interior, que me fez capaz de chegar aqui, minha Natureza Original.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
LISTA DE FIGURAS	8
APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO	15
PARTE I	17
1. A Educação Ambiental	17
1.1. A Sensibilização ambiental através das artes.....	20
2. A Árvore como Símbolo	25
2.1. A Dimensão Simbólica	25
2.2. A Árvore	29
2.2.1. A Árvore da Vida	35
2.3. A representação artística da árvore	39
2.3.1. Artes Visuais	39
2.3.2. Literatura	50
2.3.3. Música	55
2.3.4. Cinema	61
2.4. A Árvore nos Textos Clássicos Chineses	63
3. Os Valores na Educação	70
3.1. O que vemos e o que queremos ver	70
3.2. Educação Transformadora	72
3.3. Valores Espirituais na Educação	73
3.4. A Espiritualidade e a Ética do Educador	76
3.5. O Exemplo de Confúcio	77
3.6. A Natureza Humana	79
3.7. Pedagogia da Natureza Humana	80
3.8. Educação e Valores	86
4. Sociedades Sustentáveis	98
PARTE II	103
5.As Intervenções (Metodologia)	103
5.1. Intervenções de Educação Ambiental e Valores	106
5.1.1. Oficina “Diálogos da Natureza” no Parque da Cidade de Jundiaí	106
5.1.2. Oficina “Eu, a Árvore”- Sociopoética na Oca – ESALQ/USP	113
5.1.3. Oficina “Diálogos da Natureza” na EMEB Profª Maria Congiglio	117
5.1.4. Oficina “Eu, a Árvore” na aula de Psicologia da Educação – ESALQ/USP.....	120
5.1.5. Oficina “A Árvore e as Virtudes” ao vivo online pelo YouTube.....	127
6. Análise dos Resultados	146
6.1. Valores para Sociedades Sustentáveis	150
7. Considerações Finais	154
Referências	159
Apêndice	171

RESUMO

Eu, a árvore: educação ambiental e valores para sociedades sustentáveis

A Árvore, além de elemento biológico de importância indiscutível para a manutenção da vida no nosso planeta, é símbolo reconhecido nas mais variadas culturas, tradições religiosas e épocas, como elo de ligação entre o terreno e o celeste, como metáfora da busca pelo Bem Maior. Esse elemento que nos une a todos tem sido utilizado comumente nas artes e nas atividades e intervenções de Educação Ambiental. Nesse trabalho, propôs-se estudar o desenvolvimento de Valores para Sociedades Sustentáveis em intervenções de Educação Ambiental através da imagem da árvore. Além de revisão bibliográfica a respeito do tema, foram realizadas cinco oficinas com a temática da Árvore refletindo sobre Valores para Sociedades Sustentáveis em diversos contextos, públicos e ambientes, utilizando a linguagem artística. A primeira oficina foi realizada no Parque da Cidade de Jundiaí, para um público aberto, utilizando a linguagem da poesia; a segunda oficina foi realizada na Oca – Laboratório de Política e Educação Ambiental da ESALQ/USP – com um público de estudantes e pesquisadores do tema, utilizando a Sociopoética; a terceira oficina foi realizada em uma escola infantil da periferia do município de Jundiaí-SP, com as crianças, professores e funcionários, utilizando a linguagem do teatro; a quarta oficina foi realizada em uma aula de Psicologia da Educação para alunos da graduação da ESALQ/USP e também propôs a produção textual; e a quinta oficina foi realizada em uma transmissão online através da plataforma YouTube e propôs a produção artística das mais variadas formas, tendo resultado na produção de música, mosaico, desenho, fotografias e textos variados. A questão colocada antes e depois de cada uma das oficinas foi sobre quais são os valores necessários para a transição para Sociedades Sustentáveis. Outra questão que permeou o estudo foi se Intervenções de Educação Ambiental que utilizam a imagem da árvore podem auxiliar no desenvolvimento e manifestação de valores que contribuam para a formação de seres humanos mais aptos à construção de Sociedades Sustentáveis. Optou-se por não utilizar modelos de valores prontos, mas propor a construção de novas escalas de valores, já que o objetivo é a transição para Sociedades Sustentáveis, conceito que em si já sugere pluralidade e construção coletiva e participativa. A partir de referências encontradas que sugerem a reflexão com base em três partes distintas da árvore, sistematizou-se os valores em três modalidades complementares: valores de copa, valores de caule e valores de raiz. Entre os valores de copa estão os associados ao pensamento, ao conhecimento; entre os valores de caule estão os associados ao sentimento, às emoções e entre os valores de raiz estão os associados à atitude, à concretização. Esses três tipos de valores devem estar equilibrados entre si, como propõe o Movimento Transition Towns (TRANSITIONNETWORK, 2019) em um de seus Princípios, o equilíbrio cabeça-corção-mãos ou como sugere a filosofia chinesa (AD LUMEN, 2019) com o trinômio sabedoria-amor-coragem. Com relação à questão se intervenções de educação ambiental como estas podem ou não auxiliar no desenvolvimento e manifestação de valores que contribuam para a formação de seres humanos mais aptos à construção de Sociedades Sustentáveis, a maioria dos participantes relata ter saído das intervenções com a percepção de um “bom encontro”, de partilha de sonhos, alegrias e histórias, que segundo Espinosa (2009) podem sim incrementar a potência de ação, a capacidade inclusive de criar novas realidades. A experiência em si já configura transição. Assim sendo, conclui-se que Intervenções de educação ambiental que utilizam a imagem da árvore podem auxiliar no desenvolvimento e manifestação de valores que contribuam para a formação de seres humanos mais aptos à construção de Sociedades Sustentáveis, desde que promovam “bons encontros”.

Palavras-chave: Árvore, Valores humanos, Sociedades sustentáveis, Educação ambiental

ABSTRACT

Me, the tree: environmental education and values for sustainable societies

Besides being a biological element of unquestionable importance for the maintenance of life on our planet, the Tree is also a recognized symbol in many different cultures, religious traditions and times, as a link between earth and heaven, as a metaphor for the searching of the Greater Good. This element that unites us all has been commonly used in art and Environmental Education activities and interventions. In this work, it was proposed to study the development of Values for Sustainable Societies in Environmental Education interventions through the tree image in this work. In addition to a literature review on the subject, five workshops were held with the theme of the Tree reflecting on Values for Sustainable Societies in various contexts, publics and environments, using artistic language. The first workshop was held at Jundiaí City Park, for an open audience, using the language of poetry; the second workshop was held at Oca - ESALQ / USP Environmental Policy and Education Laboratory - with an audience of students and researchers on the subject, using Sociopoetics; The third workshop was held at a kindergarten on the outskirts of Jundiaí-SP, with children, teachers and staff, using the language of the theater; The fourth workshop was held in an Educational Psychology class at ESALQ / USP with undergraduate students and also proposed textual production; and the fifth workshop was held on an online broadcast through the YouTube platform and proposed the artistic production of various forms, resulting in the production of music, mosaic, drawing, photographs and various texts. The question before and after each workshop was what values are needed for the transition to Sustainable Societies. Another issue that permeated the study was whether Environmental Education Interventions that use the tree image can help in the development and manifestation of values that contribute to the formation of human beings more apt to build Sustainable Societies. We opted not to use ready-made value models, but to propose the construction of new value scales, since the goal is the transition to Sustainable Societies, a concept that in itself already suggests plurality and collective and participatory construction. From references found that suggest reflection based on three distinct parts of the tree, the values were systematized in three complementary modalities: crown values, stem values and root values. Among the crown values are those associated with thought, knowledge; among the stem values are those associated with feeling, emotions, and among the root values are those associated with attitude, achievement. These three types of values must be in balance, as proposed by the Transition Towns Movement (TRANSITIONNETWORK, 2019) in one of its Principles, head-heart-hand balance, or as suggested by Chinese philosophy (AD LUMEN, 2019) with the trinomial wisdom-love-courage. Regarding the question of whether environmental education interventions such as these may or may not assist in the development and manifestation of values that contribute to the formation of human beings more capable of building Sustainable Societies, most participants report had left the interventions with the perception of a “good meeting”, sharing dreams, joys and stories, which according to Espinosa (2009) can increase the power of action, the ability to create new realities. The experience itself already configures transition. Therefore, it is concluded that Environmental education interventions that use the tree image can help in the development and manifestation of values that contribute to the formation of human beings more apt to build Sustainable Societies, as long as they promote “good meetings”.

Keywords: Tree, Human values, Sustainable societies, Environmental education

Lista de Figuras

Fig. 1 – Pau de fita	pg. 31
Fig. 2 – A Árvore da Vida	pg. 37
Fig 3 – Árvore da Vida – Versão Alquimista	pg. 38
Fig 4 – Árvore da Vida – Versão Anglicana	pg 39
Fig 5 e 6 – Gorsky	pg. 40
Fig 7 a 14 – Monet	pg. 41
Fig 15 a 18 – Van Gogh	pg. 43
Fig 19 a 22 – Munch	pg. 44
Fig 23 a 25 – Cézanne	pg. 45
Fig 26 a 28 – Klimt	pg. 46
Fig 29 – Klimt	pg. 47
Fig 30 e 31 – Schiele	pg. 47
Fig 32 e 33 – Schiele	pg. 48
Fig 34 a 36 – Mondrian	pg. 48
Fig 37 e 38 – Paul Signac	pg. 48
Fig 39 – Joan Mitchell	pg. 49
Fig 40 – Alexandre Hollan	pg. 49
Fig 41 – Arcimboldo	pg. 50
Fig 42 – Tarcila do Amaral	pg. 50
Fig 43 – Rén	pg. 80
Fig 44 – Método Oca	pg. 104
Fig 45 e 46 – Oficina 1	pg. 112
Fig 47 a 52 – Oficina 1	pg. 113
Fig 53 a 61 – Oficina 2	pg. 116
Fig 62 a 65 – Oficina 3	pg. 120
Fig 66 – Composição Oficina 4	pg. 123
Fig 67 – Composição Oficina 4	pg 124
Fig 68 – Oficina 5	pg. 139
Fig 69 – Composição Oficina 5	pg. 141
Fig 70 – Composição Oficina 5	pg. 142
Fig 71 – Nuvem de Palavras	pg. 151
Fig 72 – Sistematização de Valores	pg. 153
Fig 73 – Sistematização das Oficinas	pg 153

“As árvores sabem que a única razão da sua vida é viver. Vivem para viver. Viver é bom. Raízes mergulhadas na terra, não fazem planos de viagem. Estão felizes onde estão. Enfrentam seca e chuva, noite e dia, chuva e calor, com silenciosa tranquilidade, sem acusar, sem lamentar. E morrem também tranquilas, sem medo. Ah! Como as pessoas seriam mais belas e felizes se fossem como as árvores. É possível que os estóicos e Espinosa tenham se tornado filósofos tomando lições com as árvores.

Olhando para as árvores, tive um momento a ideia de que Deus é uma árvore em cuja sombra nós, crianças, brincamos e descansamos. Pura generosidade sem memória.

Acho que o verdadeiro, sobre São Francisco, não é que ele tenha pregado aos peixes e pássaros. A verdade é que ele ouviu o sermão das árvores. Por isso ficou tão manso, tão tranquilo. Ele tinha a beleza das árvores. Estava reconciliado com a vida. Então os pássaros fizeram ninhos nos seus galhos e os peixes comeram dos seus frutos que caíam na água...”

(Sermão das Árvores, Rubem Alves).

APRESENTAÇÃO

No ano 415 a filósofa Hipátia foi morta brutalmente porque sua fé na ciência a impediu de se render aos caprichos de uma religião que obliterava o livre pensar. Ela dedicou sua vida aos mistérios do Universo, à beleza das órbitas dos planetas, enquanto tudo ao seu redor era violência, terror, injustiça, crueldade, intolerância. Enquanto os homens, justificados pela fé, praticavam atrocidades, esta mulher tão conectada ao cosmo e à verdade foi considerada uma bruxa.

Hoje, aqui, tentando iniciar a escrita da minha tese de doutorado, questiono minha fé, e busco respostas que possam ir além do conhecimento hegemônico. Aos prantos, me pergunto por que naquele momento da derrubada da biblioteca da Alexandria, o ser humano separou Deus e Ciência como duas coisas incompatíveis. E será que essa separação foi irreversível? Hoje, também presencio violência, crueldade e intolerância em todos os noticiários... Não quero ouvir nem ver, mas não consigo fugir de notícias terríveis como as mortes de tantos líderes de minorias oprimidas, de tantas pessoas comuns que apenas se manifestaram em defesa da justiça, e de pessoas que buscam uma sociedade de paz. Na minha mente vejo os rostos de Marielle, dos manifestantes Venezuelanos, ... Enquanto eu aqui, protegida, aquecida e alimentada, me consumo na busca de formas orbitais como Hipátia. Será que meus pensamentos podem ter alguma utilidade neste momento?

Então me recordo dos passos que trilhei até aqui. Nasci em São Paulo e ganhei o nome de Giovanna devido à comunidade italiana do bairro do Bixiga que acolheu meus pais vindos do Mato Grosso do Sul em busca de uma vida digna, como tantos vindos de tantas outras partes do Brasil. As férias passadas com meus avós geraram em mim um ideal de vida em meio à natureza e aos 17 anos optei pela faculdade de Agronomia sem ter plena (ou nenhuma) consciência do que isso significava, apenas com o desejo de viver permanentemente a sensação das férias de infância. Hoje percebo que essa saída de casa só me distanciou de mim mesma e me colocou em um ambiente de loucuras onde ao final de alguns anos me vi frustrada em todas as áreas da vida ao ponto de perder a vontade de viver. Do fundo do poço busquei a espiritualidade e percebi que me sentia acolhida e amparada em qualquer templo ou casa de qualquer religião – cristã, católica, budista, espírita, hindu, candomblé – assim como no mar, num rio ou floresta... Mas foi um curso de meditação que me ofereceu uma oportunidade de recomeçar de me descobrir como ser humano e divino através de uma metodologia de práticas intensas e diárias, de uma entrega completa.

Após dois anos de meditação em novos bons encontros me levaram a conhecer o querido mestre Sim de Cingapura, cujas palestras e convívio por 15 anos me ensinaram os princípios da natureza humana, a importância do desenvolvimento de virtudes como sabedoria, amor e coragem, para transformação pessoal e a possibilidade segundo Confúcio de chegarmos a uma transformação mundial pautada na educação de valores. Junto com o mestre Sim conheci também meu companheiro Juliano, um ser humano absorto na busca por si mesmo e pelo amor ao próximo. Os ideais de vegetarianismo, a compaixão, a empatia, a justiça, a igualdade da essência, foram as disciplinas básicas do meu convívio com o mestre Sim, com Juliano e nossos companheiros de jornada.

Nos últimos cinco anos ganhei novos mestres que vêm contribuindo para que todo esse aprendizado seja colocado em prática, deixando de ser apenas um sonho. Meu orientador Marcos Sorrentino e a Oca toda, com tamanha benevolência e senso de justiça, me oportunizaram uma convivência de respeito igualdade como eu jamais havia experimentado, com pessoas entregues de corpo e alma ao ideal de construir um mundo melhor, aqui com o novo nome que aprendi: Sociedades Sustentáveis. E tantos outros mestres têm contribuído com o meu aprofundamento em mim mesma, como Aline Schulz, que me mostra a cada dia que a nossa razão de existir é equilibrar as nossas 4 raízes - física, emocional, mental e espiritual - pois somos como árvores e devemos estar firmes para crescer e gerar frutos. Mas nada disso teria sido tão intenso não fosse a presença de Iara Luz, através de quem o Universo me permitiu ser mãe mesmo sem gerar e conhecer o Amor mais sublime, mas também o medo mais agonizante, a oportunidade de amar, de cuidar, de servir e me alegrar e me virar do avesso e renascer outra pessoa com ainda mais vontade de ver o Bem se espalhar e tomar toda a Terra.

Tudo o que meu coração deseja hoje é que o ser humano encontre a Espiritualidade de Hipátia, não a das religiões que dividem, mas a da Virtude que une, da justiça, do respeito, da benevolência. A única certeza que eu tenho é a de que se as pessoas se vissem umas às outras como iguais, e se vissem iguais (em beleza e direito de existir) a tudo o mais que há – plantas, animais, minerais etc. - haveria então a paz. Mas como uma tese de doutorado pode auxiliar nisso?

Sinto que não há, de fato, nenhuma separação entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. O que há é uma grande variedade de conceitos, como várias línguas que explicam a mesma coisa. Muitas pessoas podem discutir teorias diferentes a respeito de uma mesma palavra, mas quando superamos as barreiras dos conceitos é que podemos enxergar o que realmente importa.

Nesta jornada pelo doutoramento, creio que contaminada pela desesperança desta época de loucuras políticas, ambientais e sociais, enfrentei uma depressão e uma vontade terrível de desistir do ser humano. Neste momento, andando pela cidade de São Paulo, avistei alguns Ipês lindamente floridos em frente a um famoso e caríssimo hotel. Diante de um dos Ipês, uma jovem parou e começou a fotografar. Eu não acredito em coincidências, sei que tudo são sinais, oportunidades de aprendizado. Naquele instante aprendi que o ser humano tem em si a capacidade de se encantar, mesmo em meio ao pior.

Então, tal qual Valdir Cruz – O Caçador de Árvores, segundo Ignácio de Loyola Brandão (Cruz, 2010) – que buscava incansavelmente árvores para imortalizar em suas fotografias dentro do Estado de São Paulo, “*de Itaberá a Cunha, de Rifaina a Ibitinga, de Estiva a Santa Fé do Sul*”, passei a procurar referências que pudessem auxiliar a inspirar as pessoas na descoberta desse encantamento com as árvores.

Início apresentando os referenciais teóricos que pautaram a prática deste estudo, de forma que, na primeira parte do trabalho, são explanados conceitos relativos a: educação ambiental, artes, árvore, educação e sociedades sustentáveis, que embasaram as intervenções; foram percorridos vários aspectos da dimensão simbólica da árvore e sua importância em diversas expressões artísticas; abordou-se algumas dimensões da filosofia chinesa, que foi integrada como fundamentação para a prática e ainda discorreu-se a respeito de valores na educação. Na segunda parte do trabalho, foram apresentadas cinco intervenções realizadas para este estudo exploratório. Em seguida, efetuou-se uma análise destas intervenções e considerações a respeito das contribuições oferecidas; além das Referências Bibliográficas e Apêndices.

Assim apresento o meu trabalho, que ele seja útil a quem assim o desejar. Amém!

INTRODUÇÃO

Quando falamos de Educação Ambiental estamos reafirmando a necessidade de uma transformação de conceitos, atitudes e da própria sociedade. Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA (BRASIL, 2016), “entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, reconhece o papel central da educação na formação de valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para o benefício do meio ambiente. O presente projeto propõe um estudo sobre valores necessários à construção de Sociedades Sustentáveis e sua aplicação na Educação Ambiental. Para tanto, foi realizada revisão bibliográfica e aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas em intervenções realizadas em diversos tipos de ambientes e públicos. Foram realizadas oficinas denominadas “Eu, a Árvore”, trabalhando valores a partir da imagem da árvore através de Intervenções que se utilizam de expressões artísticas, como música, literatura e teatro. Optou-se por utilizar a imagem da árvore devido a sua forte característica arquetípica e simbólica; e por utilizar a sensibilização através das artes porque, como afirma Silva (2008), ela nos conecta com dimensões humanas internas e externas, articulando-as simultaneamente, e potencializa as nossas capacidades relacionais. Além disso, segundo Bonotto (2008), no trabalho com valores é necessário trabalhar as dimensões da afetividade e da ação, além da cognição.

O objetivo geral que pautou a presente pesquisa foi o de contribuir para a produção de conhecimento sobre procedimentos de Educação Ambiental voltados ao desenvolvimento de valores que auxiliem na formação de cidadãos comprometidos com a construção de sociedades sustentáveis. Já os Objetivos Específicos foram:

- 1 - Contribuir para o aprofundamento dos conceitos de “Sociedades Sustentáveis” e “valores” para Sociedades Sustentáveis e da temática “árvore” no contexto da Educação Ambiental;
- 2 - Elaborar um diagnóstico sobre valores necessários à formação de cidadãos comprometidos com a construção de sociedades sustentáveis;
- 3 - Propor, realizar e analisar atividades de Educação Ambiental, através da temática “árvore”, voltadas ao desenvolvimento de valores comprometidos com a construção de Sociedades Sustentáveis.

A pesquisa exploratória foi motivada pela seguinte pergunta: Intervenções de Educação Ambiental que utilizam a simbologia da Árvore através de expressões artísticas podem auxiliar no desenvolvimento e manifestação de valores que contribuam para a formação de seres humanos mais aptos à construção de sociedades sustentáveis? Como?

A pergunta de pesquisa foi então desdobrada em duas outras: primeira busca saber: intervenções de Educação Ambiental podem auxiliar no desenvolvimento de valores humanos? Como? A segunda: quais são os valores necessários para formação de um ser humano mais apto à construção de sociedades sustentáveis?

PARTE I

1. A Educação Ambiental

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. (Carta da Terra)

A crise ambiental é um dos reflexos de uma crise ainda mais ampla: a da própria sociedade contemporânea, possuidora de tecnologias cada vez mais poderosas e ainda ancoradas em visões de mundo colonialistas e capitalistas. A busca por soluções para as questões ambientais e sociais não pode se separar da educação, pois é o fator primordial para a formação de visões de mundo, valores, sistemas de pensamento.

Morin (2004) chama a atenção para processos educativos que evidenciem a complexidade e a multidimensionalidade do ser humano e das sociedades, a unidade e a diversidade humana, a era planetária, a incerteza do conhecimento e do futuro, a compreensão. Não basta uma compreensão intelectual, pautada pela inteligibilidade e pela explicação. É necessária uma compreensão humana intersubjetiva, que comporta um conhecimento de sujeito a sujeito, um processo de empatia, identificação, abertura, simpatia e generosidade. Nesse sentido, Menezes e Santos (2010) defendem que a homogeneização cultural deve ser revertida por meio de uma ecologia de saberes, que considera a presença de diferentes culturas com diferentes lógicas e formas de pensar.

A superação da crise apenas será possível por meio de mudanças profundas na estrutura e nas visões de mundo vigentes. A Educação Ambiental, como tema transversal ou através da educação não-formal, tem se mostrado um caminho mais livre para o trabalho com valores do que os conteúdos muitas vezes engessados da educação formal.

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (TASSRG, 2016), reconhece o papel central da educação na formação de valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para o benefício do meio ambiente. O Tratado afirma que “são inerentes à crise, a erosão dos valores básicos e a alienação, e a não participação da quase totalidade dos indivíduos na construção do seu

futuro” (pg 1). Segundo o mesmo, a Educação Ambiental não é neutra, mas ideológica; é ato político baseado em valores para a transformação social.

Quando falamos de Educação Ambiental estamos reafirmando a necessidade de uma transformação de conceitos, atitudes e da própria sociedade. Sato (2004) afirma que a Educação Ambiental nasceu por força do movimento social que defende comportamentos em consonância com a sustentabilidade e que favoreçam a participação pública efetiva nas tomadas de decisões.

Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795, de 27/04/1999 (BRASIL, 2016), a Educação Ambiental deve estar presente, “de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”, e deve ter como princípios básicos “o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo”; (...) a vinculação entre a “ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais”; (...) “o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural, entre vários outros aspectos”; objetivando, por exemplo, “o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos”; (...) “a construção de sociedades ambientalmente equilibradas, fundadas nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade; o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade” (BRASIL, 2016).

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, construído coletivamente por educadores e educadoras ambientais de diversos países após a mobilização da I Jornada Internacional de Educação Ambiental realizada no Rio de Janeiro, em 1992, durante o Fórum Global da Eco/92, evento paralelo a Rio 92, foi considerado um grande marco documental na Educação Ambiental, desde a forma participativa de sua construção até a proposta de construção de sociedades sustentáveis, no plural, respeitando diferenças geográficas, étnicas, culturais, sociais e políticas e tendo como horizonte a responsabilidade global assumida localmente, e por sua visão de que os sujeitos da aprendizagem somos todos nós, seres humanos (Alves e Viezzer, 2014).

De acordo com as autoras acima citadas, o Tratado conceitua a Educação Ambiental para uma sustentabilidade equitativa como um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. O Tratado anima a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em nível

local, nacional e planetário. O Tratado considera que a preparação para as mudanças necessárias depende da compreensão coletiva da natureza sistêmica das crises que ameaçam o futuro do planeta. As causas primárias de problemas como o aumento da pobreza, da degradação humana e ambiental e da violência podem ser identificadas no modelo de civilização dominante, “que se baseia em superprodução e superconsumo para uns e subconsumo e falta de condições para produzir por parte da grande maioria”. Considera que são inerentes à crise a erosão dos valores básicos e a alienação e a não-participação da quase totalidade dos indivíduos na construção de seu futuro (TEASSRG, 2016).

A Oca - Laboratório de Educação e Política Ambiental da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) – considera que os cinco pilares que promovem a sustentabilidade dos processos educadores são os conceitos de identidade, comunidade, diálogo, potência de ação e felicidade (Alves e Sorrentino, 2010b). Os autores afirmam que a Educação Ambiental “busca na dialética indivíduo - planeta e no diálogo Eu - Tu proposto por Martin Buber, aprofundar percepções mútuas, que permitam o fluxo de significados e o recolhimento de nossos pressupostos de raiz, como nos lembra David Bohm”. Lembram-nos ainda que o exercício de desvelamento descrito por Eda Tassara (Tassara e Ardans, 2005, apud Alves e Sorrentino, 2010b, p.7) possui a capacidade de inserir o sujeito no contexto social como agente educador “politicamente empoderado para transformações sociais emancipatórias, conforme proposto por Paulo Freire. A potência de ação do sujeito, consequência desse processo, vem da sua participação no coletivo a partir dos chamados ‘bons encontros’, sob o olhar de Espinosa”. O resultado deste processo é a tão buscada felicidade (Alves e Sorrentino, 2010b, p. 7).

Tavares, Brandão e Schmidt (2009) analisam que a Educação Ambiental deve desenvolver a competência de auxiliar o sujeito na percepção do espaço onde ele vive, do Outro pelo qual é constituído. Os autores acreditam que a relação do ser humano com o meio deve ser conquistada através da sensibilidade, da percepção e da reflexão crítica. Salientam, entretanto, a existência de uma visão equivocada sobre “sensibilização”, muitas vezes adotada nas práticas da Educação Ambiental, assim como aquela implícita em “ações pontuais de abraçar árvores ou oficinas de reciclagem de papel, sem nenhuma postura crítica dos modelos de consumo vivenciados pelas sociedades, ou pela análise do modo de relação dominante do ser humano sobre a natureza, com alto valor antropocêntrico” (SATO, 2001, p. 3, apud TAVARES, BRANDÃO e SCHMITD, 2009). Torna-se necessário o exercício da sensibilidade com base em um processo educativo que possibilite, através da valorização, do

reconhecimento, da ação/transformação e da responsabilidade, uma relação ética e estética, de ordem sustentável e consciente, do sujeito com o meio.

Para Jacobi (2003) o principal eixo de atuação da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas.

1.1 A Sensibilização Ambiental através das Artes

Manoel de Barros (2010) nos adverte poeticamente que “a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. E, segundo Unger (1991), o

reencantamento do mundo significa redescobrimos aquilo que nos constitui, reencantar o mundo é poder ter novamente uma visão de realidade que não se reduza à reificação. (...) Para fazermos outra experiência do Ser, da Natureza e de nós mesmos, redescobrimos a compreensão do Universo como hierarquia de forças e intencionalidades que tem seus próprios reinos, suas realidades que se manifestam também na natureza aqui no planeta Terra (1991: p. 56,57).

Segundo Morin (2003), as artes cumprem o papel de nos levar à dimensão estética da existência e nos ensinar a ver o mundo esteticamente, já que em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana. Morin (2004) afirma que o ser humano somente se realiza plenamente pela cultura e na cultura. Para o autor (*id. ibid.*, p. 105-106), todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o “desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”. Todos possuem uma identidade genética, cerebral e afetiva comum em suas diversidades individuais e podem desenvolver identidades concêntricas e plurais: etnia, pátria, comunidade de civilização, cidadania terrena. Ao ser solicitado pela UNESCO a sistematizar um conjunto de reflexões que pudessem ser ponto de partida para repensar a educação do futuro, o autor responde que, para a educação do futuro, é necessário situar a condição humana no mundo, colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, as também a literatura, a poesia, as artes.

Rubin (2016), ao estudar a imagem como forma de sensibilização, lembra teorias kantianas que separam duas fontes de conhecimento: a sensibilidade e o entendimento. Para ele, é por meio da sensibilidade que percebemos os objetos, cujas representações, por sua vez, correspondem às percepções dos sentidos, no espaço e no tempo. As percepções ou intuições

constituem-se como matéria-prima do conhecimento. Fazendo uso dos sentidos, o pensamento delimita e organiza a experiência empírica, levando ao entendimento e à formação de conceitos. Sendo assim, seria necessário desenvolver as duas faculdades para alcançar a plenitude do conhecer. A autora propõe discutir a possibilidade de, por meio da imagem, desenvolver a sensibilidade humana, educar e humanizar o homem, frisando a ideia de que as artes abarcam a totalidade do homem: o sensível, o ético e o cognitivo. Para tanto, também relembra Hegel (1996, *apud* Rubin, 2016), para quem as artes são formas de manifestação do espírito, que suscita em nós sensações agradáveis, cujo fim último é despertar a alma.

Marin e Oliveira (2005), estudando a experiência estética nas obras de Dufrenne e Quintás, relacionam ética e estética, na medida em que a experiência estética provoca um mergulho profundo na vida humana. Segundo os autores, essa experiência precisa ser comprometida com a expressão de realidades valiosas, reveladas na contemplação, em detrimento de superficialidades e interesses de domínio. Neste sentido, o belo inspira, mobiliza a alma inteira e a torna disponível, sendo o símbolo do bem, de que somos capazes de realizar o bem, pois o desinteresse próprio do prazer estético é o índice da nossa vocação moral.

Os autores acima citados (2005) afirmam que a vivência estética é o estado da existência humana onde a fluidez do fenômeno perceptivo se revela. É nessa dimensão que se torna clara a riqueza e a completude do percebido, amplidão por vezes ofuscada na sistematização conceitual. Os mesmos apontam que o *Homo aestheticus* é alguém que “sente com os sentidos”, que está emaranhado nas teias do mundo a que percebe e que com ele se relaciona de múltiplas formas, marcadas pela afetividade, pela emoção, pela memória e, enfim, por todas as capacidades e dimensões que o constroem além da racionalidade. O *Homo aestheticus* não objetifica o mundo, mas o percebe poeticamente, e a poesia que permeia sua percepção deriva justamente de sua imersão no mundo. O belo é reflexo da necessidade que o ser humano tem de sentir-se no mundo, de maneira que a experiência estética, mesmo que não revele sua vocação, significa a experiência de sua relação profunda com o mundo.

Segundo Silva (2008) as artes nos conectam com nossas dimensões internas e externas, articulando-as simultaneamente, e potencializa as nossas capacidades relacionais em um processo de criação e recriação constante e aberto. A autora afirma que as artes tornaram-se indispensáveis à vida do ser humano pelo fato de se diferenciar das outras áreas e atividades humanas e defende a sensibilidade artística e apreciação estética como uma estratégia mobilizadora para a reconstrução da relação do ser humano com a natureza.

Para Marin (2007) nossas dimensões fluidas – sensibilidade, criatividade, imaginação, intuição - vão perdendo vitalidade diante das imagens prontas e homogêneas do ambiente. A educação precisa cumprir seu papel reconhecendo esta super-deseducação que se alastra e tudo invade no imaginário e no cotidiano, nos sonhos e nos projetos que se efetivam. Essa dessensibilização é barbárie (RAMOS- DE-OLIVEIRA, 2001, *apud* MARIN, 2007).

Dentre deste contexto educacional, a Educação Ambiental tem a tarefa de buscar novas formas de relacionamento entre ser humano e natureza, pautadas em um posicionamento ético, mas carrega as dificuldades impostas por um modelo de educação engessado, pautado na lógica da racionalidade técnico-científica que permeia toda a sociedade. Na tentativa de superar essa condição, Silveira (2009) propõe a educação estética ambiental como forma de o ser humano relacionar-se com o mundo que habita, tendo o desafio de provocar o reencontro do humano com as dimensões sensível, afetiva e poética que o compõem. Novas possibilidades têm surgido como importantes aportes, como aquelas que expandem o campo da educação ambiental, privilegiando novos diálogos com campos como a Filosofia, a Sociologia e as Artes. É justamente nestas últimas que o autor foca sua atenção, na dimensão estética da educação que considera a necessidade de buscar, na ressensibilização do ser humano, através da criação de novos espaços de subjetividade e modos de viver, uma alternativa ao enrijecimento do humano pela atitude fria da racionalidade técnico-científica moderna, que permeia toda a sociedade e faz-se presente também no campo educacional. O autor afirma que os objetivos da educação estética, quando propõe a necessidade de buscar a concretude do ser humano, dando vazão às outras dimensões deste, como a afetiva, poética e sensível, se relacionam intimamente com os da educação ambiental que procura, através da problematização da relação ser humano-ambiente, levar a um posicionamento ético. Esta educação estética busca refletir sobre a inserção de uma proposta artística como meio de se chegar aos objetivos necessários à educação ambiental.

De acordo com Silveira (2009) as demandas atuais apresentadas à educação ambiental – formação de novos valores, ressignificação da relação sociedade-ambiente, ressensibilização do ser humano e dos seus modos de viver, etc. – exigem um movimento transformador, um processo de educar. Assim sendo, a educação estética procura possibilitar o reencontro com o mundo ao redor, tornando o ser consciente do lugar que habita e que o circunda. Em seguida, procura possibilitar o despertar de dimensões adormecidas essenciais na busca de um ser humano integral que possa agir nesse mundo reconhecido e habitado esteticamente. Estando

com o mundo, o sujeito deixa de analisá-lo como algo externo e passa a fazer parte dele vivenciando-o como “um igual”. Desta maneira não haveria separação entre sujeito e objeto. A educação estética ambiental parte do princípio de que somente um novo tipo de relação entre ser humano e ambiente pode formar indivíduos verdadeiramente aptos ao enfrentamento das questões socioambientais atuais. A educação estética ambiental considera que em essência estamos unidos à natureza, ao mundo, ao lugar habitado. “Se a base de onde surge a relação ser humano-ambiente é o mundo da vida ou, como princípio, a natureza, o local onde se deve buscar essa nova relação é inicialmente na relação com o mundo. Ou seja, nenhuma educação será efetivamente ambiental – e nem mesmo educação – se não partir da realocação do ser humano no mundo” (Silveira, 2009). O autor também cita Dufrenne:

A natureza me fala e eu a escuto. (...) E ao me falar de si, ela me fala de mim; não que ela me restitua a mim mesmo, à minha história ou à minha singularidade; nem mesmo que ela me ensine explicitamente minha humanidade: a experiência do céu estrelado é análoga, mas não solidária, à experiência da lei moral; o céu estrelado não me diz que eu seja razão ou capaz de razão. Mas ele me diz, ao menos que essa presença imensa é uma presença para mim, eu que estou, portanto secretamente ajustado a esta imensidade. (Dufrenne, 1972, p. 76, *apud* Silveira, 2009).

Para Marin e Oliveira (2005) ressensibilizar o ser humano é tarefa da educação nos dias atuais. A educação, que primou pela sistematização do mundo, hoje precisa ensinar o ser humano a reencontrar-se com o mundo, a misturar-se à natureza e repensar suas necessidades. E as artes são caminho para a desconstrução. Da identificação do humano com a natureza, expressa na linguagem artística, brotam a necessidade de novos valores. As artes abrem perspectivas autônomas e pode levar o ser humano a se emancipar daqueles valores que, pela razão ou pela heteronomia de um imaginário social, são-lhe incutidos como necessidades. Quem vivencia o fenômeno da experiência estética tem diante de si um mundo muito mais amplo e flexível que aquele desenhado pelas sociedades de consumo. Ao notarmos que “(...) a paisagem, o som dos animais, o movimento e o cheiro das plantas, o mistério das águas e tantos outros elementos da natureza preservada invadem as expressões artísticas do ser humano” (Marin e Oliveira, 2005) podemos compreender a analogia entre a epifania da experiência estética e a da experiência de interação do ser humano com a natureza. Os autores afirmam que a educação ambiental tem sido muitas vezes o ensinamento de comportamentos adequados e de conteúdos científicos, e precisa ser mais que isso.

Ao se entender o processo da sensibilização realizada pela educação ambiental é possível que os sujeitos da pesquisa se percebam como sujeitos coletivos que podem intervir

na realidade, constituindo novas relações entre si e deles com a natureza tornando a educação ambiental uma estratégia fundamental para que essa nova percepção seja alcançada (Martins, 2013).

“Acariciar uma planta, contemplar com ternura um pôr-do-sol, cheirar o perfume de uma folha de pitanga, de goiaba, de laranjeira ou de um cipreste, de um eucalipto, são formas de viver em relação permanente com esse planeta generoso e compartilhar a vida com todos os que o habitam ou o compõem” (Gadotti, 2000 *apud* Martins, 2013, p. 40).

Segundo Krüger (2007), a Educação Ambiental busca restabelecer as relações perdidas entre homem e natureza a partir do sentimento de pertencimento ao ambiente e da valorização da subjetividade e afetividade, contribuindo para o desenvolvimento do espírito crítico sobre a racionalidade hegemônica. Para Ruiz e Schwartz (2002) O processo de educação ambiental tem sido baseado em intervenções pouco significativas para os educandos, o discurso ecológico não é capaz de provocar atitudes e valores transformadores. Para o despertar da consciência ecológica é preciso afetar, tocar, envolver, enfim, sensibilizar os indivíduos, de maneira a estimular uma força e um empenho intrínsecos na reconstrução dos valores, crenças e atitudes. A falta de sensibilidade perceptiva, unida à falta de tempo, à ganância e à influência da ciência e da atual forma de vida, afasta o homem da natureza e da sua própria totalidade.

2. A Árvore como Símbolo

2.1 A Dimensão Simbólica

Henri Piéron define símbolo como “signo destinado a representar um objeto, um ato, uma situação, um conceito, podendo substituí-lo quando necessário for” (Piéron et. al, 1951, *apud* Augras, 1998, p. 9). Segundo Augras (1998), a relação entre o símbolo e o objeto é uma relação abstrata, estabelecida em termos de irrealidade. O mundo externo ao ser interiorizado pelo sujeito sobre transformações, perdendo sua naturalidade bruta para dar forma ao universo simbólico. A capacidade de orientar-se em termos simbólicos é o que distingue o ser humano dos outros animais. Piaget, quando fala sobre as etapas do desenvolvimento humano, mostra a passagem da etapa sensório motora até que a criança se torne dona do instrumento lógico e simbólico. A criança passa por uma etapa pré-operatória, depois para as operações concretas, até alcançar a liberdade intelectual na etapa das operações formais, onde ela possui o domínio deste universo. O desenvolvimento da função simbólica não é determinado nem por fatores somente ambientais, nem somente genéticos, mas permite sentir toda a complexidade das relações dialéticas do ser humano no mundo, integrando a realidade dentro do sujeito. O microcosmo existe dentro do macrocosmo, mas o macrocosmo também existe dentro do microcosmo. Heidegger diz: “sou eu que faço o mundo ser para mim”, ou seja, construindo seu universo simbólico, o ser humano concede existência ao universo todo. Assim sendo, o símbolo é todo o universo da humanidade. Toda linguagem é simbólica em sua essência e o ser humano também pode ser chamado de animal *symbolicum*.

Para Augras (1998), as “intuições poéticas” são uma capacidade de exprimir os símbolos latentes no grande corpo social. Vários sistemas de interpretação de símbolos tratam os mitos como alegorias que teriam função de trazer para a consciência conteúdos inconscientes. Desta forma, as artes teriam a finalidade de recriar a mística. Toda arte seria invocação.

O mundo simbólico de cada indivíduo implica em primeira instância o contexto do esquema simbólico do grupo ao qual pertence e, em seguida, o seu próprio sistema de símbolos construído a partir de experiências individuais. Indivíduos tidos como razoavelmente ajustados não apresentam discordância entre o seu mundo simbólico e as significações socialmente admitidas. Os chamados “gênios” podem antecipar a semântica de símbolos sociais, trazendo à tona símbolos ainda latentes ao grupo, e podendo assim ser considerados desajustados. Os casos tidos como patológicos são aqueles onde há distorções

entre os dois modelos de símbolos: o do contexto social e o vivenciado no delírio (Augras, 1998).

A perspectiva psicológica do universo simbólico é a da interpretação, da compreensão, diferente da filosofia, para a qual existe uma relação entre os símbolos e uma realidade maior. Jung, por exemplo, realizou testes de Associação de Palavras, descobrindo que certas palavras provocavam perturbações associativas, que indicariam a presença de um conteúdo emocional, um complexo de ideias com forte carga afetiva, ao qual ele denominou “complexos”, agrupamentos de conteúdos que atraem afetos correlatos.

Segundo Horshutz (2019) uma analogia com as árvores ajuda-nos a compreender os benefícios da Psicologia para o indivíduo. As árvores expandem sua copa até o céu e mergulham suas raízes no solo, universalmente são tidas como símbolo da vida e portanto são uma representação simbólica do psiquismo humano. Uma árvore que possua poucas raízes e muitos ramos, facilmente pode ser arrancada, derrubada, desarraigada. Já uma outra, com abundantes raízes, mas uma pequena copa, dificulta a função nutridora da seiva, faltando-lhe assim energia e elementos vitais. Portanto, para uma árvore ser saudável e bela, tanto suas raízes como sua copa precisam crescer de maneira semelhante, e assim oferecer no momento correto flores, frutos, sombra e acolhimento. O mesmo é necessário ocorrer na psique de cada indivíduo, para que ele possa se realizar e realizar-se no mundo. A psicologia, portanto abre caminhos que conduzem ao autoconhecimento, para que as vivências da vida não se transformem em amargura, nem em indiferença e sim se cristalizem em experiências de sabedoria.

Segundo Borsa (2010), o desenho passou a ser utilizado como técnica de avaliação psicológica a partir do século XX para investigar habilidades cognitivas e características de personalidade. Os desenhos passaram então a ser analisados sob diferentes perspectivas. A perspectiva cognitiva entende o desenho como medida de avaliação cognitiva. A avaliação projetiva, por outro lado, entende que o desenho é uma forma de manifestação dos aspectos inconscientes da personalidade. Dentre os testes projetivos mais conhecidos está o chamado HTP (House – Tree – Person, ou Casa – Árvore – Pessoa). O HTP foi criado por John Buck em 1948 e é hoje o único teste gráfico projetivo para uso no contexto profissional da avaliação psicológica no Brasil. O HTP estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito dentro da situação terapêutica e proporciona uma compreensão dinâmica das características e do funcionamento do indivíduo.

Campos (2014), contudo, adverte que o processo de avaliação psicológica não deve ser realizado de maneira mecânica e que por trás de cada número há sempre uma pessoa. O

profissional deve ser muito bem preparado para trabalhar com essa ferramenta e deverá perceber se há a necessidade de aplicá-la ou não. O olhar atento do psicólogo deve ir muito além de resultados de testes.

Para a psicóloga clínica Angelita Scárdua (2019) Tanto as experiências de nossa vida cotidiana quanto as figuras que transcendem essas experiências são representadas em linguagem simbólica, seja por meio de parábolas e/ou metáforas. Existem símbolos que são universalmente aceitos e podem ser encontrados nas mais diversas culturas, alguns associam-se ao nosso desejo de transcender, como as Montanhas; outros expressam nossa luta cotidiana no plano da existência material, como a Espada; outros traduzem a nossa interdependência do mundo físico, como a caverna; e há aqueles que visam simbolizar a interação dinâmica entre esses vários níveis da experiência, a Árvore é o principal deles.

A Árvore como um símbolo sagrado é encontrada em várias culturas humanas e nas mais diversas épocas de nossa história. A Árvore representa a estrutura do universo, sendo que seus galhos simbolizam a conexão com as dimensões superiores da existência, ao passo que a raiz evoca a nossa vinculação com os aspectos mais primitivos e funcionais de nossas vidas. Da mesma forma, as múltiplas dimensões da Árvore e seus frutos representam os atributos positivos do eterno. A Árvore Sagrada faz parte da tradição de povos tão distintos quanto Maias, Escandinavos, Chineses, Maoris, Africanos e Hebreus.

Em nossa maneira de tentar explicar a nossa própria existência em suas diferentes dimensões, conferimos às experiências vividas valores distintos, em função basicamente das sensações e sentimentos desencadeados por cada um dos eventos que experienciamos. Um dos recursos simbólicos que utilizamos para eternizar uma experiência e dar-lhe significado é a metáfora espacial. A metáfora espacial implica na distribuição dos eventos no espaço geográfico de forma que sua função esteja associada a um determinado local/região do nosso campo de percepção/ação. Por exemplo, a Mandala, sua forma circular confere uma ênfase especial ao centro que representa o ponto de origem, e que por conseguinte encerra a idéia de união, assim como de equilíbrio, já que todo o movimento circular gira em torno desse ponto, que se torna tanto o distribuidor quanto o catalisador do movimento. Encontraremos essa metáfora espacial da Mandala/Círculo em lugares tão diversos quanto “O Esquema Cabalístico da Criação” quanto nas Danças Circulares Sagradas.

A Metáfora Espacial revela a força que as dimensões espaciais possuem em nossa interpretação do mundo, assim como pode nos ajudar a entender suas conotações arquetípicas. Os conceitos de “acima” e “abaixo”, por exemplo, possuem numerosas associações conotativas que tem um caráter universal. Em culturas de línguas diferentes, a idéia de sentir-

se bem é associada a dimensão espacial do alto, do movimento crescente: “pra cima”, “no topo”. Por outro lado, quando nos sentimos tristes, derrotados, apáticos usamos expressões que remetem a dimensão espacial do baixo, do movimento decrescente: “no fundo do poço”, “no limbo”, “na sarjeta”, etc. Da mesma forma, acreditamos que podemos “superar dificuldades”, que nosso padrão de vida está “caindo” ou “subindo”, que nossas chances “foram pelo ralo” ou que atingimos “o topo”.

Na Mitologia, nos Contos de fadas, nas Religiões, assim como nas expressões do dia-a-dia, encontraremos imagens que reportam ao espaço geográfico do alto como sendo símbolo de ascensão física e/u espiritual, em paralelo, os lugares subterrâneos como cavernas, poços e minas estarão associados a idéias tristes como morte, queda e todo tipo de perda. Os Deuses que habitam os lugares altos costumam apresentar características menos humanas como inveja, luxúria, cobiça, etc., que os Deuses que habitam as profundezas da terra. Mesmo quando características muito humanas são encontradas em Deuses do alto, isso é colocado de forma lúdica, jocosa, ao passo que nos Deuses dos subterrâneos essas características são mostradas de forma destrutiva e agressiva. Também é nos subterrâneos que habitam criaturas monstruosas e primitivas como ogros e dragões, e todo a sorte de seres rastejantes, venenosos e mortais, ao passo que grande parte dos seres míticos/mitológicos tidos como superiores apresentam alguma habilidade de vôo, que muitas vezes pode ou não ser representada por asas, ou qualquer outro tipo de deslocamento que independa do contato com o solo.

Dessa forma, objetos e estruturas verticais geralmente simbolizam níveis superiores e/ou inferiores da experiência, a existência e do ser, e a Árvore Sagrada é um dos símbolos humanos que apresenta essa estrutura. A imagem do Buda Sakiamuni recebendo sua iluminação, após 49 dias de meditação profunda, sentado sob a árvore Bodhi, normalmente representada como uma figueira da Índia (na verdade, um trabalho profundo de iluminação dos 49 níveis de sua mente pela energia sagrada da kundalini, simbolizada pela Árvore do Bem e do Mal), é um forte exemplo do caráter simbólico da Árvore como expressão dos mundos superiores e inferiores. Um outro bom exemplo disso é Yggdrasil, a árvore mítica escandinava representada por um gigantesco Freixo situado no cimo de uma montanha, cujos galhos mais altos atingem o Valhalla, a morada dos deuses, e suas raízes (as forças primárias) estendem-se até duas fontes: a da primavera e a da sabedoria, guardadas pelo lobo Fenris (a Lei) e pelo gigante de gelo Mimir (as forças instintivas da natureza).

Assim como podemos também ver na Árvore da Vida dos Cabalistas, cujas raízes estão em Malkut, ou reino e o topo em Kether ou a Coroa, a árvore como símbolo arquetípico indica uma conexão entre os mundos superiores e inferiores. Tal conexão se torna possível

por meio de uma terceira estrutura da árvore, o seu tronco. É através do tronco que podemos ascender da raiz à copa, do mundo material ao mundo espiritual. No corpo humano, o simbolismo vertical de conexão entre os mundos aparece na coluna vertebral, que representaria a idéia de progresso moral e espiritual, servindo de conexão entre as funções inferiores (sexualidade, atividades de liberação de toxinas) e superiores (conhecimento, iluminação espiritual). Dessa forma, assim como o tronco, a coluna vertebral torna-se um símbolo de transcendência ou transformação.

A necessidade do tronco para se atingir a copa da árvore, fala-nos de algo muito próprio do caminho iniciático, que é a idéia de que o processo de iluminação não implica na eliminação de nossa porção animal, física, material, mas na integração desta ao movimento dinâmico da existência, de forma que isso nos permita usar essa energia telúrica, terrena, para nosso próprio crescimento (Scárdua, 2019).

2.2 A Árvore

‘A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê’. Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo. (...) Por isso - porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver - eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. Como o Jesus menino do poema de Caeiro. Sua missão seria partejar ‘olhos vagabundos’ (Rubem Alves, *A complicada arte de ver*, 2015).

A árvore da qual se pretende tratar é mais que simplesmente o indivíduo biológico e muito mais do que uma técnica de avaliação de personalidade. Pretende-se tratar aqui da árvore-imagem, a árvore-símbolo, que faz parte do nosso imaginário, embora raramente tomemos consciência disto. Para Brandão (2007), a Árvore que para os outros animais é fonte de alimento, abrigo, um sinal natural referente, para nós humanos, pode ser isto e muito mais. Tanto pode ser uma mercadoria, como o símbolo do amor pela Natureza, “uma bandeira de luta, (...) um momento de contemplação do mundo, a palavras de um poema, (...) a metáfora do bem da vida e, por isso mesmo, um ser digno de todo o carinho e de todo o direito a ser preservado em sua íntegra, ou o altar da presença do rosto de um deus” (p. 139).

Segundo Gomes e Silva (2011), nas raízes mais arcaicas das tradições religiosas e culturais pode-se compreender que a árvore é agente de comunicação entre três mundos:

subterrâneos, superfície e céus. As autoras estudaram a simbologia da Árvore na Torá e afirmam que a árvore é a figura simbólica que norteia toda a existência do mundo judaico-cristão - suas atividades, seu cotidiano - equilibrando, organizando e orientando toda a sociedade em épocas distintas. Para o judeu, a árvore fala de vida aqui e além, vida terrena e imortalidade.

Para as autoras acima citadas (2011), o jardim é o símbolo do cosmo ideal, e na árvore coexistem os mundos físicos e metafísicos. A árvore cósmica é vista como um paradigma do crescimento físico e cíclico da natureza e uma figura antecipada do amadurecimento psicológico do indivíduo, que se encontra no meio do universo e sustenta como um eixo os três mundos. A árvore ainda é símbolo do desejo da humanidade em realizar-se espiritualmente, o que pode ser observado na árvore da cruz de Cristo (árvore da redenção¹), como na árvore sob a qual Gautama Buda se iluminou².

Na Bíblia se observa a relação árvore/homem através de citações sobre as videiras, as figueiras, as oliveiras, as plantações, os carvalhos, as macieiras, o junco, em diversas comparações com a condição humana (Gomes e Silva, 2011).

Manolu et al. (2016) realizaram uma pesquisa qualitativa dos ensinamentos ambientais presentes no Alcorão e afirmam que, com relação às plantas, já há uma noção de espécie 1000 anos antes deste conceito aparecer no *Historia plantarum*, e que elas são apontadas neste livro sagrado como criação divina para que o homem cuide. Os autores afirmam que todo muçulmano deve dar sua contribuição para aumentar as áreas verdes, e que cuidar do meio ambiente não é somente uma obrigação para os muçulmanos, mas também uma importante maneira de retorno à criação. Em uma passagem, o profeta Maomé diz: “Se um muçulmano planta uma árvore ou semeia sementes, e em seguida um pássaro, ou uma pessoa ou um animal come a partir dela, isso é considerado um dom de caridade (sadaqah) para ele” (Manolu et. al., 2016, p 214). E em outro trecho: “Se a Hora (o dia da Ressurreição) estiver prestes a ser estabelecida e um de vocês estiver segurando um broto de palma, deixe-no tirar vantagem de apenas um segundo antes da hora ser estabelecida para plantá-lo” (Manolu et. al., 2016, p 214).

Monico (2001) relembra que as árvores no passado simbolizavam vida, liberdade, conhecimento, sabedoria, e faziam parte de rituais da natureza, ritos religiosos e celebrações

¹ Segundo Herder (1998), há uma estreita relação simbólica entre as árvores do Paraíso e a cruz de Cristo que devolveu o ser humano ao Paraíso. Na iconografia cristã, encontra-se também a imagem da cruz de Cristo com brotos de flores e folhas, símbolo da superação da morte.

² Após 49 dias de meditação sob a árvore Bodhi, Sidarta Gautama, levantou-se Buda (iluminado, desperto), conhecendo toda a causa do sofrimento e os caminhos necessários para se libertar dele (FRANCO, 2012). Segundo Reisler (2012), a árvore Bodhi é representada muitas vezes com duas 'emanações': uma em cima e outra em baixo, indicando que uma raiz sai da terra e outra do divino, ou seja, para alcançar a iluminação é preciso ter os pés firmes na terra, mas sorver sua nutrição do céu.

entre todos os povos da história, já tendo sido consideradas seres sagrados, elos de união entre humanos e natureza. Contudo, essa simbologia vem sendo perdida ao longo do tempo e até mesmo combatida pelo fundamentalismo religioso e pelas intenções mercantilistas.

A perda desta simbologia arbórea representa um sinal, ou talvez consequência, de uma crise mais profunda e sem precedentes na história da humanidade, e que tem nos levado à situação atualmente vivenciada de desarmonia dos seres humanos entre si e destes com a natureza, acarretando num mundo cada vez mais perturbado e caótico, que nos expõe ao risco da destruição total. Quando não se tem mais a noção do propósito original da vida, anda-se às cegas, vive-se sem sentido, através de falsas e perigosas buscas e aspirações. O consumismo desenfreado, a competição desumana, os fanatismos políticos e religiosos, os vícios, a busca do lucro a qualquer custo e a exploração irresponsável da natureza são alguns dos sinais desta desconexão do ser humano com sua origem. (Monico, 2001, p.17).

Amorim (2003), estudando danças folclóricas sagradas realizadas com “pau de fita”, afirma que o mastro ou árvore simbólica está presente em quase todas as tradições religiosas. Um exemplo é chamado “Yggdrasil” pela tradição nórdica, onde o cosmo é visto como uma árvore gigante em cujos galhos entrelaçam-se mundos desconhecidos. O mito e a manifestação “folclórica” do Mastro de Beltane é semelhante, ao seu redor dançam os elfos e outros personagens da cultura nórdica. Segundo o autor existem tradições em que a árvore é vista como imagem do cosmo, como teofania cósmica, como símbolo da vida, como centro do mundo e suporte do universo. Pode-se identificar o mastro presente no pau-de-fita com esse arquétipo reatualizado da árvore primordial. Desta forma, há o centro ocupado pela árvore, suporte do universo, como *axis mundi*, com todos os simbolismos a ela atribuídos: ascensão, união terra-céu, fecundidade (considerada elemento fálico).

Figura 1 – Pau de Fita

Fonte: AMORIM (2013)

Ferreira (2013) afirma que a árvore possui um sentido imanente e transcendental, que nasce no homem e contorna-se juntamente com seu desenvolvimento e sua atuação espiritual

nesse mundo contingente: “O ser humano, como a árvore, possui raízes que o fixam às profundezas sombrias da terra e, como espírito e luz, alteia-se no limitado espaço azul infinito. Vive entre a terra e o céu, entre o sensível e o inteligível” (Ferreira, 2013, p. 29). Segundo a autora, há uma representação celta chamada *Todtenbaum* ou árvore de morto que se liga ao homem desde o nascimento à última viagem. Da mesma forma, a *Pippala* do Rigveda é uma “árvore cosmogônica” tonificada e revivificada por princípios míticos dos sonhos. Em um estudo profundo sobre a simbologia na obra de Bachelard, a autora citada (2013) afirma que o filósofo e poeta francês desenvolveu e apresentou várias imagens sobre a árvore. Eis um trecho apresentados pela autora transcrito da obra de Gaston Bachelard:

Viver como uma árvore! Que crescimento! Que profundidade! Que retidão! Que verdade! No mesmo instante, dentro de nós, sentimos as raízes trabalharem, sentimos que o passado não está morto, que temos algo a fazer, hoje, em nossa vida obscura, em nossa vida subterrânea, em nossa vida solitária, em nossa vida aérea. A árvore está em toda a parte ao mesmo tempo. A velha raiz – na imaginação não existem raízes jovens – vai produzir uma flor nova. A imaginação é uma árvore. Tem as virtudes integrantes da árvore. É raiz e ramagem. Vive entre a terra e o céu. Vive na terra e no vento. A árvore imaginada é insensivelmente a árvore cosmológica, a árvore que resume um universo, que faz um universo. (Bachelard, *La terre et lês rêveries du repos*, apud Ferreira, 2013, p.31)

Segundo Luz (2016), na tradição africana nagô/iorubá, quando os mais velhos educam os mais novos com histórias e lendas, iniciam com a expressão “no tempo em que os homens conversavam com árvores” (Luz, 2016, p. 3) numa referência à ancestralidade. Para esta tradição, quando Oxalá - orixá que representa o ar - veio a esse mundo, criou os seres humanos e para cada ser humano criou uma árvore. Assim sendo, as árvores carregam o princípio da ancestralidade e são elas que estabelecem a dinâmica da relação entre os seres humanos e a natureza.

O Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant (1982) traz inúmeras interpretações para a simbologia da Árvore. Segundo os autores, Eliade articula várias interpretações em uma única idéia, a do Cosmo Vivo, em perpétua regeneração. Não seria a árvore em si um objeto sagrado, mas sim a simbologia que a ultrapassa, um objeto de culto. A verticalidade que ela evoca, por sua subida ao céu, sua ascensão. A árvore coloca em comunicação os três mundos, ou níveis de cosmo: o subterrâneo através de suas raízes, a superfície da terra através do seu tronco e as alturas por sua copa, atraída pela luz do céu. Répteis rastejam por entre as suas raízes e pássaros pousam em suas ramagens, estabelecendo “uma relação entre o mundo ctoniano e o mundo uraniano”. A árvore reúne todos os elementos: a água em sua seiva, a terra em suas raízes, o ar em suas folhas e dela brota o fogo

quando esfregam seus galhos. A árvore é universalmente considerada símbolo das relações entre a terra e o céu, e assim assume o sentido de eixo, de centro do mundo (Axis Mundi). Assim sendo, encontramos na sexta homilia sobre a Páscoa:

firme sustentáculo do universo, elo de ligação de todas as coisas, suporte de toda a terra habitada, entrelaçamento cósmico, compreendendo em si toda a miscelânea da natureza humana. Fixada pelos pregos invisíveis do Espírito, a fim de não vacilar em seu ajustamento ao divino; tocando o céu com o cimo de sua cabeça, fortalecendo a terra com seus pés e, no espaço intermediário, abraçando a atmosfera inteira com suas mãos incomensuráveis. (pseudo-Crisóstomo citado por H. de Lubac, 1941, *apud* Chevalier e Gheerbrant, 1982, p. 85).

A árvore é figura axial ascensional através do qual se percorre no caminho de subida ao céu, do visível ao invisível, como a escada de Jacó, o poste xamânico da iurta siberiana, o poste central do santuário vodu, o poste da cabana dos índios sioux, o pilar central que sustenta o tempo ou a casa na tradição judaico-cristã, a coluna vertebral a sustentar o corpo humano (Chevalier e Gheerbrant, 1982). Em muitas culturas também é o caminho em que os deuses, espíritos e almas utilizam para transitarem no plano dos vivos, como na china a árvore “Kian-Mu” se ergue no centro do mundo, sem que haja em seu pé sombra ou eco, e possui “nove galhos e nove raízes, através dos quais alcança os nove céus e as nove fontes, morada dos mortos”(pg. 85).

Para os muçulmanos de rito ismaelita, a árvore alimentada de terra e de água, e por ultrapassar o sétimo céu, simboliza a *hakikat*, o estado de santidade, onde ao ultrapassar a dualidade das aparências, o místico encontra a Realidade suprema, a Unidade Original. Em outras culturas, há muitas árvores do mundo, como para os Gold que situam uma árvore nos céus, uma na terra e uma no mundo dos mortos. E outro ponto importante para diversas culturas são os frutos, que transmitem parte da imortalidade, como os doze frutos da árvore do Éden, sinal da renovação cíclica, como a árvore da Jerusalém celeste, dos pomos de ouro do jardim das Herpérides, dos pêssegos da Si-wan um, da seiva do Haoma iraniano, e diversas resinas de coníferas (Chevalier e Gheerbrant, 1982).

Para Crichyno (2013) um dos mais fortes e complexos valores da imagem-árvore é a verticalidade que, quanto mais isolada, mais perceptível. A árvore ajuda o sonhador em sua escala celeste através do seu exemplo de imagem verticalizante, de caráter aéreo e suspenso. Para Bachelard (2004 *apud* Crichyno, 2013, p. 63), a árvore “está em todo lugar ao mesmo tempo, na terra e no ar, fazendo crer que a própria imaginação é uma árvore, pois tem as mesmas virtudes. Além disso, a árvore une o ar à terra e oscila do dia à noite.” Segundo Crichyno (2013), é possível relacionar a árvore urbana e a memória social da cidade,

possibilitando a capacidade de conservar e de relembrar, reconhecendo os estados da consciência humana já vividos, sem no entanto desprezar o estado da consciência atual.

Santos (2016) realizou uma pesquisa-ação sobre a prática do professor de artes propondo experiências aos pés das árvores da escola onde leciona, trazendo para dialogar com os alunos a figura do professor griô (o contador de histórias na cultura africana), que por meio do mito africano pinça elementos motivacionais para a criação artística e a construção do conhecimento. Com base em mitos africanos, o professor-pesquisador elaborou e executou diversas atividades sempre realizadas aos pés das árvores do jardim da escola. A experiência resultou profundas reflexões a respeito da própria ação educadora e de todo o processo de ensino-aprendizagem, além de relatos de muitos membros da comunidade escolar a respeito de quão transformadoras foram as atividades.

Vieira (2010) em seus estudos sobre a história do culto da árvore em Portugal desde a 1ª República afirma que as atuais comemorações do Dia Mundial da Floresta e as da Festa da Árvore que as antecederam têm suas raízes em manifestações mais longínquas, nomeadamente o ancestral culto das Árvores e das Florestas que existiu em várias culturas antigas, cuja simbologia ainda hoje perdura. Segundo o autor, a árvore é um dos temas simbólicos mais ricos e mais generalizados de todos os tempos e civilizações. É símbolo de verticalidade estabelecendo comunicação entre o mundo subterrâneo, a superfície da terra e as alturas. É também símbolo da vida; símbolo de transformação e evolução; símbolo do sagrado – como em culturas antigas como a pré-helênica e a Celta; símbolo de uma família, de uma cidade, de um rei ou de um país (por exemplo, a folha de ácer no Canadá, o cedro no Líbano, a palmeira de Cuba); símbolo de fecundidade, da fertilidade; símbolo da vida do espírito e do conhecimento; símbolo de segurança (pela sua estabilidade) e de proteção (pela sua sombra).

Ribeiro (2000) em um estudo sobre as obras de Van Gogh baseia-se em Chevalier e Gheerbrant (1982) para afirmar que, numa visão simbólica geral, as árvores floridas e frutíferas remetem a diversas simbologias: as folhas verdes representam o renascimento da vida, sempre vencendo a morte; a árvore como uma ligação entre a vida na terra e a vida no céu; trazendo o fruto e concedendo sombra e proteção como uma imagem do feminino, do materno; a floração simbolizando o bem sucedido e o essencial; o fruto simbolizando a maturidade, o desenvolvimento pleno, a abundância e a fertilidade. E existem espécies de simbologia mais típica, como as oliveiras, que representam riqueza, a expressão da paz da fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa. Os ciprestes são sagrados para muitos povos, graças a sua longevidade e à sua cor sempre verdejante, também é uma árvore funerária em todo o mediterrâneo, evocando a imortalidade e a ressurreição.

No livro *A Vida Secreta das Árvores*, Peter Wohlleben (2017) observa que árvores podem ter um nível de amizade de cooperação entre si. O autor lembra por exemplo que em uma cadeia de montanhas na Alemanha descobriram que a maioria das Árvores de uma população é interligada por um sistema de raízes entremeadas que trocam nutrientes e ajudam umas às outras em caso de emergência, nos fazendo crer que as florestas são super organismos como um formigueiro. Ele percebeu que em florestas de faias, quando um indivíduo fica doente os outros lhe oferecem nutrientes até que o mesmo se restabeleça. O autor nos lembra que as árvores se comunicam através de odores e feromônios, “avisando” as outras quando estão sendo comidas por girafas ou por lagartas. Também podem se defender como os Carvalhos que liberam gás nas cascas e nas folhas tanino que é uma substância amarga e venenosa para se defender de insetos, como o Salgueiro produz alicina que é um precursor da aspirina com o mesmo efeito que o tanino o chá da sua casca alivia dores de cabeça e diminui a febre. A árvore precisa de tempo para ativar essa defesa então a cooperação no alerta inicial é muito importante. Além de ser utilizado o ar para propagar esses avisos as árvores também utilizam as raízes e por meios químicos ou até elétricos enviam avisos às vizinhas.

Uma outra descoberta interessante feita por Vanessa Busque da Renânia do Norte (Wohlleben, 2017) é de que as árvores se sincronizam de uma tal maneira que todas têm o mesmo rendimento, mesmo que cada uma cresça ao seu ritmo produzindo mais ou menos açúcar e madeira. Ou seja as árvores igualam os pontos fracos e fortes entre si, traduzindo a mesma quantidade de açúcar por folha.

Segundo Wohlleben (2017) ao contrário do que pensam engenheiros florestais em muitas ocasiões a proximidade entre árvores pode fazer com que sejam até mais produtivas. Isso porque elas otimizam a divisão de nutrientes e água e assim cada um pode se desenvolver melhor.

2.2.1. A Árvore da Vida

A Kabbalah Hermética, segundo Marcelo Del Debbio (2016), considera a Árvore da Vida como a grande representação do propósito da vida humana. A Kabbalah surgiu da tradição judaica como sendo ensinamentos que vieram diretamente de Deus. Muitos judeus desde a Idade Média fundaram famílias na Europa e começaram a transmitir seus ensinamentos aos cristãos, gerando o que um dia viria a ser a Kabbalah Hermética, que usa os ensinamentos kabalísticos dentro dos conhecimentos Herméticos. Os Alquimistas da Idade Média, versados em Astrologia, Tarot, Hermetismo e Magias diversas, perceberam que a

Kabbalah casava com todo aquele conhecimento e criaram o diagrama chamado Árvore da Vida. Surgiram então os primeiros desenhos a partir dos primeiros Alquimistas falando sobre o que o Todo criou para que todas as partes dele experienciem toda a criação e depois retornem ao seu Princípio. Alguns kabalistas judeus passaram a utilizar a Árvore da Vida para explicar didaticamente todo esse processo.

Em resumo, podemos dizer que o diagrama da Árvore da Vida demonstra o Caminho do Raio, que é o da descida das esferas mais sutis para as mais densas, também chamada de Caminho da Espada Flamejante, como a que expulsou Adão e Eva do Paraíso, e existe o Caminho da Serpente (símbolo de conhecimento) que sobe de forma espiralar se enrolando na Árvore até o topo. Um Caminho menos falado é o chamado Caminho do Espírito Santo que é a subida linear pelo meio da Árvore, o caminho crístico. Estes caminhos demonstrariam que o objetivo da vida seria descer aos planos mais densos para experienciar a criação e retornar novamente aos planos mais sutis. Como diz Leo Lousada (2019) nós teríamos vindo “suavizar o divino e nos dissolver em Deus”.

Cada esfera, ou Sephiroth (remetendo à ideia de Safira, de tesouro), representa um aspecto da criação divina, ou um arquétipo de Deus, como se ele se dividisse em vários aspectos. A primeira esfera de baixo para cima é Malkuth, é o reino, o mundo onde os quatro elementos – Fogo, Terra, Água e Ar - se combinam para formar tudo o que existe, é a Terra, ou Gaia, e tudo o que se refere a ela, é a discriminação, como a formação de infinitas coisas diferentes. Um dos arquétipos de Malkuth é a princesa presa na torre do castelo que é salva pelo príncipe, como a união de Yin e Yang que gera as infinitas formas. A segunda esfera é Yesod, a Lua, quando saímos do mundo físico e material e começamos a enxergar os fundamentos que existem por trás da matéria, a fundação das coisas, é uma esfera das emoções, onde estão as formas animadas, tudo existe em Yesod, muito relacionada ao arquétipo materno: Yemanjá, Nossa Senhora, são as imagens relacionadas a Yesod. A terceira é Hod, Mercúrio, que está relacionada aos arquétipos de Hermes, Tot, Loki, Exu, aqueles que nos provocam e nos tiram da zona de conforto, são os grandes mensageiros, é a esfera da inteligibilidade, da escrita, da inteligência emocional. A próxima esfera é Netzach, Vênus, a Afrodite, que emana o Amor, mas também todas as formas de luxúria e hedonismo. Ali existem todas as animações, os desejos, os instintos. Saindo dessas esferas, o mundo físico (Malkuth) e o mundo emocional (Yesod, Hod e Netzach) nós partimos para o mundo da Criação. A próxima esfera é Tipheret, que se encontra no meio da Árvore, é o Sol, e são os arquétipos do Herói e dos Iluminados como Jesus, Buda, Krishna, Oxalá. É a Beleza, o divino manifesto na expressão da verdade, a Magnanimidade. Na sequência temos Geburah, que é

Marte, rigor, força e justiça, onde se abre mão do bem menor em favor de um bem maior. É Thor, Ogun, arquétipos de destruição, mas que contém a justiça em si. A esfera seguinte é Chesed, Júpiter, o grande protetor, os grandes Deuses, chefes de panteão, os que assumem a função de pai, é a casa dos arquétipos, o número 4, é a misericórdia, aquele que consegue tomar a decisão que permite que todos possam se expressar, onde existem as ideias primordiais. Há uma “não esfera” entre as esferas 4 e 3 que é chamada Daath, o grande abismo que é o Conhecimento que permeia tudo, são as grandes velhas, que trazem os conhecimentos ancestrais e guardam todo o conhecimento do Universo, o ultimo abismo antes de se chegar ao mundo espiritual. São as nonas, as Moiras, Nanã, babaianas. Em seguida chegamos à esfera negra, Saturno, o topo do pilar da restrição (acima do lado esquerdo da árvore – de Hod e Geburah), está Binah. Está associado ao arquétipo da Grande Mãe, mas em um mundo de emanções, sem forma e sem ideia, o Entendimento. A esfera seguinte é Chokmah, Urano, o arquétipo do Grande Pai, a Sabedoria. Uma esfera extremamente estimuladora e expansiva, o caos. E finalmente se chega a Kether, a coroa da criação. Kether não é Deus, mas apenas uma ideia de Deus, o Tao indivisível, o Uno. Onde existem todas as possibilidades do que existiu, do que existe e do que existirá (Lousada e Lanaro, 2019).

Figura 2 – Árvore da Vida

Fonte:Rodrigo Amorin Grola in.: Debbio, M.D., O Grande Computador Celeste, 2019.

Segundo Aleixo (2019) na Cabala a Árvore da Vida mostra o ponto onde o divino se manifesta em nosso universo espiritual. A Árvore da Vida vem sendo representada de muitas maneiras em diferentes culturas e religiões, sempre carregando um significado transcendental. Mas para a Alquimia, a Árvore da Vida nada mais é do que nós mesmos. Nossa estrutura física e química, nosso biorritmo natural, quem somos e como funcionamos. Ela simboliza todo o processo alquímico, a transformação do ser humano imperfeito – o chumbo – para o ser humano pleno – o ouro. Sua estrutura é formada por um eixo central que equivale a copa, o tronco e as raízes, conhecido como Eixo da Matéria ou Eixo das Três Substâncias da Alquimia; Mercurius, Sal e Sulphur, que se relacionam sucessivamente com a copa, o tronco e as raízes. Sua estrutura também conta com a Roda dos Quatro Elementos; Fogo, Terra, Água e Ar, que definem o movimento em torno do eixo central. Basicamente, qualquer árvore, ou seja, nós mesmos, precisamos destes elementos para o autodesenvolvimento. Por isso o desequilíbrio de um ou mais elementos nos afetam de forma tão intensa: O Fogo sintetiza a luz e gera energia; a Terra fornece seus nutrientes, minerais e vitamínicos; a Água absorve os nutrientes e facilita a mistura dos outros elementos; o Ar promove as trocas diárias de O₂ e CO₂. Outro aspecto muito importante da Árvore da Vida, é que ela possui duas características principais: a face lunar – feminina – e a face solar – masculina.

Figura 3 – Árvore da Vida – Versão Alquimista (1581-1662)

Fonte: Wolfgang Kilian (1581-1662)

Figura 4 – Árvore da Vida – Versão Anglicana

Fonte: Bowles and Carver (1780)

2.3. A representação artística da árvore

2.3.1. Artes Visuais

Em diferentes épocas, houve e há diversos artistas que retrataram espécimes diversos de árvores nas mais variadas escolas artísticas. Neste tópico iremos citar apenas alguns exemplos notáveis de como a árvore tem sido protagonista de obras de renomados pintores.

Contemplando estas obras, percebemos que a imagem da árvore vai muito além de um retrato do objeto em si. Em algumas é possível perceber a fantasia do artista transformando a realidade observada no momento da criação. Letícia Gorsky (2015) em um estudo sobre a contemplação e a memória no desenho, afirma que para ela, e podemos transpor o mesmo para outros artistas, a escolha da árvore como tema para seus desenhos vai além do interesse afetivo, mas um meio para o exercício da forma, a exploração do gesto, da luz... A árvore, para ela, se apresenta como elemento deflagrador para a exploração da linguagem artística.

O interesse nesse motivo sempre esteve presente e num certo momento esse “objeto material”, a árvore, desencadeia processos de memória, involuntária. Observar a natureza me remete à infância e início da adolescência. O cheiro da terra molhada após uma leve pancada de chuva, caminhar descalça sobre a grama, trazem esses momentos, experiências vividas anteriormente. Essas sensações não podem ser colocadas em um desenho. Mas desenhando árvores ou me inspirando nelas para criar imagens que transcendem sua forma, transformo memória em paisagens que tem referência nesses lugares de afeto, espaços que também construíram as características do meu trabalho. A verdade que estar conectada com a paisagem faz parte da minha condição e hoje se apresenta como recurso fundamental para minha expressão artística. (Gorsky, 2015)

Figuras 5 e 6 - Gorsky, 2015

Ruggeri (2019) corrobora a fala de Gorsky ao afirmar que o artista se identifica com as paisagens eleitas e é atravessado, afetado e interrogado pela natureza em si, para transformá-la em pintura. A autora estudou Claude Monet, pintor francês (1840-1926), um dos mais célebres impressionistas, que caracterizou sua obra por pintar suas telas sempre ao ar livre retratando a natureza quase sempre inabitada como protagonista. Monet se dedicava ao cultivo do jardim e buscava compreender as plantas. Monet pintou séries de álamos e de macieiras, por exemplo, em diferentes épocas do ano, horários do dia e em diferentes ângulos.

Figuras 7 a 14 - Monet

"Macieiras em Flor" - Monet

Vincent Van Gogh, pintor pós-impressionista holandês (1853-1890) definiu: "Ainda não conheço melhor definição de arte do que esta: a arte é o homem acrescentado à natureza". Sobre sua obra "Pessegueiro em Flor" ele escreveu: "(...) é a expressão do meu contentamento e a esperança num oriente em frente a minha porta (...)" (In.: Ribeiro, 2000). Segundo a autora, apesar de Vincent ter aprendido a pintar próximo dos trinta anos de idade, desde sua adolescência desenhava árvores, troncos e raízes, muito atraído por estes temas. Costumava mergulhar na lama para observar as raízes das árvores e o seu desabrochar da terra em troncos nodosos e retorcidos. Van Gogh ao pintar árvores "buscou vencer a morte pela força da razão, vitória na produção, recompensa pela obra, fertilidade e renascimento (...) evocando a imortalidade e a ressurreição a partir da sua criação" (Ribeiro, 2000, pg. 213).

Figuras 15 e 16 - “Pessequeiro em Flor”/ “Amendoeira em Flor” - Van Gogh

Figuras 17 e 18 - Van Gogh – Oliveiras com Alpillas ao Fundo / Árvore de Amora

O pintor e gravurista expressionista/simbolista norueguês Edvard Munch (1863 - 1944) também representou algumas árvores. Contudo, imprimiu nelas os traços característicos da sua obra: a angústia e a pintura trágica.

Figuras 19 a 22 – Munch

Paul Cézanne, pintor pós-impressionista e cubista francês (1839-1906), representou

árvores em obras como “Castanheiros” e “A Floresta”. Segundo Aranha (2012), o motivo de suas obras tornava-se a possibilidade de realizações pictóricas em um sistema de equilíbrio dinâmico. Para Cézanne, a natureza realizava o “equilíbrio perfeito” e seu projeto de vida era estudá-la, compreendê-la e expressá-la. A autora afirma que em algum sentido, a pintura de Cézanne é um classicismo, pois busca uma ordenação da sensação no pensamento.

Figuras 23 e 24 - "Castanheiros" / "A Floresta" - Paul Cézanne
Pintor pós-impressionista e cubista francês (1839-1906)

Figura 25 - "Árvores Altas" - Paul Cézanne

Gustav Klimt, pintor simbolista austríaco (1862-1918) apresenta entre suas obras mais famosas algumas árvores, como a Árvore da Vida, que Louçada (2013) afirma ser um símbolo com diversos elementos, desde a flor, a vegetação, à renovação das estações. Nele, a árvore e

as mulheres encontram-se confundidas e as mulheres transformam-se em árvore e invadem toda a natureza. “A morte está presente na obra de arte sob a forma de ave empoleirada na árvore. A representação desse pássaro remete para o ciclo da vida” (Louçada, 2013). A espiral é um símbolo de evolução e de movimento, traduzindo a união dos contrários, o nascimento e a morte, o ciclo da vida.

Figura 26 - "A Árvore da Vida" - Gustav Klimt

Figuras 27 a 29 – Gustav Klint

O Pintor austríaco Egon Schiele (1890-1918) pintou uma série de árvores que aparecem solitárias e despidas, o que para Hargreaves (2015) é um sinal da arte como procura na direção ao interior do eu. Uma arte introspectiva exploradora dos trilhos mais recônditos do nosso ser.

Figuras 30 e 31 – Schiele

"Pequena Árvore Castanheira" / "Sunlit Tree" ("Árvore Iluminada") - Egon Schiele

Figuras 32 e 33 - "Sol de Outono" / "Quatro Árvores" – Schiele

Piet Mondrian, pintor holandês (1872-1944) apresentou fases distintas em suas obras que caminha da presença realista da “Árvore Vermelha” em direção “Macieira em Flor” simplificada em linhas marcantes, na busca de um ideal de pureza e rigidez, do padrão perfeito de beleza.

Figuras 34 a 36 - Mondrian – Árvore Vermelha / Árvore Cinzenta / Macieira em Flor

Outro pintor que expressou a vanguarda da sua arte através da imagem da árvore foi Paul Signac (1863-1935), francês neo impressionista, figura importante para o pontilhismo.

Figuras 37 e 38 – Paul Signac

Podemos também citar figuras expoentes da arte pictórica como Joan Mitchell e Alexandre Hollan.

Figura 39 - Joan Mitchell – “Figura sem título” (1992, In.: Gorsky, 2015, pg 20)

Eu pinto paisagens das memórias que trago comigo, assim como lembranças de sentimentos que eles me inspiram, que são, evidentemente, transformados... Eu prefiro deixar a natureza lá onde ela está. Ela já é suficientemente bela assim. Não quero melhorá-la. Não quero, certamente, refleti-la. Prefiro pintar as marcas que ela deixa em mim. (Joan Mitchell. In.: Gorsky, 2015, pg 29).

Figura 40 - Alexandre Hollan – “Carvalho”, (2007, In.: Gotsky, 2015, pg 23)

“Possuir energia não é necessário para desenhar uma árvore, somente um pouco de calma. A energia está na árvore”. (Alexandre Hollan, 1985, In.: Gotsky, 2015, pg 30).

Candido (2011) cita em seu estudo alguns exemplos de grandes obras que relacionam as artes com o meio ambiente. A autora cita “As quatro estações” de Giuseppe Arcimboldo (Figura 2), que traz uma série de obras que retratam fisionomias humanas utilizando plantas; e Tarsila do Amaral (Figura 3), grande artista brasileira que traz muitas obras que refletem a cultura brasileira e sua natureza, como na obra “A floresta”. Segundo a autora, a simples contemplação dessas obras pode despertar a reflexão sobre múltiplos aspectos que envolvem a

natureza humana e sua relação com a Natureza. A autora sugere trabalhar com essas reflexões em propostas de atividades de Educação Ambiental problematizando diversas questões.

Figura 41 – Série Quatro Estações – Inverno – Giuseppe Arcimboldo

Figura 42 – A Floresta – Tarsila do Amaral

2.3.2. Literatura

"Árvores são poemas que a terra escreve para o céu. Nós as derrubamos e as transformamos em papel para registrar todo nosso vazio." (Khalil Gibran)

"Não é preciso ser cientista para compreender as árvores, basta ser pássaro. Ou abril." (Afonso Cruz)

Calzolari (2009) realizou um estudo sobre a relação entre humano e árvore nos contos de Mia Couto, um dos mais importantes escritores moçambicanos de todos os tempos. A autora afirma que dos seis livros de contos escritos pelo poeta/biólogo/ativista, a figura da árvore é trabalhada expressivamente em quatro deles: “Cada homem é uma raça” (1990), “Estórias abensonhadas” (1994), “Contos do nascer da terra” (1997) e “Na berma de nenhuma estrada” (1999). Mesmo quando não ocupa posição privilegiada na narrativa, a imagem da árvore é imponente e bastante simbólica na obra de Mia Couto, marcando o lugar da cultura, da tradição e da ancestralidade, da comunhão entre o natural e a terra, a natureza.

Angelini (2013) estudou diálogos simbólicos em obras de José Saramago e encontrou referências à simbologia das árvores como, por exemplo, em “O Ano de 1993”, em que um efeito mágico ocorre no espaço da floresta e faz com que a árvore que servia de abrigo a um casal em um mundo em ruínas abriu-se e: “recebeu-os dentro de si juntando a seiva e o sangue. Todas as aflições se acabaram naquele instante e a chuva escorria pelas folhas e pelos troncos como alimento até ao chão que as raízes lentamente trabalhavam” (Saramago, 2007, *apud* Angelini, 2013, p. 7). Para análise do trecho, autor cita Gaston Bachelard (2000 *apud* Angelini, 2013, p. 7) afirmando que “a floresta é um estado de alma” e Gilbert Durand (2002, *apud* Angelini, 2013, p. 7) ao dizer que “a árvore tem um simbolismo cíclico, encontra-se associada às águas fertilizantes, é árvore da vida”. A árvore que uniu o homem e a mulher traz um princípio de reconstrução de um mundo arrasado, como se formassem outros Adão e Eva para o nascimento de um novo tempo.

Em “O Barão nas Árvores”, obra de ficção de Ítalo Calvino (2009) conta a história de Cosme Chuvasco de Rondó que em 1767 decidiu fazer das árvores a sua morada após sair do castigo de seu pai aos 12 anos de idade subindo em um Carvalho Ilex. Vivendo assim, independente da vida normal e cheia de obrigações que todos levavam, Cosme pode se dedicar a várias coisas, como ter adquirido o gosto pela leitura, ou apaixonar-se.

Encontramos também inúmeras referências a árvores em personagens da Literatura Fantástica. Eralldo (2019) cita algumas das mais fantásticas árvores da literatura:

1 - Barbárvore: Em “Senhor dos Anéis” de J. R. R. Tolkien. É o primeiro dos Ents e justamente por isso acaba participando ativa e passivamente de todos os eventos da Terra Média.

2 - Árvore Branca de Gondor: Mais uma das incríveis árvores de “Senhor dos Anéis” de J. R. R. Tolkien. Sua simbologia é de extrema importância na obra deste autor;

3 - Avendesora: da série “A Roda do Tempo” de Robert Jordan. Também conhecida como a Árvore da Vida, tem aparição recorrente na obra deste autor;

4 - Árvore Menoa: aparece em obras de Christopher Paolini como “Eragon” e “Eldest”;

5 - O Salgueiro Lutador: em “Harry Potter” de J. K. Rowling. Árvore plantada nos terrenos da Escola de Magia e Feitiçaria Hogwarts, que movimenta seu tronco e acerta quem estiver por perto;

6 - A Árvore Distante: Personagem da série homônima de Enid Blynton. A árvore é tão alta que os seus ramos mais altos podem chegar nas nuvens, contém pequenas casas esculpidas em seu tronco;

7 - Telperion e Laurelin: A Árvore de Prata e do Ouro do Universo Fantástico de J. R. R. Tolkien;

8 - Trúfulas: do livro “O Lorax” do Dr. Seuss. As árvores perdidas na busca incansável de Lorax;

9 - One Tree: nas “Crônicas de Thomas Covenant” de Stephen R. Donaldson. Árvore dotada de um poder com magia selvagem sob a qual dorme o verme gigante capaz de causar o fim do mundo;

10 - O Pé de Laranja Lima: do livro “Meu Pé de Laranja Lima” de José Mauro de Vasconcelos. A árvore que no início era vista com desconfiança, logo passa ser a grande confidente do protagonista Zezé. O livro foi traduzido para 52 línguas e publicado em 19 países e adaptado para cinema, televisão e teatro.

Segundo o site Fantasy Faction (2019), a grande participação de personagens arbóreos na literatura fantástica é justificada pela presença da mesma no imaginário das mais diversas sociedades. Na mitologia nórdica, por exemplo, toda a estrutura do universo depende de Yggdrasil, a Árvore de Mundo. Localizada no centro do universo ela ligava os nove mundos da cosmologia nórdica, cujas raízes mais profundas estão situadas em Niflheim, um mundo sombrio onde ficavam várias árvores assombradas e solo onde não se produzia nada, escuridão profunda com gigantes e terríveis monstros. O tronco era Midgard, ou seja, o mundo material dos homens; a parte mais alta, que se dizia tocar o Sol e a Lua, chamava-se Asgard (a cidade dourada), a terra dos deuses, e Valhala, o local onde os guerreiros vikings eram recebidos após terem morrido, com honra, em batalha.

A ideia da Árvore do Mundo tem sido explorada em muitos cenários de ficção, incluindo Deuses Americanos, de Neil Gaiman e As Crônicas de Âmbar de Roger Zelazny, e ainda é representada pela torre da série de Stephen King A Torre Negra. O uso da árvore como uma estrutura unificadora enfatiza a força de conexão da natureza e une todas as fases da vida e da morte em um ciclo.

Os deuses nórdicos realizaram suas reuniões em sua santa árvore, um lugar natural do poder, e dizem ter criado o primeiro homem e a primeira mulher (Askr e Embla) de um freixo e um olmo. Este conto da origem das pessoas liga a humanidade à estrutura do mundo, dando a impressão de um poder natural concedido a nós pelos deuses, uma ligação cósmica com a natureza e, portanto, uma responsabilidade para com o mundo em que vivemos.

A ideia é muito semelhante à figura heroica Gluskap da mitologia indígena norte-americana, que criou os seres humanos atirando uma flecha no coração de uma árvore. Os primeiros homens e mulheres surgiram a partir da rachadura na casca da árvore. Na história da criação dos persas há uma representação mais horrível do ciclo de vida. O conto diz que uma árvore cresceu a partir do cadáver em decomposição do primeiro ser humano, que, em seguida, foi dividida em um homem e uma mulher. O fruto da árvore tornou-se então as outras raças da humanidade.

Em outros contos e sistemas de crenças, as árvores aparecem como mais do que um símbolo da própria vida, simbolizando também a sabedoria e a importância da natureza. No cristianismo, no Jardim do Éden está a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. No livro de Gênesis, Deus proíbe os primeiros seres humanos, Adão e Eva, de comerem o fruto de qualquer árvore. Quando eles são tentados a desobedecer e provar o fruto da Árvore do Conhecimento, Adão e Eva são introduzidos no pecado, na vergonha, na culpa e livre-arbítrio e, são banidos antes que possam experimentar das delícias da Árvore da Vida, o que os tornariam imortais.

Na ficção, as interpretações da Árvore da Vida muitas vezes aparecem como uma recompensa para um herói, ou são cobiçadas pelos vilões. Ambos ocorrem (sequencialmente) em As Crônicas de Nárnia no livro O Sobrinho do Mago, quando Digory pega uma maçã que ele deve enterrar para salvar Nárnia, e a Feiticeira Branca come uma para ganhar a imortalidade. C. S. Lewis espelha a escolha de Adão e Eva no Éden e Digory é tentado por si mesmo a comer a maçã, mas consegue resistir.

Enquanto a queda do homem geralmente é pintada como um evento negativo, o conto traz uma sugestão de que ambas as árvores são símbolos significativos na interpretação humana da vida. A Árvore do Conhecimento simboliza a mortalidade humana, bem como o erro humano e, claro, o conhecimento e a sabedoria para fazer a escolha certa no futuro. A Árvore da Vida representa o estado incorrupto da humanidade antes da queda e enfatiza o pecado original porque parte da punição é o conhecimento de que o seu fruto tem o poder da imortalidade, mas está fora de alcance.

Uma história semelhante da mitologia Micronésia sugere que, em sua Edenequivalente cresceram duas árvores que foram guardadas por uma criatura chamada Na Kaa. Os homens viviam sob uma árvore e mulheres sob a outra. Um dia, quando seu guardião saiu em uma viagem, os homens e mulheres se reuniram debaixo de uma das árvores. Quando Na Kaa voltou, disse-lhes que tinham escolhido a árvore da morte em vez da árvore da vida e é assim que a humanidade se tornou mortal.

Essa divisão entre a árvore da vida e a árvore da morte é muitas vezes representada na fantasia e ficção, mas, como a vida e a morte são duas partes de um todo, a representação é frequentemente feita por uma única árvore. Contos de Buda dizem que ele alcançou a iluminação debaixo da Árvore de Bodhi, que supostamente inspirou as árvores de A Roda do Tempo, série de Robert Jordan. As grandes árvores de Jordan emanavam uma sensação de paz para aqueles que passavam debaixo de seus ramos, e o poderoso elo simbólico entre a natureza e o preço do conhecimento a partir do conto do Éden e outras histórias míticas também é evidente. Um personagem é “enforcado por conhecimento” no ramo da última, Avendesora, um evento que foi inspirado no deus nórdico Odin, que se enforcou em um ramo de Yggdrasil para adquirir conhecimento dos mortos.

Tendo toda essa simbologia entre a morte a vida, as árvores tornam-se muito importantes. Sendo a fantasia um reflexo do mundo real, a destruição de árvores e florestas nas histórias, representam o declínio da natureza e do aumento da industrialização humana. Esse é um conceito cada vez mais abordado na fantasia principalmente em vista do aumento populacional e da poluição global. Tal abordagem é nítida em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien.

Os Ents de Tolkien é uma raça de árvores de gigantes cujo papel na Terra Média é proteger as florestas da destruição. Tristemente eles não podem se reproduzir porque perderam suas entesposas, sendo isso um dos símbolos do fim da era da natureza e da magia e a ascensão dos homens, mas eles fornecem uma personificação literal da batalha entre natureza e a indústria, quando se unem para proteger a floresta de Isengard.

Por fim, as árvores são um símbolo de magia natural (ou natureza mágica) que podem ser utilizadas pela humanidade para criar um mundo melhor. Em O Silmarillion de Tolkien as duas árvores de Valinor, Telperion e Laurelin, eram a fonte de luz para o mundo. Após sua destruição de ambas, suas flores e frutos tornaram-se a lua e o sol. No folclore em todo o mundo, as árvores e as florestas fornecem casa e abrigo para muitos seres mágicos, incluindo dríades e ninfas, que usam seus poderes para o benefício da natureza. Temos como exemplo o folclore brasileiro, com magníficas lendas indígenas baseadas nas florestas brasileiras.

2.3.3. Música

Segundo Sato (2004) a música pode ser considerada uma expressão mais profunda do que qualquer pensamento filosófico. A musicalidade é uma das maiores expressões culturais em comunidades tradicionais através de trovas, cantigas de roda, bumbás e uma infinidade de variações que traduzem a riqueza ímpar do nosso país. Pode sofisticar-se em pequenos espaços, mas popularizar-se em tempos contínuos. A autora cita o Siriri, dança folclórica pantaneira, cujas músicas repousam também em valores ambientais. Entre as cantigas citadas, destacamos a de Ivens Cuiabano Scaff:

“Quem despertará os cajueiros se atrasar a chuva do caju?
Que mágoa semeou de espinhos o coração do pequi?”

Silva, Santos e Angelis (2011), estudando a música como recurso para o ensino da Educação Ambiental perceberam o aumento do interesse dos alunos, da compreensão, da cooperação e da consolidação da Educação Ambiental através da música.

Morigi e Bonotto (2007) afirmam que as músicas regionais são narrativas que expressam e traduzem formas de pensamento, sentimentos e valores coletivos, ou seja, os costumes e as tradições de um grupo social em uma determinada época e um determinado local. Nesse processo, os compositores/cantores atuam como mediadores no processo de manutenção da identidade do grupo.

Segundo Fortunato e Catunda (2009), a narrativa é sempre uma forma criativa de organizar e expressar os pensamentos, sentimentos e memórias de situações que podem ter sido vividas ou imaginadas. A narrativa pode expressar de forma imaginada a situação vivida, e assim sendo uma expressão humana, influencia e é influenciada pelo contexto sócio-histórico em que se vive, não havendo como separar o produto (a narrativa) do produtor (um ser histórico, social e complexo).

Considerando que as canções são também de natureza narrativa, segundo Morigi e Bonotto (2007) podemos compreender a música através de sua cultura e compreender a cultura através de suas músicas. Para os autores, a música regionalista, como expressão artística, é um dos elementos simbólicos que compõem a cultura regional, a tradição de grupos regionais. Assim, ela é parte da memória coletiva de um grupo social, que opera como um espaço de legitimação de concepções já consagradas, ao mesmo tempo em que atualiza e reorganiza o imaginário coletivo. Ao expressar os sentimentos coletivos através de uma

linguagem poética e metafórica, a narrativa musical faz parte da história e da cultura de um povo. Só que, por ser de natureza poética e metafórica, a narrativa musical traz em seu bojo também uma significação não apenas da ordem do racional, mas também de ordem afetiva. Entretanto, por mais que os próprios historiadores digam o contrário, mesmo na informação histórica também há informação afetiva.

Além disso, a narrativa musical, através da mediação da linguagem, interage com o nosso imaginário. Por essa via, podemos atualizar e reordenar as nossas impressões e as imagens sobre a realidade presente e, assim, provocar modificações nas nossas representações sobre o tempo passado. Por esse motivo, a partir das ideias no presente, podemos reconstruir as representações sobre o passado. Ao realizarmos essa operação, também atualizamos o nosso imaginário, o nosso acervo cultural. Dessa maneira, ocorre a mediação entre o presente e o passado.

Essas narrativas são transmitidas entre gerações, fazendo com que os mais novos aprendam com os mais velhos a manterem seu vínculo com o ambiente. Se estas narrativas forem perdidas, o vínculo de respeito destas comunidades com as características típicas do seu meio também será perdido. A preservação da diversidade cultural brasileira deve ser levada em conta na elaboração de políticas públicas para que se promova uma justiça ambiental alicerçada na cidadania, aliando a dimensão cultural à natural, deixando impor às comunidades uma política pública exótica pautada em uma visão hegemônica colonizadora.

De acordo com Sato (2004) a Educação Ambiental deve “resgatar as histórias locais, pois seus mitos, valores e diversidade encontram-se em rostos transformados em suor pela labuta diária da cultura mergulhada na natureza”. Para a autora, a Educação Ambiental também aparece implícita nos princípios gerais da Carta da Terra, com ênfase na participação de pessoas de todas as raças, credos, culturas e conhecimentos. A articulação central ancora-se no sentido ético das ações humanas para a manutenção da biosfera, ampliando-se o espaço para as ciências, as culturas, religiões ou movimentos sociais. Não é uma proposta generalista, uma vez que identifica a importância da diversidade e da construção individual que desenha os campos ontológicos coletivos. É, acima de tudo, uma tentativa de resgatar a manutenção da biosfera como palavra de ordem em nosso cotidiano.

Como exemplo ilustrativo Morigi e Bonotto (2007) analisaram uma canção gaúcha, *Figueira Amiga* (1982), do cantor gaúcho Gildo de Freitas, em que o narrador se relaciona com o passado através da operação da memória, de suas lembranças:

Essa figueira, meus amigos, fica na esquina do Forte com a Assis Brasil.
 Figueira como é que pode estares modificada
 Te vejo assim tão cercada de casas de moradia
 Onde estão as serrarias?
 Francamente eu tenho raiva de não ver mais quem eu via
 Figueira faz tanto tempo que eu estava retirado
 Aqui deixei meu passado e hoje venho à procura
 Só não vejo as criaturas que eu vi e sou testemunha
 (...) Parece até brincadeira que o tempo modificou.
 Que fim será que levou teus velhos donos figueira?
 Eu creio até que teus donos há anos já faleceram e os herdantes venderam
 para outros seus direitos.
 Ficaste assim desse jeito, cercada de vizinhança. Que fim
 levou as crianças e aquelas moças tão lindas? Recordo de tudo ainda, e não
 me sai da lembrança. Quem tu eras? Quem tu és? O figueira bonitona, (...)
 Se eu pudesse eu te mudava
 Pra um lugar de campo aberto
 Para sentir de perto as coisas de antigamente
 Tu com toda essa beleza e este estranho ambiente
 Não pode viver contente distante da natureza
 É isso mesmo figueira, tu és a recordação do meu velho passado. (...)

Segundo os autores, nesta música o narrador se refere a uma figueira pampeana, a árvore que, junto com a corticeira, melhor simboliza o Rio Grande do Sul. Imune a vendavais e tormentas, ela é forte, imponente e majestosa, identificada pelo imaginário coletivo com a imagem do gaúcho tradicionalista. Muito copada, seus galhos voltam-se para o alto, fazendo-se de braços que acolhem ninhos de passarinhos. A imagem da figueira é o ponto de partida que desperta no narrador sua memória afetiva, plena de sentimentos e emoções. Transporta-o em memória, a um tempo e a um lugar, enfim, a um grupo social em relação ao qual tinha um sentimento de pertença (MORIGI e BONOTTO, 2007).

Outro exemplo é a canção “Meu Pé de Cedro” composta por Zacarias Mourão, que associa a imagem da Árvore com a infância e a morte:

Foi no belo Mato Grosso a 20 anos atrás.
 Naquele tempo querido, que não volta nunca mais.
 Nas matas onde eu caçava um pequeno arbusto achei.
 Levando pra minha casa no meu quintal o plantei.
 Era um belo pé de cedro pequenino em formação.
 Sepultei suas raízes, na terra fofa do chão.
 Um dia parti pra longe, amei e também sofri.
 Vinte anos se passaram em que distante vivi.
 A virgem santa sagrada uma prece eu vou fazer.
 Junto ao meu pé de cedro, e que eu desejo morrer.
 Quero sua sombra amiga projetada sobre mim.
 No meu último repouso na cidade de Coxim.
 Hoje volto arrependido para o meu antigo lar.
 Abatido e comovido com vontade de chorar.
 De rever meu pé de cedro que esta grande como o que.
 Mas e menor do que a saudade que hoje sinto de você.

cresceu como minha mágoa, cresceu numa força rara.
 Mas e menor que a saudade que te hoje nos separa.
 A terra ficou molhada to pranto que derramei.
 Que saudade pé de cedro do tempo em que te plantei.

Na Música Popular Brasileira há inúmeras composições inspiradas em árvores como a música “Frutíferas Quânticas” de Moreno Overá:

Uma poda na fruteira
 Quando feita de maneira certa e correta
 Rente ao tronco dá bom fruto
 E esse fruto, alimento quântico de um novo mundo
 Outro moleque está crescendo em cima de outra mangueira
 Plante flores, plante frutos
 Plante fruteiras
 Pois essas são novas florestas desse novo tempo
 Plante flores, plante frutos
 Plante fruteiras
 Pois essas são novas florestas desse novo mundo
 E o passarinho gosta disso
 E o sabiá vai cantar
 E o passarinho gosta disso
 E o sabiá vai cantar
 Vivendo nas Agroflorestas desse novo tempo
 Vivendo nas Agroflorestas desse novo mundo
 Vivendo nas Agroflorestas desse novo tempo
 Vivendo nas Agroflorestas desse novo mundo.

Bem como a música “Árvore” (Composição de Edson Gomes Interpretada por Elba Ramalho)

Ando sobre a terra
 E vivo sob o sol
 E as.. E as minhas raízes
 Eu balanço, eu balanço eu balanço
 Vem me regar mãe
 Vem me regar, oh, oh, oh
 Vem me regar mãe
 Yeah! Vem me regar

Todo santo dia, pois todo dia é santo
 E eu, sou uma árvore bonita
 Que precisa ter os seus cuidados
 Me regar mãe
 Vem me regar
 Vem me regar mãe
 Vem me regar

E ando sobre a terra
 E vivo sob o sol

E as, e as minhas raízes
Eu balanço, eu balanço, eu balanço

E a canção “A ordem das árvores” (Tulipa Ruiz)

Naquele curió mora um pessegueiro
Em todo rouxinol tem sempre um jasmineiro
Todo bem-te-vi carrega uma paineira
Tem sempre um colibri que gosta de jatobá

Beija-flor é casa de ipê

Cada andorinha é lotada de pinheiro
E o João-de-Barro acolhe o eucalipto

A ordem das árvores não altera o passarinho

Naquele pessegueiro mora um curió
Em todo jasmineiro tem sempre um rouxinol
Toda paineira carrega um bem-te-vi
Tem sempre um jatobá que gosta de colibri

Beija-flor é casa de ipê

Cada pinheiro é lotado de andorinha
E o João-de-Barro acolhe o eucalipto

A ordem das árvores não altera o passarinho

Podemos também citar composições de outras culturas, como “Ombra mai fu” de George Frideric Handel, ópera Xerxes:

Ombra mai fu Nunca houve sombra

Frondi tenere e belle del mio platano amato per voi risplenda il fato	Ramos ternos e belos do meu amado plátano para ti brilha o destino
---	--

Tuoni, lampi, e procelle non v'oltraggino mai la cara pace nè giunga a profanarvi austro rapace	Trovões, raios e tempestades não irão nunca ultrajar tua querida paz nem os ventos do oeste vorazes chegam a profanar-te
--	---

Ombra mai fu di vegetabile cara ed amabile soave più	Nunca houve sombra de uma árvore tão querida e adorável tão suave
---	--

Encontramos ainda músicas ambientalistas como “If a Tree Falls” de Bruce Cockburn:

If a Tree Falls Se Uma Árvore Cai

Rain forest	Floresta tropical
Mist and mystery	Névoa e mistério
Teeming green	Verde abundante
Green brain facing lobotomy	Cérebro verde enfrentando lobotomia
Climate control centre for the world	Centro de controle do clima para o mundo
Ancient cord of coexistence hacked by parasitic	Antigo cabo de convivência invadido por parasitas gananciosos
greedhead scam -	embuste-
From Sarawak to Amazonas	Do Sarawak ao Amazonas
Costra Rica to Mangy BC hills	Costra Rica ao Mangy BC hills
Cortege rhythm of falling timber	Ritmo cortejo de madeira caindo
What kind of currency grows in these new deserts	Que tipo de moeda cresce nestes novos desertos
These brand new food plains?	Estas novíssimas planícies comidas?
If a tree falls in the forest does anybody hear?	Se uma árvore cai na floresta, alguém ouve?
If a tree falls in the forest does anybody hear?	Se uma árvore cai na floresta, alguém ouve?
Does anybody hear the forest fall?	Alguém ouve a queda da floresta?
Cut and move on	Corte e siga em frente
Cut and move on	Corte e siga em frente
Take out trees	Retire árvores
Take out wildlife at a rate of a species every single day	Retire a vida selvagem em uma taxa de uma espécie a cada dia
Take out people who've lived like this for 100,000 years	Retire as pessoas que já viveram assim durante 100 mil anos
Inject a billion burgers worth of beef -	Injecte um bilhão de hambúrgueres de carne bovina -
Grain eaters - methane dispensers -	Comedores de grãos - Distribuidores de metano -
Through thinning ozone	Através de ozônio
Wave fall on wrinkled earth	Onda de queda na terra enrugada
Gravity, light, ancient refuse of stars	A gravidade, luz, antigo lixo de estrelas
Speak of a drowning	Mas isso, isso é outra coisa
But this, this is something other	Busto monstro come buracos negros no mundo espiritual
Bust monster eats dark holes in the spirit world	Onde as coisas selvagens tem que ir
Where wild things have to go	Para desaparecer
To disappear	Para sempre
Forever	Se uma árvore cai na floresta, alguém ouve?
If a tree falls in the forest does anybody hear?	Se uma árvore cai na floresta, alguém ouve?
If a tree falls in the forest does anybody hear?	Se uma árvore cai na floresta, alguém ouve?
Does anybody hear the forest fall?	Alguém ouve a queda da floresta?

E ainda muitas outras, como "The Two Trees" de Loreena Mckenitt; "Little Willow" de Paul McCartney; "So Tall a Tree" de Bing Crosby; "Shadows and Tall Trees" interpretada pela banda U2; "Shaking the Tree" de Peter Gabriel; "Lemon Tree" de Peter, Paul e Mary; "Root to Branches" interpretada pela banda Jethro Tull; entre inúmeras outras, entre as quais inúmeras sobre árvores de Natal.

2.3.4. Cinema

As árvores foram parte essencial de minha vida e me ensinaram muitas lições. Elas são símbolos vivos de paz e esperança. Uma árvore tem suas raízes no chão e, mesmo assim, ergue-se para o céu. Ela nos diz que, para ter qualquer aspiração, precisamos estar bem assentados e que, por mais alto que possamos chegar, é de nossas raízes que tiramos nossa base de sustentação. (Wangari Maathai - “Taking Roots”, 2008)

Há muitos filmes em que a Árvore ocupa papel de destaque. Nelson Novaes do Projeto Píncel (2019) criou uma lista interessante com o olhar de defensor ambiental:

- O Homem que plantava árvores (The Man Who Planted Trees) – 1987

Diretor: Frédéric Back; Texto: Jean Giono. País: Canadá.

Curta metragem sobre o esforço de um pastor em reflorestar um vale árido e desolado.

- Avatar – 2009

Diretor: James Cameron. País: EUA.

Uma metáfora da ligação que há entre os seres e o planeta, ilustrado na imagem da Árvore das Almas.

- O Jardim (The Garden) – 2008

Diretor: Scott Hamilton Kennedy. País: EUA.

Documentário indicado ao Oscar que relata a luta de agricultores da região de Los Angeles contra a desapropriação.

- A Cadeia Verde (The Green Chain) – 2007

Diretor: Mark Leiren-Young. País: Canadá.

O filme trata da batalha entre madeireiros e ambientalistas no Canadá, mostrando uma série de monólogos interligados com diversos relatos reais sobre o tema.

- Lemon Tree – 2008

Diretor: Eran Riklis. País: Israel, Alemanha e França.

Ficção baseada em fatos reais sobre uma decisão do governo israelense de derrubar limoeiros que poderiam se tornar abrigo de terroristas e uma viúva que os protege devido à sua ligação afetiva com as árvores.

- Taking Root: The Vision of Wangari Maathai – 2008

Diretor: Alan Dater. País: EUA.

O documentário conta a história dramática de Wangari Maathai, uma ativista queniana que começou a plantar árvores voluntariamente e acabou gerando um movimento nacional em prol da conservação ambiental, promoção dos direitos humanos e defesa da democracia.

- A Árvore (L'arble) – 2010

Diretora: Julie Bertucelli. País: França/Austrália.

Sobre uma menina que evita enfrentar a morte do pai e acredita que o seu espírito vive em uma grande figueira no jardim, onde passa horas sentindo a presença do pai.

- A Árvore da Música – 2009

Diretor: Otávio Juliano. País: Brasil.

O documentário aborda a importância do pau-brasil para a música erudita, e as consequências que a sua extinção pode trazer para a música.

- The Healing Gardens of New York

Diretora: Alexandra Isles. País: EUA

Documentário que aborda a transformação na vida das pessoas após a implantação de jardins em Nova Iorque.

- Meu Pé de Laranja Lima – 1970

Diretor: Aurélio Teixeira. País: Brasil

Depois do estranhamento com aquela árvoreta, Zezinho inicia uma relação de amizade e confidências com o vegetal.

Soma-se à esta lista os personagens dos filmes baseados em literatura fantástica já mencionados.

Concluo esta sessão sobre a Árvore nas mais diversas expressões artísticas com algumas reflexões acerca da função e do propósito das artes. Segundo Moura (2006), o artista dá existência a uma nova realidade, baseado em suas escolhas e apresenta algo que transcende a própria obra. A mais elevada beleza em uma obra se dá através da ligação entre o maravilhoso e o verossímil (p. 190).

Segundo Vigotsky (1991), as artes são elemento necessário à própria constituição humana, assim como a expressão verbal, ela faz parte das funções psicológicas superiores, é constitutiva da nossa humanidade. A catarse provocada pela emoção estética é um processo dialético que reconstrói o comportamento, que transforma.

A árvore nos apresenta exatamente essa mesma possibilidade de conexão entre a terra e o céu, o real e o sonhado, o passado e o futuro, assim como as artes o fazem. No momento em que o/a artista traduz em forma as suas inspirações, ele/ela cria no mundo concreto algo que vem do abstrato. E todos nos tornamos um pouco artistas quando nos permitimos contemplar, porque criamos uma nova versão da arte contemplada no nosso próprio universo particular. E, nesse sentido, as artes se fazem alquímicas, porque assumem poder transformador.

2.4. A Árvore nos Textos Clássicos Chineses

Sim Soon Hock, singapuriano estudioso de filosofia chinesa e palestrante há mais de 30 anos, ministrou inúmeros cursos e palestras no Brasil sobre os valores necessários para a criação de um mundo melhor, muitas vezes exemplificando com elementos da natureza. Os trechos a seguir foram extraídos de algumas destas palestras, registradas em arquivos do Instituto Ad Lumen, de sua criação:

(...) A natureza tem um propósito, uma missão. Estrelas, montanhas, rios, mares, cada um tem a sua missão, sempre auxiliando o ser humano. Entre os vegetais, existe a missão de uma floresta, de uma árvore, de uma erva, de uma flor, sempre contribuindo para a vida. Todos os fenômenos naturais doam a sua virtude, não destroem a natureza, não se separam do seu Tao, do seu princípio. Pelo contrário, estão sempre desenvolvendo todo o seu potencial de virtude. (...)

(...) Desde o momento em que nascemos até nosso último suspiro ainda podemos desenvolver virtude e contribuir com este mundo. Uma árvore, mesmo após sua morte ainda pode ter utilidade como lenha para gerar calor. Somos parte da natureza e toda a natureza doa a sua virtude integralmente. Uma árvore não para de doar seu potencial. Ela doa todas as flores e frutos que puderem ser produzidos. O erro do ser humano é não realizar aquilo que deveria. (...)

(...) Cultivo do Tao é acúmulo de virtude. Aquilo que é edificado com uma base sólida nunca vai ser eliminado, nunca vai ser destruído. Como uma árvore. Quanto mais sua raiz se aprofunda, é mais difícil que ela seja derrubada pelo vento. Um abraço dado com amor é aquele que é mais difícil de ser separado. (...)

(...) Do ponto de vista físico, tudo sempre envelhece, do ponto de vista energético, tudo pode se renovar. Contudo, o ser humano simplesmente aceita o envelhecimento da matéria e acha que isso é a única coisa que o futuro lhe reserva. Uma árvore velha e seca pode gerar um novo broto, uma nova vida. Isso é o potencial do espírito se manifestando. (...) (AD LUMEN, 2019)

Durante quase 20 anos de audição de palestras e convivência com Sim Soon Hock nos trouxeram referências à imagem da árvore como um símbolo de Força, Benevolência e Resiliência. Contudo, para a elaboração dessa tese buscou-se em alguns clássicos chineses onde apareceriam estas relações. Foram pesquisados os textos do “Caminho do Meio”, dos “Analectos” de Confúcio, do “Livro de Mencius”, todos estes referências do confucionismo, o texto do “I-Ching, o Livro das Mutações” que tem diversos autores, inclusive comentários de Confúcio, e do “Tao Te Ching” de Lao Tse, da tradição taoísta.

No Caminho do Meio encontramos a seguinte passagem:

No Capítulo 26:

(...) O Céu agora diante de nós é apenas este ponto brilhante; mas quando visto em sua extensão inesgotável, o sol, a lua, as estrelas e as constelações do zodíaco estão suspensos nele, e todas as coisas estão espalhadas por ele. A terra diante de nós é apenas um punhado de terra; mas quando considerado em sua largura e espessura, ele sustenta montanhas como o Hwa e o Yo, sem sentir seu peso, e contém os rios e mares, sem o seu vazamento. A montanha agora diante de nós parece apenas uma pedra; mas quando contemplada em toda a vastidão de seu tamanho, vemos como a grama e as árvores são produzidas nela, e pássaros e feras nela habitam, e coisas preciosas que os homens consideram tesouros são encontradas nela. (...)

No trecho acima percebemos a utilização da imagem da árvore como um exemplo da diversidade natural quando se olha com distanciamento.

Nos Analectos encontramos apenas referência à árvore como conhecimento a ser aprendido no “Livro dos Poemas”, um outro clássico chinês, ou como um exemplo de variedade e diversidade (capítulos 17.9 e 19.12).

No “Livro de Mencius” a maioria das citações encontradas fazem referência a uma boa governança, como a necessidade de se plantar amoreiras para que todos os idosos tenham

seda para se esquentarem no frio (capítulos 1.3 e 13.22) pois é nas amoreiras que se cria o bicho da seda, ou que um bom governante deve saber cortar menos madeira do que a floresta é capaz de se regenerar (capítulo 1.3), ou que o governante não pode prometer mentiras como dizer que pode tomar uma montanha debaixo do braço ou que não pode quebrar um ramo de árvore (capítulo 1.7). Mencius ainda exemplifica as árvores altas como abrigo em épocas de caos (capítulos 5.4 e 6.14). Contudo, no capítulo 11.8 encontra-se uma relação entre árvores e virtude: Mencius diz que quando se olha uma montanha devastada não se pode imaginar que a mesma tenha um dia sido coberta finalmente por árvores. Da mesma forma, não se pode crer que o ser humano tenha sido justo e benevolente. Mas que a natureza da montanha é estar coberta de árvores, bem como a natureza do ser humano é a justiça e a benevolência.

A maneira pela qual um homem perde sua bondade mental é como a maneira pela qual as árvores são desnudadas por machados e contas. Desmoronando dia após dia, pode - a mente - reter sua beleza? Mas há um desenvolvimento de sua vida dia e noite, e no ar calmo da manhã, apenas entre a noite e o dia, a mente sente em um grau aqueles desejos e aversões que são próprios da humanidade, mas o sentimento não é forte, e é preso e destruído pelo que acontece durante o dia. Esse confinamento acontecendo de novo e de novo, a influência restaurativa da noite não é suficiente para preservar a bondade da mente; e quando isso se mostra insuficiente para esse propósito, a natureza não se torna muito diferente da dos animais irracionais, e quando as pessoas agora a vêem, pensam que nunca tiveram aqueles poderes que afirmo. Mas esta condição representa os sentimentos próprios da humanidade? Portanto, se receber seu alimento adequado, não há nada que não cresça. Se perder seu alimento adequado, não há nada que não se apague. Confúcio disse: 'Segure rápido, e ele permanece com você. Deixe ir, e você o perderá. Sua saída e entrada não podem ser definidas como tempo ou lugar.' É sobre a mente que isso é dito! (LIVRO DE MENCIUS, capítulo 11.8)

No I-Ching são várias as imagens sugeridas contendo a árvore em seu contexto. Como, por exemplo:

No Hexagrama 20, Contemplação:

A árvore sobre a terra é algo que se descortina. (...) Os que estão abaixo olham para ele e são transformados. Ele lhes propicia uma visão do divino caminho do Céu e as quatro estações não se desviam de suas normas. assim o homem santo utiliza a via divina para fornecer ensinamentos e o mundo inteiro o acata.

Neste trecho, a árvore simboliza aquilo que precisa ser visto para causar transformação.

No Hexagrama 28, Preponderância do Grande:

o lago sobrepassa as árvores; (...) Épocas de preponderância do grande assemelham-se a uma inundação, quando o lago cobre as árvores. Porém, tais condições são passageiras. (...) a imagem de Sun é a árvore, que permanece firme mesmo quando está só (...).

Nesse trecho, a árvore representa a virtude da firmeza mesmo diante de situações desfavoráveis.

No Hexagrama 30, Aderir: “Tudo o que é luminoso no mundo depende de um elemento ao qual se liga a fim de poder continuar a brilhar. Assim, o Sol e a Lua ligam-se ao céu, enquanto os grãos, a grama e as árvores ligam-se a terra. Do mesmo modo, a redobrada clareza do homem fiel a seu destino adere ao bem, e pode assim dar forma ao mundo.” Nesse trecho, a ligação das árvores à terra é dada como exemplo de como o homem fiel deve aderir ao bem.

No Hexagrama 41, Liberação: “(...) Quando o céu e a terra se liberam, o trovão e a chuva surgem. Quando o trovão e a chuva surgem, a casca de todos os frutos plantas e árvores se entreabre. Grande em verdade é a época da Liberação.” Nesse trecho percebemos o pensamento sistêmico que conecta todas as coisas.

No Hexagrama 46, Ascensão:

a madeira cresce no interior da terra; a imagem da ascensão. assim o homem superior com abnegação reúne pequenas coisas para alcançar o que é sublime e grande. (...) A atitude de devoção corresponde ao trigramma Kun; a elevação e a grandeza correspondem ao trigramas Sun, cujo o símbolo é a árvore.

Aqui, o crescimento das árvores através de suas raízes no interior da terra é exemplo para o crescimento gradual do ser humano através das pequenas e imperceptíveis coisas.

No Hexagrama 47, Exaustão: (...) “Quando o homem é fraco, deixa se vencer pelos problemas. Ao invés de prosseguir ele se deixa ficar sentado embaixo de uma árvore seca mergulhando cada vez mais na escuridão e melancolia. (...) essa atitude é decorrente de uma cegueira interior que deve ser superada a todo custo.” Aqui percebemos a árvore seca, morta, e ainda de pé ao lado do ser humano prostrado e sem esperança.

No Hexagrama 53, Desenvolvimento:

uma árvore na montanha se desenvolve devagar segundo as leis da sua natureza e assim mantém-se firmemente enraizada (...) (é a) a tranquilidade interior que protege contra atitudes precipitadas e a penetração exterior que possibilita o desenvolvimento e o progresso.” (...) “uma árvore na montanha: a imagem do Desenvolvimento. Assim, o homem superior mantém-se no caminho da dignidade e da virtude para que haja uma melhora dos costumes.

Na página 206 (...) “a compreensão desse movimento possibilita o conhecimento do futuro. Isto pode ser expresso na seguinte imagem: caso se compreenda como uma árvore está contida no interior de uma semente se poderá também compreender o futuro desdobramento da semente em árvore.”

Na página 300 (...) “quando o céu e a terra estão criando através da mudança e da transformação, todas as plantas e árvores florescem, porém quando o céu e a terra se fecham o homem capaz retira-se para a penumbra.”

No Tao Te Ching pode-se encontrar a referência da imagem da árvore em dois capítulos:

Capítulo 64) LEIS CÓSMICAS

O que está em repouso É fácil conservar. O que é insignificante Pode facilmente ser influenciado. O que é frágil Pode ser quebrado facilmente. O que é leve Pode ser levado pelo vento. A ordem deve ser mantida, Antes que surja a desordem. A árvore mais gigantesca Nasceu de uma raizinha Fina como um cabelo. Uma torre de nove andares Repousa sobre uma pequena área de terra. Uma viagem de mil léguas Começou com o primeiro passo. Quem faz algo contra a lei Tem de falhar. Quem se apegar a algo O perderá. Por isto o sábio não é egocêntrico, E por isto nunca falha. Não se apegar a nada, E por isto não perde nada. Outros falham Antes de chegar à meta, Porque não esperaram Pelo momento oportuno. Quem enxerga o início e o fim, Esse não falha. O único desejo do sábio É não ter desejos. Não deseja nada Que a outros É desejável. Nem deseja entender Objetos de inteligência. O que a outros é insignificante O sábio considera importante. Assim estabelece ele a reta ordem Em si e nos outros, Não agindo jamais Em desacordo com as leis cósmicas.

E o Capítulo 76) O PODER DA VIDA

Tenro e flexível é o homem quando nasce, Duro e rígido quando morre. Tenras e flexíveis são as plantas Quando começam, Duras e rígidas quando terminam. Rígido e duro o que sucumbe à

morte, Tenro e plasmável o que é repleto de vida. Quem julga ser forte só pelas armas Não vencerá. Árvores que parecem possantes Sempre se aproximam do fim. Pelo que vale isto: O que parece grande e forte Já está a caminho da decadência. Mas o que é pequeno e plasmável, Isto cresce.

Juliano Antonio (2019), outro estudioso de filosofia chinesa, comentou estes trechos:

Para nos aprofundarmos nas obras da filosofia chinesa, se faz necessário muito mais do que um conhecimento especializado, é preciso usar o conhecimento como ferramenta que abre caminho rumo ao mais sutil, à sensibilidade mais apurada, necessária ao despertar da sabedoria que essas obras nos convidam a despertar nas entrelinhas das manifestações do invisível. Antes de mais nada, é importante saber que as palavras usadas pelos grandes sábios autores dessas obras não são apenas efeitos de linguagem uma vez que em muitas delas a palavra nem sequer existia, sendo usados apenas símbolos e imagens, o que vem justificar o apelo de mantermos uma sensibilidade atenta para apreendermos a sábia indicação que cada palavra encerra em si.

No capítulo 26 do Caminho do Meio podemos perceber, com um olhar mais atento, que o simples "apenas" usado nas passagens já evidencia uma grande verdade: "Tudo o que vemos nos cega. O que significa isso? Lembram de quando éramos crianças, de que tudo era extraordinário aos nossos olhos? O encantamento era nosso companheiro em cada nova descoberta do "comum", do "apenas", como julgavam os adultos naquela ocasião - hoje nós - acreditando não passar de uma inocência infantil.

Nesse encantamento reside a sabedoria mais elevada, nele está presente a pureza poderosa, por não ser restringida pelo pensamento lógico que logo quer classificar e entender perdendo a beleza do instante reduzindo o encantamento a um sorriso desdenhoso.

Pois bem, o capítulo 26 vai do macrocosmo desde a extensão inesgotável do céu e chega ao microcosmo para mostrar o quão limitada e distorcida se tornou nossa visão de nós mesmos que não enxerga além daquela imagem no espelho. No trecho que fala da montanha, a grama não é vista apenas como grama e a árvore não é vista apenas como árvore, elas são a razão da existência da diversidade, a manutenção da mesma e a sustentação da própria montanha. A árvore, em especial, além de conter nela todos os benefícios possíveis para a manutenção da vida, vai além da imagem, da dimensão que possui aos nossos olhos, ela se expande através de um campo energético que abarca com compaixão tudo o que está próximo ou se aproxima dela. (ANTONIO, 2019)

É importante ressaltar que os clássicos chineses nunca foram satisfatoriamente traduzidos para as línguas ocidentais porque simplesmente alguns termos não são traduzíveis (Chia, 2006). Soma-se a isso a contaminação cultural que é acrescentada ao texto durante as

traduções consecutivas, assim como o que aconteceu com livros milenares como a Bíblia. Os textos chineses, especialmente os confucionistas, ainda passaram por interferências dentro da própria cultura, que passou por diversos momentos históricos, tendo sido aceito por alguns governos, rejeitados por outros alterados por outros. Assim, as traduções destes textos que datam de mais de dois mil anos podem hoje trazer traços que podem ser percebidos como sexistas ou promotores de separação social, o que absolutamente não é desejável na construção de Sociedades Sustentáveis. Deve-se, portanto, ser criteriosa/o quanto à versão estudada e olhar com cuidado para os significados mais genuínos que estes textos expressam.

Pode-se assim perceber que na milenar filosofia chinesa a imagem da árvore é comumente encontrada para fazer referência a uma diversidade de virtudes e situações da vida humana, desde a própria conservação vegetal em si e uso como recurso até os paralelos entre benevolência, justiça, resiliência, retidão, diversidade, firmeza e flexibilidade, elevação, “enraizamento” na tranquilidade interior, visão sistêmica de interligação entre todas as coisas, observação do todo nas partes.

Outro ponto importante para contextualizar é que os textos citados provém de duas vertentes do pensamento tradicional chinês, uma ligada à busca pelo retorno ao natural expressa pelo taoísmo, que nos traz a observação dos movimentos da natureza como uma forma de equilibrar a ação humana, na sua adaptação ao meio; e a segunda é a busca do confucionismo pela retidão da ação humana, com maior peso a questões como justiça e benevolência, mas ciente de uma impossibilidade de retorno ao absoluto natural, adaptando o meio às necessidades da sociedade. Em muitos momentos estas duas visões parecem divergir e seguir por caminhos conflitantes. A escrita nos separou das tradições orais, a intelectualidade nos separou da sabedoria ancestral, as leis nos separaram da ética mais essencial, assim em alguns trechos taoístas estas questões são colocadas como os pontos que nos separam da nossa natureza original. Contudo, no momento histórico que vivemos, há de se perceber a necessidade de uma busca que una essas duas visões, que leve a Humanidade a valorizar as tradições orais através da escrita, a considerar que a intelectualidade não tem valor sem sabedoria, que as leis precisam ser pautadas em éticas mais profundas desenvolvidas por cada uma/um, que a justiça e a benevolência incluem cada forma de vida e existência e que Natureza não é algo separado de Sociedade.

3. Os Valores na Educação

3.1. O que vemos e o que queremos ver

Estamos enfrentando um tempo de transformações em muitos aspectos - econômicos, ambientais, políticos, sociais, sobretudo na forma com que lidamos com o mundo, com as pessoas que nos rodeiam e conosco mesmos. Os séculos de exploração ambiental inconsequente nos trouxeram a um momento em que precisamos pensar em novas maneiras de lidar com os bens que a natureza nos oferece. Apesar do uso de novas tecnologias também na educação, e de tantas metodologias ditas “progressistas”, uma lacuna é evidente entre o que se espera e o que se obtém. As metodologias falam de desenvolvimento integral, porém acabam por servir à ordem capitalista pré-existente na medida em que objetivam simplesmente à inserção do indivíduo no sistema econômico.

Segundo Puig (1998) os problemas mais importantes enfrentados pela humanidade hoje não possuem uma solução exclusivamente técnico-científica, mas são situações que precisam de uma reorientação ética dos princípios que a regulam. São as relações do ser humano consigo e com povos, “raças” ou crenças diferentes das suas; do ser humano com seu trabalho e com as relações econômicas que criou; do ser humano com seu ambiente natural e urbano; ou relações do ser humano com seu próprio substrato biológico; são todos problemas de orientação e de valor, que exigem que a escola lhes conceda atenção.

Paulo Freire (1996) ressalta que o progresso científico e tecnológico que não corresponde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perde sua significação. Freire afirma que a ética universal do ser humano foi transgredida em favor da ética do mercado, do lucro. É nesse contexto que o autor nos adverte que a prática do ensino exige reconhecer que a educação é ideológica, ou seja, pressupõe que por trás de si há uma base ideológica que, em nossos tempos, tem sido a ideologia capitalista.

Gulart e Röhr (2013) questionam se é suficiente desenvolver no educando um número específico de habilidades, já que o que se vê, no cenário atual, são indivíduos humanamente fragilizados, que se veem barrados no desenvolvimento de suas potencialidades humanas. Os autores ressaltam que há uma gradativa demolição dos valores, da ética, da importância da vida humana, do respeito ao outro, uma crescente desumanização e afirmam que os conteúdos que visam desenvolver as habilidades e competências são necessários para a inserção do sujeito no mundo, o que eles denominam “hominização”, mas que é preciso completar o processo de humanização, e esta é apenas uma de suas partes. Gulart e Röhr (2013) propõem trabalhar o ser humano em todas as suas dimensões, para uma educação integral do ser e, para

tanto, é necessário pensar nos conteúdos dessa formação para além desses que já estão dispostos no atual cenário educacional. Os autores entendem a concepção de educação como processo de formação humana, e que está intrinsecamente ligada à concepção de um ideal que se tem de ser humano. Ou seja, os diferentes sentidos dessa formação humana variam de acordo com as mudanças nas concepções que os homens fazem do ideal de sua humanização. Segundo os autores, se estamos vendo metas educacionais sendo direcionadas de acordo com interesses de grupos políticos, sociais, econômicos, religiosos, étnicos etc., é porque cada um define a especificidade do fim educacional a partir de suas concepções e, conseqüentemente, o ideal de formação humana que deve guiar essas práticas. A educação sempre esteve atrelada a ideais e, de acordo com o ideal de ser humano que se tem, procura-se adequar os educandos em determinada direção.

Segundo Jaspers (2003), a desumanidade da indiferença tem sido nosso estado cotidiano. Segundo o autor, o mais terrível pode acontecer à nossa volta, pode ser cometido por seres humanos contra outros seres humanos, que momentaneamente nos sentimos invadidos por compaixão, mas em seguida, acabamos por esquecer e dissimular como habitualmente. Cada vez mais, a condição tão fundamental da compaixão parece estar em último lugar dentro da hierarquia de prioridades que temos na vida. O autor ressalta que as crianças são enviadas às escolas para serem educadas e formadas de acordo com esse contexto das insensibilidades humanas.

A educação brasileira, segundo Machado (2006), carece muito mais de uma Carta de Princípios Gerais, uma Tábua de Valores Fundamentais que sublinhe os valores maiores que deveriam nortear os projetos e ações educacionais, do que de planejamentos extremamente “minuciosos ou alterações radicais” na legislação vigente. Segundo Paulo Freire (1992), a leitura da palavra é sempre precedida pela leitura do mundo. A leitura e a escrita da palavra implicam uma releitura mais crítica do mundo como “caminho” para “reescrevê-lo”, para transformá-lo. Antes mesmo de aprenderem a ler, escrever ou contar, as crianças se apercebem sensivelmente do chamado “currículo oculto”, que pressupõe os valores por trás da educação oferecida.

Maria Montessori (2004) nos adverte para a educação sem comprometimento com as questões morais e com a formação íntegra do cidadão. Percebemos que as questões apontadas pela autora permanecem nos dias de hoje, e que a educação continua confinada nos limites de uma ordem social ultrapassada, não apenas indo de encontro às leis da ciência, como também não suprimindo as carências sociais de nossa época, embrutecendo o indivíduo e atrofiando seus valores morais (Montessori, 2004). A autora ressalta que a educação, tal como é praticada,

incita o indivíduo a seguir seu próprio caminho e a se preocupar exclusivamente com seus interesses pessoais. A criança aprende na escola a não ajudar os outros, a não soprar as respostas para seus amigos e a se preocupar somente em ser promovido ao final do ano. Como caminho, a autora aponta para uma educação para a Paz, uma educação capaz de salvar a humanidade, através do desenvolvimento espiritual do ser humano e do reforço de seu valor pessoal, capaz de tornar os jovens aptos a compreender a época em que vivem (Montessori, 2004). A paz é um princípio prático da civilização humana e da organização social que está fundamentada na própria natureza humana. É esse o princípio que deve ser nosso guia na elaboração de uma ciência da paz e da educação dos homens para a paz. Para Maria Montessori (2004), os objetivos fundamentais da educação são a tomada de consciência do valor da pessoa humana e o desenvolvimento da humanidade.

A legislação educativa brasileira prevê a realização de uma educação integral para todos. A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 6º, assegura a educação como direito básico de todo cidadão. Em seu artigo 205, frisa que a educação, “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) estabelece princípios norteadores para a educação brasileira, como, por exemplo, no artigo 29, que a educação infantil tem por finalidade “o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”(BRASIL, 2019). No artigo 32, capítulo IV, estabelece que o ensino fundamental terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante “o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância em que se assenta a vida social” (BRASIL, 2019). No artigo 35, capítulo III, afirma que o ensino médio terá como uma de suas finalidades “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 2019). Contudo, há de se questionar se na prática esta educação integral para todos é realmente efetiva.

3.2 Educação Transformadora

Para Guimarães (2005), sem educação nada se transforma. O autor afirma que a educação é capaz de transformar, desde que estejamos comprometidos com seu caráter crítico e emancipador. Para tanto, é necessário romper com visões simplistas e reducionistas, que olham para os fenômenos buscando interpretá-los, encaixando-os em uma lógica mecanicista

e linear. Segundo ele, é preciso, como intervenção educacional, a construção de um ambiente educativo de conscientização, que vá da denúncia à compreensão-construção de uma realidade socioambiental em sua complexidade.

Uma forma de construirmos esse ambiente educativo de conscientização, causador de rupturas na ordem estabelecida, é promover a reflexão crítica que se dá pela práxis segundo o sentido Freireano, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (Freire, 1992). Nesta perspectiva dialética/dialógica de compreender o real, o indivíduo se transforma transformando a sociedade e, reciprocamente, na sociedade em transformação, o indivíduo se transforma. Desta forma, se supera (sem negar) a ideia de que a sociedade é o resultado da soma de seus indivíduos, em que para transformá-la temos que primeiro transformar os indivíduos.

José Pacheco (2001), ao descrever as metodologias utilizadas na Escola da Ponte, aponta para a busca por uma escola de cidadãos, onde se prime pelo entendimento e prática da democracia; onde, no mais ínfimo pormenor da relação educativa, procure se formar o cidadão democrático e participativo, o cidadão sensível e solidário, o cidadão fraterno e tolerante.

Morin (2000) afirma que a educação do futuro deverá ser “o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”. Ou seja, é preciso questionar nossa posição no mundo e compreender os legados de nossa história, percebendo a complexidade humana presente em cada um de nós. Para Morin (2000), “somos originários do cosmos, da natureza, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele” (MORIN, 2000, p. 51). Trazemos em nossa singularidade não somente toda a humanidade e toda a vida, mas quase todo o cosmos, no fundo de nossa natureza humana.

Morin (2003) afirma que o planeta exige um pensamento policêntrico consciente da unidade/diversidade da condição humana; um pensamento policêntrico nutrido das culturas do mundo. Educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e a consciência terrenas.

3.3 Valores Espirituais na Educação

Em nosso momento histórico, há de se encontrar um novo parâmetro para a educação integral do ser humano. O ser humano integral pressupõe corpo, mente e espírito. As metodologias educativas têm atendido ao desenvolvimento da mente, já que alcançamos um

progresso espantoso no que concerne às ciências e à tecnologia; o desenvolvimento do corpo também tem sido considerável, visto os grandes expoentes do esporte. Que se dirá do desenvolvimento do espírito? Nota-se que a palavra “espírito” aqui aplicada não tem qualquer conotação religiosa. Aliás, é provável que esta mesma confusão seja a responsável pela total falta de espiritualidade do sistema educacional atual. A espiritualidade que se quer abordar é a manifestação de princípios básicos da alma humana.

Compreendemos a espiritualidade como uma das múltiplas dimensões do ser humano que representa os valores éticos (o princípio de não-violência, a justiça, o amor ao próximo, a fraternidade, o bem comum, etc.) e metafísicos (o uno, o verdadeiro, o belo, o eterno, a transcendência, etc.) mais íntimos e sutis do mesmo. (RÖHR, 2013 *apud* RÖHR, 2014, in.: INCONTRI & FOELKER, 2014, p. 66).

Para humanizar o ser humano, segundo Röhr (2014, in.: INCONTRI E FOELKER, 2014), é necessário fazer valer estes valores espirituais diante das dimensões física, sensorial, emocional e mental. Desta forma, o autor afirma que as universidades possuem um aspecto espiritual em sua tarefa educacional, contudo ainda prevalece a visão positivista da ciência. A espiritualidade foi silenciada e marginalizada dentro da academia como discurso ou como conhecimento incorporado (WANE, 2014, In.: INCONTRI E FOELKER, 2014). Através dos tempos ignora-se o fato de que a espiritualidade deveria ser trabalhada no contexto educacional e quando falamos sobre a relação entre educação e espiritualidade hoje, percebemos uma grande lacuna na prática educativa.

Policarpo Junior (2012) afirma que a espiritualidade visa o profundo contato com nossa humanidade, em tudo que esta possui de luminoso e de sombrio. Desta forma, a espiritualidade não se separa de qualquer aspecto da vida humana, como não se separa da educação. Para o autor, a educação, quando inserida dentro da vivência da espiritualidade, pode ajudar a pessoa a entrar progressivamente em contato consigo mesma, pode apoiar as iniciativas das crianças em conhecer suas dimensões interiores - como as emoções e sentimentos - e pode ajudá-las a criar uma capacidade interna de dirigir a si mesmas, não se deixando ser dominadas por tendências destrutivas. A educação, neste contexto, pode estimular crianças, adolescentes e adultos a desenvolverem a capacidade de escutar a si mesmos com profundidade, cuidado e atenção, desenvolvendo habilidades positivas e necessárias ao relacionamento com outras pessoas e com os diferentes ambientes, encorajando a realização pessoal da solidariedade, empatia, autonomia e integridade.

Para Alves e Sorrentino (2013-a) são os valores que compõem nossa identidade, cuja escolha faz parte da liberdade, e são essenciais para o desenvolvimento de uma Cultura de Paz. Desta emergirá a Felicidade individual e coletiva. Se a qualidade destes valores se

aproximar de uma riqueza imaterial que toca o coração humano em suas profundezas, mais próximo estará da concretização coletiva de um bem comum, porque este será algo almejado por todos e materializado por meio das conexões sincrônicas.

Krishnamurti (1973) em seu texto sobre a educação e o significado da vida, adverte que, ao invés de despertar a inteligência integral do indivíduo, a educação realizada o induz a adaptar-se a um padrão, vedando-lhe assim a compreensão de si mesmo como um processo total. Para o autor, educação não significa apenas adquirir conhecimentos e correlacionar fatos, mas sim compreender o significado da vida como um todo, pois a função da educação é criar entes humanos integrados e, por conseguinte, inteligentes. Inteligência para Krishnamurti (1973) é perceber o essencial; e Educação é despertar essa capacidade, em si próprio e nos outros. Para o autor, educação deve ajudar-nos a descobrir valores perenes, para que não nos apeguemos a fórmulas ou a repetição de *slogans*, deve ajudar-nos a derrubar barreiras nacionais e sociais, em lugar de reforçá-las.

Pritchard (1998) defende que as mensagens direcionadas à formação ética dos estudantes nas escolas devem ser claras e não implícitas como costumam ser. O autor indica quatro valores morais específicos para esse fim - amizade, honestidade, coragem e justiça – como "as virtudes principais cujo exercício fortalece a educação" (p. 74). Se pais, professores e alunos adquirissem e manifestassem virtudes, segundo o autor, melhorariamos a educação. Para ele, a amizade oferece um sistema de apoio social e cria laços entre os estudantes na busca de interesses comuns. A honestidade é consonante com um propósito central: a busca da verdade. Coragem implica a capacidade de assumir riscos, o que facilita a aprendizagem. Justiça garante que a comunidade de aprendizagem defenda os direitos do indivíduo. O autor ainda exemplifica como questões relacionadas a virtudes podem ser introduzidas e enriquecer aulas de matemática, ciências, geografia, educação cívica, e currículos de história.

Nepomuceno (2015) baseia-se em Gusdorf para afirmar que, se a finalidade última da educação é promover a instauração da Humanidade no ser humano e, sendo a espiritualidade um aspecto constitutivo do ser humano, a educação deveria se organizar em função da experiência espiritual fundamental, ou seja, a espiritualidade deveria ser levada em consideração no planejamento de um modelo educativo. O autor afirma, porém, que há historicamente uma grave confusão entre os termos religião e espiritualidade em nosso país e traça uma triste contextualização do ensino religioso nas escolas públicas do Brasil. Na primeira Constituição Federativa Brasileira, em 1891, determinou-se a laicidade da educação pública. No entanto, em 1931, Getúlio Vargas, no intuito de conseguir apoio político da igreja católica, instituiu o ensino religioso como facultativo; na Constituição de 1934 manteve-se o

ensino religioso como facultativo, mas ministrado conforme a confissão religiosa de cada aluno. Esta situação foi mantida nas Constituições seguintes, alterando-se apenas o horário das aulas (dentro ou fora do horário normal), o ônus ou não para o Estado, e as séries que receberiam essa disciplina. O autor explica ser o caráter facultativo muitas vezes “de fachada”, pois os alunos sempre foram de alguma maneira “obrigados” a assistirem às aulas; assim como o caráter ecumênico, já que como os professores de ensino religioso nunca tiveram uma orientação de parâmetros curriculares, consta que, segundo estudos (CAPUTO, 2011 *apud* NEPOMUCENO, 2015) o ensino acaba por se tornar proselitista e doutrinador segundo a crença do professor. Nepomuceno cita que, segundo o Censo de 2000, foram mencionadas 35 mil respostas diferentes à pergunta “qual é a sua religião?”, sendo assim, a única forma do Estado dar conta de tamanha pluralidade religiosa do nosso país seria através de uma abordagem laica.

3.4 A Espiritualidade e a Ética do(a) Educador(a)

Policarpo Junior (2012) ressalta que a educação não pode se resumir ao fim do desenvolvimento de habilidades cognitivas ou de operações formais abstratas, pois o ser humano não é apenas pensamento ou conhecimento. Contudo, o autor nos lembra que somente alguém que tenha conseguido minimamente fazer integrar em si algumas das principais razões pelas quais orienta sua vida, em termos de pensamento, sentimento e comportamento, pode também ajudar outros no caminho da realização de sua própria vida. Ou seja, um(uma) educador(a) precisa de um desenvolvimento próprio para dar significado pessoal ao seu trabalho de forma integrada à sua própria vida. Fica claro assim, o quanto da formação do(a) educador(a) carece da orientação necessária para promover o desenvolvimento do sentido pessoal apropriado do exercício de educar. Para esse autor, sem que haja educadores(as) que incorporem uma compreensão adequada da espiritualidade, dificilmente a educação pode promover intencionalmente a formação humana de seus educandos.

Puig (1998), em seu trabalho sobre o ensino transversal de ética e valores, ressalta a importância essencial das atitudes pessoais dos(as) educadores(as). O autor afirma que é imprescindível para que ocorra uma correta realização do processo educativo em valores que o educador se empenhe em disposições e atitudes pessoais positivas, tais como a compreensão empática e o respeito positivo incondicional, a autenticidade ou coerência, a concepção positiva das pessoas e das relações humanas e a maturidade emocional do educador. Com relação à maturidade emocional do(a) educador(a), Puig (1998) salienta que o(a) mesmo(a)

precisa saber participar do processo de evolução e de mudança do educando sem ter a intenção de moldá-lo segundo a própria imagem. O(a) educador(a) precisa saber manter-se firmemente ajustado em suas opiniões a valores universais, como o respeito, a igualdade, a justiça, o diálogo, a solidariedade, a abertura aos demais ou à democracia, por exemplo; mas precisa manter-se aberto quando a questão for centrada em decisões pessoais não generalizáveis. Outro ponto enfatizado pelo autor é o compromisso da personalidade íntegra, mantendo-se sereno(a) e ponderado(a) diante das oscilações inevitáveis das atitudes dos alunos, edificando equanimidade e estabilidade diante de atitudes hostis ou adulatórias.

Paulo Freire (2001) nos lembra ainda sobre a importância do(a) educador(a) saber ouvir, dizendo que “aqueles que falam de modo democrático precisam silenciar-se para que se permita que a voz daqueles que devem ser ouvidos emergja” (p 59). Ele afirma que educação é formação e não treinamento, e que não há possibilidade de se oferecer formação humana fora da ética. Desta forma, um dos requisitos do nosso contexto histórico é a formação ética dos professores e professoras.

3.5 O Exemplo de Confúcio

Há 2.500 anos na China, um educador já centrava seus ensinamentos em valores éticos para sua sociedade e nas virtudes do ser humano de caráter elevado. Este educador chinês instruía seus discípulos para tornarem-se virtuosos, bons governantes, e tal foi sua influência na política e na educação da época, que permanece até hoje no pensamento asiático. Foi ele Kong Qui (ou Kung Fu Tzé), mais conhecido entre nós como Confúcio. O sábio defendia cinco qualidades básicas do ser humano virtuoso: benevolência, probidade (às vezes traduzida por justiça ou coragem), decoro (às vezes traduzido por respeito), sabedoria e honestidade (ZHOU, 2008, apud ALVES E SORRENTINO, 2013-b).

Segundo Ho (2013-a), Confúcio (551-479 a.C.), vivendo numa época de constante guerra, de caos político e social (a chamada Era dos Estados Combatentes - quando todos os valores humanos estavam desmoronando, esquecidos, desprezados), procurou restaurar a harmonia, a ordem e o amor na sociedade.

Segundo Sim e Mendoza (2001), Confúcio descreveu a consciência humana como a perfeição interior que é inata no ser humano e que deve despertar, libertando-se e manifestando todo o seu potencial, o qual seria “iluminar o mundo e a si mesma”, a chamada Virtude Iluminada. Os autores afirmam que é preciso acreditar que o ser humano tem dentro de si o potencial de compreensão, sabedoria e compaixão, que apenas precisa ser desenvolvido.

Para Confúcio, a aprendizagem é um processo de modelação interior, um processo que tende para o desenvolvimento das virtudes humanas. Segundo Jaspers (2003), Confúcio considerava que, sem aprender, as virtudes se encontrariam obscurecidas e em rápida degeneração, a sinceridade converter-se-ia em grosseria, a valentia em desobediência, a firmeza em capricho, a humanidade em estupidez, a sabedoria em confusão, a verdade em ruína. Uma vez que essa aprendizagem é uma modelação interior, apenas faz sentido quando se converte em ações exteriores, ou seja, o sentido da aprendizagem é a prática. Para Confúcio, a aprendizagem é um longo caminho, é uma busca constante e devemos estar conscientes disto. Um dos fundamentos centrais dessa modelação interior se baseia em princípios éticos e morais, que internalizamos profundamente e seguimos com convicção própria. Para Confúcio, essa é uma das bases fundamentais da condição humana, ou seja, ser humano inclui ter princípios.

Segundo Ho (1999), o pensamento educacional ocupa lugar de destaque nos *Analectos* de Confúcio. A autora afirma que, para esse educador, o saber verdadeiro é o saber que, se aplicado oportunamente, nos conduz à realização, nos aperfeiçoa no sentido de nos tornar éticos, virtuosos, bons e sábios. Confúcio considerava primordial se praticar o que se aprende. Além disso, mostra-nos que o aprender deve estar sempre acompanhado do refletir, para que possamos nos manter alinhados a um saber reto (ético).

Alves e Sorrentino (2013-a) afirmam que Jung aproxima Confúcio e Sócrates ao afirmar que ambos concorrem para o primeiro lugar no que se refere a uma perspectiva racional e uma atitude pedagógica diante da vida. Os autores citam Sim Soon Hock, ao afirmar que os ensinamentos de Confúcio contêm o Tao da Educação, e são muito necessários nos dias de hoje. No Grande Aprendizado, Confúcio aponta caminhos para sua visão de Paz Mundial. O ser humano conecta o Céu e a Terra pelo coração original, que para ele é o coração sincero, um aspecto da mente, nutrida por virtudes e pela prática da compaixão. Nos comentários de Confúcio no *I Ching*, o autoconhecimento dialoga com a conduta social, com as relações familiares e políticas entre o indivíduo e o Estado, com a vida em comunidade, com a harmonia e beleza, vindas a partir da contemplação da Natureza.

Para Zanquetta et al. (2014, in.: INCONTRI E FOELKER, 2014) o texto intitulado “O Grande Aprendizado”, atribuído a Confúcio e seus discípulos, traz uma proposta formadora do caráter, uma educação para a formação de seres virtuosos e realmente humanos. Os autores afirmam que o ser humano que queremos formar é aquele que, através do conhecimento, consegue trazer à luz o que existe de melhor em si mesmo, e que desta maneira, o conhecimento se torna uma ferramenta para a multiplicação da Felicidade e da Paz.

3.6 A Natureza Humana

Para Confúcio, a essência do ser humano é a humanidade. Segundo Roberta Gulart e Ferdinand Rörh (2013), Confúcio define cinco características principais dessa humanidade: a dignidade, a generosidade, a veracidade, o zelo e a bondade. Podemos entender a mensagem de Confúcio como um grande impulso para realizarmos essa humanidade que ele tanto acredita estar acima do ser humano meramente biológico, instintivo. Essa crença aponta para o despertar de uma essência primordial: o de sermos Humanos.

Ho (2013-a), examinando a educação confuciana, afirma que seu ponto essencial é o próprio conceito de ser humano. Para o fundamento de ética apontado por Confúcio a principal virtude é o Ren, a virtude mais própria do ser humano. O Ren representa aquilo pelo qual um ser humano se torna humano. Segundo ele, a aquisição do Ren supõe vencer-se a si mesmo e a abrir-se em compreensão, solidariedade, amor, compaixão e compromisso com o outro.

Ho (20013-b) discorre sobre a relação entre o Ren e a Educação presente no livro IV dos Analectos de Confúcio. A autora afirma que, foneticamente em chinês, Ren é uma mesma e única palavra tanto para expressar virtude como o próprio ser humano, pessoa, gente. Segundo ela, tal identidade não é casual. Desde a escrita antiga, representa-se a caridade humana por “dois ren” (dois seres humanos), o que pressupõe que a verdadeira humanidade apenas se dá através do relacionamento. *“Assim a humanidade, o Ren, diz respeito ao como deve ser a nossa postura frente ao tudo que pode haver entre duas pessoas - como se respeitar; como se amar; como se relacionar; como se entender; como lidar com as semelhanças e as diferenças, com a desarmonia, discordância, e outros sentimentos humanos”(HO, 2013-b, p 118)*”. Assim sendo, é necessário que haja um Outro para que exista o Eu. É em relação ao outro que eu me coloco e é em relação a mim que o outro se coloca.

Figura 43- Escrita para Ren – homem e Ren – virtude/humanidade (HO, 2013-b)

Para Confúcio, o Ren, que pode ser traduzido como Humanidade, virtude, plenitude da condição humana, é o objeto do aprender, do saber; é a alma do Rito, da Governança (HO, 1999).

Um dos escritos mais importantes atribuídos aos discípulos de Confúcio acerca de suas orientações mais profundas é chamado “O Caminho do Meio”, ou Zhong Yong. Esse tratado se inicia afirmando: “O que é dado por Deus é o que chamamos Natureza Humana. Cumprir a lei de nossa Natureza Humana é o que chamamos caminho (o Tao). O cultivo do caminho é o que chamamos Educação” (YOUTANG, 1958, *apud* BUENO, 2016).

3.7. Pedagogia da Natureza Humana: Virtudes Confucianas Aplicadas à Educação Brasileira

O texto intitulado “O Grande Aprendizado” é considerado a base de todo o pensamento de Confúcio. A partir deste texto, podemos encontrar o caminho proposto pelo sábio para a construção de uma sociedade harmoniosa através da Educação. Utilizando a tradução de James Legge (2009) para este texto, entendemos que Educação é iluminar a própria virtude, retificar a si mesmo, encontrar a sinceridade, e assim, auxiliar o cultivo das pessoas, das famílias, do Estado, de toda a sociedade.

Apresentamos a seguir o texto principal do “Grande Aprendizado”, baseado na versão em inglês de James Legge (2009):

O texto de Confúcio:

1 – O que o Grande Aprendizado ensina é: iluminar a virtude iluminada; renovar o povo; e repousar na mais alta excelência.

2 – O ponto onde repousar sendo conhecido, o objeto de busca é então determinado; e, sendo determinado, uma calma imperturbável pode ser alcançada. A esta calma irá suceder um repouso tranquilo. Neste repouso, poderá haver deliberação cautelosa, e esta deliberação será seguida para a realização do fim desejado.

3 – As coisas possuem sua raiz e suas ramificações. Questões possuem seu fim e seu começo. Saber o que vem primeiro e o que vem depois conduzirá para perto do que diz o Grande Aprendizado.

4 – Os antigos que queriam iluminar a virtude iluminada por todo o reino primeiro organizaram seus próprios Estados. Desejando organizar seus próprios Estados, eles primeiro regularam suas próprias famílias. Desejando regular suas famílias, eles primeiro cultivaram suas pessoas. Desejando cultivar suas pessoas, eles primeiro retificaram seus corações. Desejando retificar seus corações, eles primeiro procuraram ser sinceros em seus pensamentos. Desejando ser sinceros em seus pensamentos, eles primeiro ampliaram ao máximo seu conhecimento. Esta ampliação do conhecimento reside na investigação das coisas.

5 – As coisas sendo investigadas, o conhecimento se torna completo. O seu conhecimento sendo completo, seus pensamentos eram sinceros. Seus pensamentos sendo sinceros, seus corações eram então retificados. Seus corações sendo retificados, suas pessoas eram cultivadas. Suas pessoas sendo cultivadas, suas famílias eram reguladas. Suas famílias sendo reguladas, seus Estados eram corretamente governados. Seus Estados sendo corretamente governados, o reino inteiro tornava-se tranquilo e feliz.

6 – Do Filho do Céu ao povo, todos precisam considerar o cultivo pessoal como a raiz de tudo o mais.

7 – Quando a raiz é negligenciada, o que surge disto não poderá ser realmente organizado. Assim, não será possível tratar com menosprezo aquilo que tem grande importância e, ao mesmo tempo, cuidar grandemente daquilo que não tem importância.

Através deste texto, Confúcio mostra o caminho para a construção de um mundo de paz e harmonia: a retificação do próprio pensamento e coração, o cultivo das pessoas, das famílias e a multiplicação da virtude até que se atinja todo “o reino”, ou seja, todo o mundo.

Para alcançar a retificação de si mesmo, Confúcio indica buscar o conhecimento através da investigação de todas as coisas. Esta é a síntese da Educação por ele proposta.

Nesse contexto podemos listar as seguintes contribuições do pensamento confuciano para a educação brasileira:

1 – Ampliar o próprio conceito de Educação.

Através da orientação de Confúcio, podemos transformar os conceitos de uma educação tecnicista e praticamente obrigatória em um conceito de Educação mais amplo e profundo, que humaniza ao invés de simplesmente “hominizar”. Essa educação que é buscada pelo educando e não imposta. O educando a busca porque percebe o quanto ela acrescenta à sua existência, e não simplesmente o quanto ela pode lhe permitir maiores ganhos financeiros ou status social.

O sentido usual de educação que observamos usualmente é o de instrução, de ensino, onde busca-se desenvolver habilidades necessárias para a adequação social dos indivíduos. Contudo, o conceito real de educação é muito mais amplo. Pressupõe o processo de desenvolvimento integral do ser humano. Para tanto, deve-se reconhecer o ser humano em todas as suas dimensões e não somente a intelectual. A potencialidade humana é imensa e geralmente, nos ambientes de aprendizagem, não são contempladas as dimensões emocionais e espirituais, e muitas vezes, nem dimensões físicas e sociais.

2 – Educar com vistas ao propósito do conhecimento.

Compreendemos “O Grande Aprendizado” de Confúcio como uma proposta de Educação formadora do caráter, uma Educação que forme seres virtuosos, humanos. Conhecendo o nosso objetivo, que é a pacificação do mundo, podemos vislumbrar qual é a mulher/o homem que precisamos formar para que este objetivo seja alcançado. Este ser humano é aquele que, através do conhecimento, consegue iluminar sua virtude iluminada, ou seja, que consegue trazer à luz o que existe de melhor em si mesmo. Percebemos que a raiz de todas as coisas é o cultivo pessoal, onde podemos desvendar nossas virtudes recônditas e desenvolvê-las.

Ao dizer “repousar na mais alta excelência”, Confúcio indica que o objetivo da educação é o desenvolvimento máximo de cada ser humano, ao seu nível mais elevado. Quando pensamos no nível mais elevado possível de humanidade, certamente isso inclui sabedoria e virtude. E seres humanos sábios e virtuosos certamente formarão sociedades equilibradas e pacíficas. Desta forma, podemos dizer que o propósito da educação vai muito além de simplesmente desenvolver habilidades necessárias para pessoas produtivas.

É importante ressaltar ainda que, para Confúcio, esta Educação se dá ao longo de toda a nossa existência. Até nosso último suspiro, ainda é possível aprender e se aproximar, cada vez mais, da plenitude da nossa existência.

3 – Melhorar a dinâmica dos relacionamentos na comunidade escolar.

Independente da posição ocupada, seja um líder, um santo, ou uma pessoa considerada comum, todos devem ter o cultivo do próprio ser como raiz de tudo. A raiz do país é a família e a raiz da família é o ser. A raiz do ser é a mente. E nossa mente é formada por pensamentos e sentimentos, que precisam ser retificados, ou seja, precisam estar alinhados com a nossa própria essência, com as Virtudes mais perfeitas do nosso ser.

Como vimos anteriormente, para Confúcio, a Virtude ou Humanidade só é alcançada quando nos colocamos em relação com o outro. Quando cultivamos virtudes nos relacionamentos é que semeamos um mundo de Paz. Somente através do Respeito, da Justiça, da Benevolência com relação ao outro é que levamos nosso Eu à plenitude.

Confúcio também orienta que, dependendo da posição que ocupamos em relação ao outro, as virtudes que manifestamos também assumem especificidades. Desta maneira, a virtude manifestada por um filho com relação aos seus pais (respeito filial) é diferente da virtude manifestada pelos pais em relação ao seu filho (benevolência).

Na dinâmica da comunidade escolar existem várias funções ou posições: alunos, professores/as, funcionários, pais, diretores, comunidade do entorno das escolas etc. Em cada papel que assumimos nessa dinâmica, podemos desenvolver um aspecto diferente da virtude. Refletindo sobre esses diferentes papéis e suas virtudes, e finalmente, colocando essas virtudes em prática dentro dos relacionamentos na comunidade escolar, podemos alcançar um modelo de comunidade virtuosa para que todos em contato com ela saibam o que é a virtude e, assim, esse modelo seja multiplicado.

4 – Valorizar a formação integral do(a) professor(a)/educador(a).

O Grande Aprendizado segundo Confúcio inicia encontrando o ponto onde se quer repousar, parar. Encontrando a direção, torna-se possível a tranquilidade, pois há clareza do caminho a seguir. Um(a) professor(a) é aquele(a) que aponta o “ponto onde repousar”, deixando os corações de todos tranquilos, pois podem enxergar claramente o objetivo. Quando uma pessoa demonstra o que é a Virtude Iluminada, isso aponta o objetivo, e todos vão perseguir uma forma de alcançar essa meta. Como quando se está perdido em uma floresta e, de repente, consegue-se avistar o local onde se precisa chegar, ou quando em alto

mar avistamos um farol, já não estamos mais perdidos, mesmo que ainda não tenhamos chegado ao lugar pretendido.

Esta clareza aponta o que é importante e o que não é. Através dela podemos compreender o que somos nós. Assim percebemos que o que vemos são manifestações de nossa raiz invisível - nosso caráter, nossos valores. O fim, o objetivo, é o próprio começo, nossa essência. O objetivo é retornar ao nosso eu mais profundo – a Virtude Iluminada que já é.

Grande Aprendizado é aquele que não fica restrito ao conhecimento da matéria, ou da ciência, mas que abre possibilidades para um desenvolvimento mais profundo. O cultivo e a prática de valores como Benevolência, Respeito, Sabedoria, Honestidade e Justiça, devem permear toda e qualquer prática educativa, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior e atividades de Educação não formal. Quando o(a) educador(a) tem consciência do ser humano que pretende formar pode, por exemplo, ensinar História pautada em princípios de Justiça, ensinar Matemática pautada em princípios de Honestidade, ensinar Ciências pautadas em princípios de Respeito.

Confúcio, nos Analectos, ainda afirma que “Sábio é aquele que faz brotar o que há de bom nas pessoas e não faz brotar o que há de ruim” (12.16, p. 66).

5 – A elevação do nível de virtude de toda a sociedade através da educação.

No “Grande Aprendizado” existem três princípios iniciais: despertar a própria virtude, através dessa virtude da consciência aproximar-nos das pessoas, e fazer com que esta virtude seja elevada até o nível máximo. Este é o objetivo da Educação: despertar a consciência. Todos possuem a Virtude Iluminada em sua essência, mas tal virtude precisa ser desperta por meio de um processo educativo. Quando cada um pode observar a Virtude Iluminada de outro, aquele sente iluminar a sua própria virtude.

Quando Confúcio fala sobre “a mais alta excelência”, refere-se à manifestação de todo o nosso potencial. Desta forma, manifestamos o potencial do nosso corpo, respeitando a vida em todas as suas dimensões; manifestamos o potencial da nossa mente, dando ao conhecimento a utilização correta e transformando-o em Sabedoria; e manifestamos o potencial de nossa essência espiritual e eterna. Qualquer que seja a nossa atividade, dedicamos toda a nossa potencialidade, como cidadãos, como membros de uma família, como profissionais, como seres humanos. É necessário primeiro compreender o princípio, construir a luz da própria virtude, através do brilho desta virtude auxiliar o outro para que nossa virtude se manifeste. Do contrário, permitimos que a sabedoria se transforme em teoria e não

conseguimos transformar virtude em ação. O que devemos saber agora é que, para que nossa virtude se manifeste, é necessário entrar em contato com o outro a partir do que há de melhor em nós.

A Pedagogia da Natureza Humana, portanto, é aquela que se utiliza de cada oportunidade para desenvolver as potencialidades do ser humano e contribuir para a formação de um ser integral em todas as suas dimensões. Para tanto, se aproveita da Educação Formal, da Educação Não-Formal e da Educação Informal para o exercício de virtudes intrínsecas da Natureza Humana, tais como Benevolência, Justiça, Respeito, Sinceridade e Sabedoria, sempre no relacionamento com o Outro. Cada papel exercido dentro da dinâmica educativa é valorizado por sua essência e por oferecer ao meu Eu a oportunidade de desenvolver minha identidade mais plena. Essa Pedagogia exprime com clareza seu propósito de construir ativamente sociedades harmoniosas e pacíficas através da pacificação de cada indivíduo e do exercício da virtude em cada relacionamento.

Confúcio dialoga com Paulo Freire ao colocar a Educação como ponto fundamental para a transformação social e também na visão da Educação como contínua e bilateral. Segundo Ireland (2019) Confucio considerava a Educação como interminável ao longo da vida, pois a própria vida seria um processo constante de busca por conhecimento em que o ensinar e o aprender estariam totalmente integrados. Ireland (2019) afirma que assim como Confucio, viriam mais tarde Grundtvig na Dinamarca, Gandhi e Tagore na Índia, Julius Nyerere na Tanzânia e Paulo Freire no Brasil, unidos pela ideia de que na Educação “o foco do processo é o ser humano e o seu potencial e não valores como poder e enriquecimento material” (IRELAND, 2019, p. 52).

A Sabedoria ensinada pelos escritos atribuídos a Confúcio é como o que Larrosa (2002) chama de Saber da Experiência, ou seja, é muito maior do que uma capacidade de absorver informações, mas relaciona-se com a nossa vida particular e concreta, com nossas ações e com o que acontece conosco. Segundo Larrosa (2002), o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Muito diferente da relação comum nos dias atuais de apropriação utilitária do conhecimento e até da própria vida com fins mercadológicos, esse saber tem a ver “com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (...) um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência” (LARROSA, 2002, p. 27).

“O Grande Aprendizado” de Confúcio, assim como os outros textos atribuídos a ele, podem auxiliar a desenvolver a Virtude. Virtude é a manifestação básica do ser humano. Manifestando virtudes, naturalmente a sabedoria surgirá. O conhecimento é uma reação da experiência de vida, é ele que estabelece pensamentos. A sabedoria precisa ser estimulada para despertar seu potencial. Não se trata de simplesmente transmitir um conhecimento, mas sim de estimular as experiências de vida para que se possa compreender todo o processo.

Desenvolvendo virtudes através do processo educativo, é possível ter indivíduos, famílias e profissionais íntegros em uma sociedade mais harmoniosa. Um mundo com Benevolência, Justiça, Honestidade, Respeito e Sabedoria será um mundo de Paz.

É preciso uma mudança de paradigma no que diz respeito ao que é Educação, à razão de todo o processo de ensino-aprendizagem, ao papel do(a) professor(a)/educador(a) e à dinâmica da comunidade escolar. Virtudes como Sabedoria, Amor e Coragem devem permear todas essas instâncias, para tornar possível a transição para sociedades realmente harmoniosas e felizes, sociedades sustentáveis.

3.8. Educação e Valores

"Se soubesse que o mundo acabaria amanhã, eu ainda hoje plantaria uma árvore." (Martin Luther King)

Krüger (2007) afirma que uma apreciação aprofundada indica que enfrentamos uma crise do homem e da sociedade. O ser humano se perdeu na complexa realidade social e não se identifica com coisa alguma. A solidão se tornou o vazio existencial da humanidade, uma vez que o homem não se sente pertencente ao ambiente que habita. A crise ambiental percebida pelo aumento populacional, aquecimento global, poluição, desmatamentos, etc, indica o apogeu daquilo que se acreditava ser o progresso. Moscovici (1975: 332) afirma que “o homem, de repente se percebe em plena selvageria, no limiar da penúria, tendo dificuldade até para satisfazer as funções fisiológicas elementares”. Desta maneira, para minimizar a crise, é preciso caminhar no sentido da naturalização da sociedade (Moscovici, 1975: 335), pois se observa que o ser humano perdeu a capacidade de pertencimento no planeta que habita.

Segundo Morin (2003), até os anos 1950-1960, vivíamos numa terra desconhecida, abstrata, uma Terra-objeto. Nosso fim de século descobriu-se a Terra-sistema, a Terra-Gaia, a

Terra- pátria, onde cada uma de nós tem sua genealogia e sua carteira de identidade terrestres. Cada um de nós vem da Terra, é da terra, está na terra. Pertencemos à Terra, e ela nos pertence (MORIN, 2003). Isto demonstra que a Terra é nosso lar, estamos envolvidos por ela e devemos protegê-la. Mesmo em momentos de desesperança é preciso acreditar na importância do papel de todos os atores e campos sociais nesta luta, pois dispomos de princípios de esperança na desesperança; e um dos princípios é o de que o viver faz a esperança que faz viver (MORIN, 2003).

Shopenhauer, em sua ética da compaixão, nos ensina que quando nos sentimos iguais, quando somos um com o outro – e esse “outro” pode ser o que chamamos Natureza – somos realmente capazes de protegê-lo. Já que a mesma natureza está em todos e em todas as coisas, o indivíduo conhece, de um modo imediato e sem racionalizar, que a realidade, escondida atrás do fenômeno que ele é, é a mesma nele e no outro, visto que ela é essa vontade de viver, que constitui a essência de todas as coisas, e que vive em todo lado; sim, em todo lado, visto que ela reina igualmente nos animais, e na natureza inteira; e é por isso que ele nunca torturará um animal (SCHOPENHAUER, 2001, *apud* MARIN, 2007b).

A origem etimológica do termo ética está em *êthos* que significa caráter e não mero costume. Quintás (1992, p.228, *apud* MARIN, 2007b) a define como uma espécie de “segunda natureza” que o ser humano adquire a partir de sua ação criadora suscitada em sua vivência no meio ambiente, na correlação que estabelece com as realidades. É preciso aqui estender também o sentido da ética para além da reprodução de preceitos morais. A ética que a experiência estética desperta não é aquela centrada na moralidade condicionante, onde se pretende ensinar normatizações e moldar comportamentos pela ameaça da punição. Caímos aqui na questão já evidenciada por Schopenhauer (2001): “(...) não podemos esperar da moral, nem em geral do conhecimento abstrato, a formação de nenhuma virtude autêntica; ela pode nascer apenas da intuição que reconhece num estranho o mesmo ser que reside em nós” (SCHOPENHAUER, 2001, p.285). Essa ética da compaixão que emana dos fundamentos da natureza humana só pode ser despertada em um ser humano integral, porque é da sua sensibilidade diante do outro e da natureza que nasce um desinteresse pelas necessidades criadas pela sociedade de consumo, supérfluos da comunidade global.

Para Marin (2007) também não se trata de falarmos da moralidade, na qual por vezes se reduz a ética, em discursos sobre as necessidades das gerações futuras, que carregam, como se vê, o ranço antropocêntrico. Trata-se muito mais de potencializarmos a resposta ao apelo

do outro, de nos questionarmos até que ponto a contemplação da amargura do mundo, da natureza, do ser humano, pode despertar a eticidade de um sujeito constantemente bombardeado pelos valores derivados do individualismo capitalista. A ética que nasce da percepção do outro na natureza é muito mais que instrumento de normatização do indivíduo, que o força a introjetar as leis para inserir-se na dinâmica do processo social, como nos coloca Boff (2003). É a ética que se dá na reconquista da espiritualidade e em todas as formas como ela se abriga na nossa leitura do mundo, que se pauta numa abertura comunicativa ao outro. É também aquela que nos pede para renunciarmos às necessidades que sequer construímos e que construímos modos de viver nos quais o reconhecimento da essência única de tudo o que é vivo seja valorizado, em detrimento de um modelo que desumaniza o homem na mesma proporção em que desnatura a natureza.

Segundo Bonotto (2008), quando se fala em trabalhar valores na educação há um impasse entre posições relativistas e universalistas, sendo assim, torna-se necessário explicitar a posição e ação em favor do respeito à vida e à sobrevivência de todos os seres do planeta. A autora afirma que esses valores podem ser identificados junto aos princípios presentes no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, e os divide em: valorização da vida, valorização da diversidade cultural, valorização de diferentes formas de conhecimento, valorização de sociedades sustentáveis e valorização da vida participativa. A esses, acrescenta ainda a valorização estética da natureza.

Souza (2003) cita como princípios éticos fundamentais para o trabalho com valores socioambientais: a dignidade do ser humano, a formação da cidadania democrática, respeito mútuo, justiça, equidade, auto-estima, diálogo, generosidade e solidariedade. O autor afirma que uma ética centrada na vida implica na superação do antropocentrismo, e também de posturas reducionistas de um certo “ecologismo”.

Para Gadotti (In.: TORRES, 2016), outro importante documento a ser considerado e apropriado por pessoas e Estados é a Carta da Terra, um código ético planetário aprovado pelas Nações Unidas em 2002.

Entre os valores que se afirmam na minuta de referência encontramos:

1. Respeito à Terra e à sua existência.
2. A proteção e a restauração da diversidade, da integridade e da beleza dos ecossistemas da Terra.
3. A produção, o consumo e a reprodução sustentáveis.
4. Respeito aos direitos humanos, incluindo o direito a um meio ambiente propício à dignidade e ao bem-estar dos humanos.

5. A erradicação da pobreza.
6. A paz e a solução não violenta dos conflitos.
7. A distribuição equitativa dos recursos da Terra.
8. A participação democrática nos processos de decisão.
9. A igualdade de gênero.
10. A responsabilidade e a transparência nos processos administrativos.
11. A promoção e aplicação dos conhecimentos e tecnologias que facilitam o cuidado com a Terra.
12. A educação universal para uma vida sustentada.
13. Sentido da responsabilidade compartilhada, pelo bem-estar da comunidade da Terra e das gerações futuras.

(GADOTTI, M. In.: TORRES, C. A., 2016, pag 50)

Bonotto (2008) reflete que pode-se assumir, com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborada pela Organização das Nações Unidas em 1948, a existência de valores universalmente desejáveis. Entretanto, não se deve perder a referência de que existem limites para essa universalização, pois é preciso respeitar os valores próprios de cada cultura. A autora ressalta ainda que o trabalho com valores na educação esbarra normalmente na ideia de que há uma transmissão legada pelas gerações mais velhas às mais novas, ou seja, no pressuposto epistemológico de que o conhecimento é algo exógeno. Além disso, afirma que a única dimensão que se costuma levar em conta é a cognição. Sendo assim, afirma a necessidade de se desenvolverem estratégias educativas que envolvam as dimensões da afetividade e da ação, além da cognição.

Para Brandão (2005), tudo o que vive vale pelo que é em si mesmo, pois a Vida é um valor absoluto. A Vida é guardiã de outros valores e tudo o que é vivo participa dos direitos desse valor e é sujeito da Vida. O autor nos lembra de que somos todos seres entrelaçados na teia da Vida, co-responsáveis uns pelos outros. Se escolhermos cumprir com essa nossa responsabilidade, construiremos uma realidade de amor, harmonia e paz.

Paulo Freire (1996) ressalta que o progresso científico e tecnológico que não corresponde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem sua significação. Freire afirma que a ética universal do ser humano foi transgredida em favor da ética do mercado, do lucro. É nesse contexto que o autor nos adverte que a

prática do ensino exige reconhecer que a educação é ideológica, ou seja, pressupõe que por trás de si há uma base ideológica que, em nossos tempos, tem sido a ideologia capitalista.

Gulart e Röhr (2013) questionam se é suficiente desenvolver no educando um número específico de habilidades, já que o que se vê, no cenário atual, são indivíduos humanamente fragilizados, que se vêm barrados no desenvolvimento de suas potencialidades humanas. Os autores ressaltam que há uma gradativa demolição dos valores, da ética, da importância da vida humana, do respeito ao outro, da crescente desumanização e afirmam que os conteúdos que visam desenvolver as habilidades e competências são necessárias para a inserção do sujeito no mundo, o que eles denominam “hominização”, mas que é preciso completar o processo de humanização, e esta é apenas uma de suas partes. Gulart e Röhr (2013) propõem trabalhar o homem em todas as suas dimensões, para uma educação integral do ser e, para tanto, é necessário pensar nos conteúdos dessa formação para além desses que já estão dispostos no atual cenário educacional. Os autores entendem a concepção de educação como processo de formação humana, e que está intrinsecamente ligada à concepção de um ideal que se tem de ser humano. Ou seja, os diferentes sentidos dessa formação humana variam de acordo com as mudanças nas concepções que os homens fazem do ideal de sua humanização. Segundo os autores, se estamos vendo metas educacionais sendo direcionadas de acordo com interesses de grupos políticos, sociais, econômicos, religiosos, étnicos etc., é porque cada um definindo a especificidade do fim educacional a partir de suas concepções e, conseqüentemente, o ideal de formação humana que deve guiar essas práticas. A educação sempre esteve atrelada a ideais e, de acordo com o ideal de homem que se tem, procura-se adequar os educandos aos ideais que se criam.

Leonardo Boff (1993) afirma que a ética da sociedade hoje dominante é utilitarista e antropocêntrica. O ser humano estima que tudo se ordena a ele. Considera-se senhor e patrão da natureza, que está aí para satisfazer suas necessidades e realizar seus desejos. Tal postura de base leva à violência e à dominação dos outros e da natureza. Nega a subjetividade de outros povos, a justiça às classes e o valor intrínseco dos demais seres da natureza. Não percebe que os direitos não se aplicam apenas ao ser humano e aos povos, mas também aos demais seres da criação, que há um direito humano e social, como há um direito ecológico e cósmico.

Segundo Jaspers (2003), a desumanidade da indiferença tem sido nosso estado cotidiano. O mais terrível pode acontecer à nossa volta, pode ser cometido por seres humanos contra outros seres humanos, que momentaneamente nos sentimos invadidos por compaixão, mas em seguida, acabamos por esquecer e dissimular como habitualmente. Cada

vez mais, a condição tão fundamental da compaixão parece estar em último lugar dentro da hierarquia de prioridades que temos na vida.

Sato (2003) traz à tona os prejuízos do tecnicismo da prática educativa atual, em que questionamentos importantes na maioria das vezes são inviáveis, devido ao horário inflexível, à insuficiência de profissionais e à estrutura educacional autoritária. A autora propõe um currículo voltado para a questão ambiental, consciente do engajamento numa ideologia política, pois não há neutralidade na Educação. A autora sugere uma releitura da Educação Ambiental inserida no Ensino Fundamental e Médio, em que o professor possa inserir a dimensão ambiental dentro do contexto local, sempre construindo modelos através da realidade e pelas experiências dos próprios alunos, que são a família, os locais preferidos de passeios, os jogos, os locais de brincadeira, os animais domésticos ou as árvores presentes nos arredores das escolas, entre outros.

A educação brasileira, segundo Machado (2006), carece muito mais de uma Carta de Princípios Gerais, uma Tábua de Valores Fundamentais que sublinhe os valores maiores que deveriam nortear os projetos e ações educacionais, do que de planejamentos extremamente “minuciosos ou alterações radicais na legislação vigente.

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992) conceituou a Educação Ambiental para uma sustentabilidade equitativa como um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Segundo este importante documento, a educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em nível local, nacional e planetário. O Tratado considera que a preparação para as mudanças necessárias depende da compreensão coletiva da natureza sistêmica das crises que ameaçam o futuro do planeta. As causas primárias de problemas como o aumento da pobreza, da degradação humana e ambiental e da violência podem ser identificadas no modelo de civilização dominante, que se baseia em superprodução e superconsumo para uns e subconsumo e falta de condições para produzir por parte da grande maioria. Considera que são inerentes à crise a erosão dos valores básicos e a alienação e a não-participação da quase totalidade dos indivíduos na construção de seu futuro.

Segundo a legislação brasileira (BRASIL, 1999), “entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do

meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. A mesma lei firma que esta educação deve estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal, e que deve ter como princípios básicos o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural, entre vários outros aspectos; objetivando, por exemplo, o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos; a construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade; o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

Segundo Alves e Sorrentino (2010), os cinco pilares que promovem a sustentabilidade dos processos educadores são os conceitos de identidade, comunidade, diálogo, potência de ação e felicidade, na compreensão do Laboratório de Educação e Política Ambiental (Oca) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). Os autores citam, por exemplo, Boaventura de Souza Santos (2007, *apud* ALVES *et. al.*, 2010), que no sentido de construção coletiva, nos traz a perspectiva das comunidades interpretativas baseadas em um novo senso comum ético para a construção de um novo paradigma: a solidariedade como forma de saber. Tais comunidades seriam a experimentação de sociabilidades alternativas, onde há espaços para campos de argumentação em direção à vontade emancipatória, funcionando como uma construção microutópica de acrescentar força no poder argumentativo dos grupos que pretendem realizá-lo. A construção destas comunidades avançaria à medida que a argumentação introduzisse exercícios de solidariedade cada vez maiores. Isto porque contribui com a formação de pessoas que saibam e queiram atuar na construção de sociedades sustentáveis. Assim, a comunidade não pressupõe o fim da individualidade, mas um processo de complementação e de interconexão entre os seres (vivência e convivência) a partir do fortalecimento de suas identidades individuais e coletivas.

De Luca *et. al.* (2010) aponta que a educação ambiental que propomos busca desconstruir o discurso da modernização e recuperar o sentido comunitário, por meio da construção de coletivos educadores ambientais. Os autores citam Leff (2002 *apud* De Luca, 2010), ao afirmar que frente ao processo de globalização, regido pela racionalidade

econômica e pelas leis de mercado, está emergindo uma política do lugar, das diferenças, do espaço e do tempo, que centralmente traz os direitos pelas identidades culturais de cada povo e legitimando regras mais plurais e democráticas de convivência social. É uma política do ser, que valoriza o significado da utopia como direito de cada comunidade para forjar seu próprio futuro.

Com relação à individualidade, Alves e Sorrentino (2010) nos lembram que a história que recai sobre cada indivíduo hoje, inevitavelmente, é a história mundial. Para Morin (2003), na era planetária que vivemos, cultivamos a poliidentidade, que, segundo o autor, é a integração da “identidade familiar, a identidade nacional, a identidade regional, a identidade étnica, a identidade religiosa ou filosófica, a identidade continental e a identidade terrena”. O papel do (a) educador (a) ambiental na consolidação de uma identidade individual ou coletiva, é o de fornecer, durante o processo educador ambientalista, elementos para a busca de uma identidade planetária que nos permita enfrentar os desafios colocados pelas questões ambientais em escala global, sem se sobrepor à identidade micro local, a qual é responsável por sua vez, pelo surgimento de formas criativas de enfrentamento a crise socioambiental com toda a especificidade de cada local e de cada cultura. Durante o processo educador ambientalista no contexto da formação das identidades, é importante resgatarmos os componentes locais da cultura e da identidade.

Em relação ao diálogo, Alves e Sorrentino (2010) afirmam que a educação ambiental realiza-se na relação com o Outro. E devemos refletir: como nos relacionamos com os outros humanos e com as outras formas de vida que nosso planeta sustenta? Como nos relacionamos com os rios, mares, florestas? É valorizando as relações e a forma como percebemos o Outro que a educação ambiental traz uma perspectiva de qualidade, de cuidado, de responsabilidade partilhada. O diálogo é um exercício profundo de desvelamento (Tassara e Ardans, 2005, *apud* ALVES e SORRENTINO, 2010) que não tem limite ou ponto de chegada, pois a vida está sempre em transformação. Desvendar-se e desvelar o Outro, num eterno entrelaçar de significados. Educadores ambientais, inspirados na educação dialógica da pedagogia libertária de Paulo Freire, buscam o desenbrutecimento que processos pedagógicos opressores podem estimular em seus participantes. Esses espaços de interação são fonte de alimento intelectual, afetivo e racional, de fortalecimento dos indivíduos, permitindo enfrentar de forma mais equilibrada as questões cotidianas comumente marcadas por injustiças socioambientais.

Com relação à potência de ação, Alves e Sorrentino (2010) afirmam que a educação como processo formador comprometido com a sustentabilidade socioambiental exige a participação, individual e coletiva, das pessoas nele envolvidas, o que tem relação direta com

a diminuição e/ou aumento de nossa potência de ação. A participação como potência de ação refere-se ao encontro com o outro e o desejo de participar não vem de fora, e sim, conforme Espinosa, é uma necessidade natural do sujeito, uma busca pela liberdade e pela felicidade independentemente de obrigação ou moralidade. Para Costa-Pinto (2003), ao definirmos a participação como potência de ação podemos afirmar que o que move a participação é a vontade de ser feliz, cuja ação reflete em última instância na ação política transformadora. Contudo, o motor dessa ação não é apenas a consciência política, mas também a descoberta de potencialidades, talentos e capacidades individuais, pois estas descobertas trazem o estímulo à ação e à participação. Trata-se de fortalecer o sujeito através da ampliação e do aprofundamento da consciência das capacidades, talentos e potencialidades que possui e constrói para modificar a realidade, bem como consciência de sua situação social (Costa-Pinto, 2003). Participar mobiliza os sujeitos para, dentre outras coisas, o encontro consigo próprio e com o outro, à percepção do nosso *modus operandi*, das nossas virtudes e das nossas limitações, o que muitas vezes pode fazer emergir sentimentos de insegurança, dúvida e conflitos.

Por fim, o conceito de felicidade é chave para compreender as buscas que o ser humano realiza no planeta. Vários autores têm estudado sob as mais diversas óticas. Destacamos aqui Seligman et al. (2005, *apud* ALVES e SORRENTINO, 2010), que apontam três componentes essenciais, mas que são individualmente incapazes de assegurar a felicidade: o prazer (ou emoções positivas), o engajamento e o significado. O prazer, embora presente, é consequência do engajamento e do significado. O engajamento é o envolvimento em qualquer atividade que traz prazer. Já o significado, o sentimento de pertencimento a algo que faça sentido além do material, eleva a felicidade a um outro patamar. Alves e Sorrentino (2013 b) apresentam como a sociedade ocidental tem buscado a felicidade por meio do consumo e dos valores superficiais da modernidade. Nessa busca da felicidade por meio do consumo pautado no desejo, a sociedade transfere seus valores morais para o consumo, na falsa ideia da liberdade de escolha. Desta maneira, tão superficial torna-se a busca, que como num vício, necessita de aumento constante (hiperconsumo), tão intenso é este processo, que a mercantilização chega a instituições improváveis, como a família, igrejas, e mesmo à ética. Tal é a importância que a espiritualidade e o resgate de valores vêm assumindo para a questão da qualidade de vida, que tem sido tema crescente de pesquisas de Psicologia cognitiva e positiva, com impactos comprovados na saúde física, mental, na autogestão e controle de estresse, motivação, e também em organizações, com melhoria de desempenho pessoal e organizacional, bem como inúmeras outras abordagens. Os autores citam o trabalho de

Seligman et al. (2005, *apud* Alves e Sorrentino, 2013 b) que realizaram um levantamento da durabilidade do bem-estar psicológico em 40 países com significativas diferenças culturais, os autores chegaram ao que é considerado essencial a cada cultura e concluíram que algumas virtudes estão onipresentes nas diferentes culturas estudadas. São elas: sabedoria/conhecimento, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência, que por sua vez desdobram-se em mais 24 características às quais chamam de força de caráter.

Rucheinsky (2002), elaborando uma proposta pedagógica através da educação ambiental para produtores rurais, apresenta a importância de se trabalhar na dimensão das relações sociais, sejam elas de natureza cultural, política ou econômica, compreendendo a consciência não como um receptáculo de informações, mas como uma construção, na qual o mundo também se constrói, em um processo de relações dos homens entre si e deles com a natureza. Ou seja, é premissa básica da educação ambiental o tornar-se consciente do mundo e do outro.

Segundo Paulo Freire (1992), a leitura da palavra é sempre precedida pela leitura do mundo. A leitura e a escrita da palavra implicam uma releitura mais crítica do mundo como “caminho” para “reescrevê-lo”, para transformá-lo.

Costa Pinto (2012) afirma que Espinosa, em sua obra *Ética*, apresenta-nos a existência de uma só e única substância dotada de infinitos atributos da qual todas as coisas derivam. Ao identificar Deus com a Natureza, Espinosa referencia o ser humano como parte da Natureza, e não mais como ser apartado desta. Esta visão transforma todo o conceito de Educação, pois nos dá outra dimensão para a condição humana.

Guimarães (1995) alerta que não deve haver separação entre o ser humano e o meio ambiente, pois a todo momento o ser humano aspira para o seu interior o ar que circunda, ingere a água que bebe, o alimento que come, exterioriza e interioriza sentimentos para com outra pessoa, uma flor, um animal, uma paisagem. Portanto, na relação do ser humano com o meio, que atualmente parece se processar de forma bastante desequilibrada, dominadora, neurotizante, é que a Educação Ambiental tem um grande campo a desenvolver. Praticando um trabalho de compreensão, sensibilização e ação sobre esta necessária relação integrada do ser humano com a natureza; adquirindo uma consciência da intervenção humana sobre o ambiente que seja ecologicamente equilibrada. O autor afirma que, no trabalho de conscientização é preciso clareza de que conscientizar não é simplesmente transmitir valores “verdes” do educador para o educando; essa é a lógica da educação “tradicional”; é, na verdade, possibilitar ao educando questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua

conscientização. É permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores a partir de sua realidade, o que não significa um papel neutro do educador que negue os seus próprios valores em sua prática, mas que propicie ao educando confrontar criticamente diferentes valores em busca de uma síntese pessoal que refletirá em novas atitudes.

Morin (2000) afirma que a educação do futuro deverá ser “o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”. Ou seja, é preciso questionar nossa posição no mundo e compreender os legados de nossa história, percebendo a complexidade humana presente em cada um de nós. Para Morin (2000), “somos originários do cosmos, da natureza, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele.” Trazemos em nossa singularidade não somente toda a humanidade e toda a vida, mas quase todo o cosmos, no fundo de nossa natureza humana.

Morin (2003) afirma que o planeta exige um pensamento policêntrico consciente da unidade/diversidade da condição humana; um pensamento policêntrico nutrido das culturas do mundo. Educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e a consciência terrenas. Para Alves et. al (2010), é estabelecido assim um processo dialético entre identidade planetária e em menor instância a identidade individual, tendo um gradiente de identidades intermediárias neste “espectro”. Durante o processo educador ambientalista no contexto da formação das identidades, é importante resgatarmos os componentes locais da cultura e da identidade. Estes elementos devem ser trabalhados para que o local não seja entendido como o atrasado, o ultrapassado e para que possamos assim, manter nossa conexão com a infinidade de influências culturais, sem necessariamente anular os componentes locais de nossa cultura.

Para Duvoisin (2002), o mundo foi historicamente interpretado como um conjunto constituído por sistemas fechados, estáveis e organizados. Os sistemas vivos e não-vivos eram compreendidos e explicados por uma abordagem mecanicista, fragmentária e especializada, a lente pela qual se obtinha tal visão era a da racionalidade científica, que tinha como base a teoria das ciências naturais. Nas últimas décadas, as pesquisas realizadas na física quântica e na teoria da relatividade são responsáveis pela mudança da visão de mundo, que passa a ser visto como um grande sistema aberto, instável, que efetua intercâmbios vitais para a sua manutenção e transformação. Para o autor, pensar o mundo enquanto sistemas abertos e organizados é condição primordial para a nossa sobrevivência. A visão holística, sistêmica ou ecológica, supera a questão da unicidade e da multiplicidade na medida em que não considera

apenas o uno, e sim a existência de vários subsistemas cada um deles com as suas especificidades, interconectados e influenciando uns nos outros pelas interações e se auto-organizando.

Para Sorrentino, Trajber e Ferraro Junior (2005), a educação ambiental, por não estar presa a uma grade curricular rígida, pode ampliar conhecimentos em uma diversidade de dimensões, sempre com foco na sustentabilidade ambiental local e do planeta, aprendendo com as culturas tradicionais, estudando a dimensão da ciência, abrindo janelas para a participação em políticas públicas de meio ambiente e para a produção do conhecimento no âmbito da escola. Através da Educação Ambiental, podemos buscar formas abertas e inovadoras de construir juntamente com formadores, professores e alunos o que Edgar Morin chama de conhecimento pertinente, que possibilita apreender os problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais. Assim, a busca do conhecimento se torna um esforço infinito, mas que pode se tornar um círculo virtuoso. Por não se tratar de uma disciplina, a Educação Ambiental permite inovações metodológicas na direção do *educere* — tirar de dentro — por ser necessariamente motivada pela paixão, pela delícia do conhecimento e da prática voltados para a dimensão complexa da manutenção da vida. Com visão sistêmica e participativa, espera-se que os processos educacionais permitam incentivar educadores e educadoras ambientais a acreditarem em sua capacidade de atuação individual e coletiva, ao se apropriarem de conceitos, readequando métodos, incrementando técnicas e melhorando suas práticas cotidianas.

Segundo Amorim (2005) por linhas variadas, as práticas, os conhecimentos e metodologias participativas, colaborativas e de ação-intervenção de correntes da educação popular interessaram à Educação Ambiental devido aos pressupostos e aos resultados associados à transformação social que dela advinham. As possibilidades de constituição, pela Educação, de sujeitos críticos, autônomos, participativos e emancipados vão ao encontro de várias intenções dos movimentos ambientalistas. A Educação, inspirada, por exemplo, em pedagogias da autonomia, da emancipação e o conceito de liberdade são referências significativas na produção de sentidos para a Educação Ambiental. A Educação Ambiental é povoada, então, de posturas, ideias e práticas que referendam as relações bastante fortes entre ações educativas, condições sociais específicas e transformação da realidade. Para o autor, considerar que a Educação seja naturalmente Educação Ambiental ou que seja nela incluída sem conflitos, sem negociações, sem redes de poder, é um interessante começo de conversa e de trocas de olhares para o comum. Buscar lidar menos com a identificação do que seja conceito, uma ideia ou uma teoria da Educação, e propor formas de trabalho em que os seus

efeitos sejam potencializadores de um campo de possíveis, talvez seja uma atitude política coerente. Desta forma, precisamos apostar em uma Educação como amizade e exercício político, um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade, a propor alternativas às formas tradicionais de relacionamento.

Para Alves e Sorrentino (2013 a) são os valores que compõem nossa identidade, cuja escolha faz parte da liberdade, e são essenciais para o desenvolvimento de uma Cultura de Paz. Desta emergirá a Felicidade individual e coletiva. Se a qualidade destes valores se aproximar de uma riqueza imaterial que toca o coração humano em suas profundezas, mais próximo se parece estar da concretização coletiva de um bem comum, porque este será algo almejado por todos e materializado por meio das conexões sincrônicas.

Para Guimarães (2005), sem educação nada se transforma. O autor afirma que a educação é capaz de transformar, desde que estejamos comprometidos com seu caráter crítico e emancipador. Para tanto, é necessário romper com visões simplistas e reducionistas, que olham para os fenômenos buscando interpretá-los, encaixando-os em uma lógica mecanicista e linear. Para Guimarães, é preciso, como intervenção educacional, a construção de um ambiente educativo de conscientização, que vá da denúncia à compreensão-construção de uma realidade socioambiental em sua complexidade. Uma forma de construirmos esse ambiente educativo de conscientização, causador de rupturas na ordem estabelecida, é promovendo a reflexão crítica que se dá pela práxis segundo sentido Freireano, “que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1992). Nesta perspectiva dialética/dialógica de compreender o real, o indivíduo se transforma transformando a sociedade e, reciprocamente, na sociedade em transformação, o indivíduo se transforma, isso supera (sem negar) a idéia de que a sociedade é o resultado da soma de seus indivíduos, em que para transformá-lo temos que primeiro transformar os indivíduos.

4. Sociedades Sustentáveis

Para Sorrentino (1997, p.4), a característica básica das sociedades sustentáveis é “o avanço em direção à não exploração do ser humano pelo seu semelhante, à melhoria da qualidade de vida para todos e à não exploração ou degradação das condições de vida das demais espécies pela nossa”. Para o autor, esse tipo de sociedade contrapõe-se ao modelo de desenvolvimento sustentável que seria apenas uma nova roupagem para manter o atual *status*

quo, que aglutina empresários, governantes e uma parte das organizações não-governamentais.

Brandão (2007) explica que sociedades sustentáveis são aquelas que buscam transformações que satisfaçam as verdadeiras vocações e necessidades dos seres humanos, garantindo nossa própria sobrevivência juntamente à Vida no planeta Terra. Segundo o autor, a ideia de sociedades sustentáveis é realista e inovadoramente solidária para com o presente e o futuro, transformando pessoas e povos em direção a

um espírito de crescente cooperação entre todos, a uma relação de socialização da natureza sustentável e recriadora da Vida e, também, à partilha equitativa e generosa dos frutos da terra e dos bens e recursos derivados de nosso trabalho junto a ela, com vistas a uma universal regeneração da Natureza e de nós próprios, portanto. (BRANDÃO, 2007, p. 111).

Um dos expoentes em Sociedades Sustentáveis tem sido o Movimento Transition Towns. Segundo o site <http://transitionbrasil.ning.com> o movimento das Cidades em Transição, ou Transition Towns, foi criado pelo inglês Rob Hopkins com o objetivo de transformar as cidades em “modelos sustentáveis, menos dependentes do petróleo, mais integradas à natureza e mais resistentes a crises externas, tanto econômicas como ecológicas. Hoje o movimento se faz presente em 14 países do mundo. Já são mais de 321 Iniciativas Oficiais de Transição (em cidades, bairros e até ilhas) e 227 iniciativas em formação”. O Guia Essencial para a Transição (TRANSITIONNETWORK, 2019) elucida que a Transição é um movimento que vem crescendo desde 2005, que trata de as comunidades darem um passo à frente para enfrentar os grandes desafios que enfrentam, começando localmente. A ideia se trata de as pessoas da comunidade se reunirem para criar soluções juntas, nutrindo uma cultura de cuidado, focada na “conexão com o eu, com os outros e com a natureza. Com isso as comunidades estão recuperando a economia, desencadeando o empreendedorismo, reimaginando o trabalho, reciclando seus conhecimentos e tecendo redes de conexão e apoio. (TRANSITIONNETWORK, 2019, p. 8). Alguns dos Princípios do Movimento são: respeito aos limites dos recursos da natureza, promoção da inclusão e da justiça social, a subsidiariedade (auto-organização), equilíbrio entre cabeça-corção-mãos, rede experimental de aprendizagem, o compartilhar livre de ideias e poder, a colaboração e busca por sinergias e o fomento da visão e criatividade positivas. Segundo o Guia, os sete ingredientes principais para fazer a Transição são: a Comunidade Saudável, a Visão, o Envolvimento, as Redes e Parcerias, os Projetos Práticos, o ser Parte de um Movimento e o Refletir e Comemorar.

Para Sato (2008) o conceito de Sociedades Sustentáveis (no plural) deriva do movimento ambientalista nascido da contracultura dos anos 60 e traz consigo propostas de

empoderamento político, social e econômico, autonomia dos sujeitos e comunidades, múltiplos saberes, não violência e maior ênfase aos meios do que ao produto final.

A Carta Aberta das Educadoras e dos Educadores por um Mundo Justo e Feliz! Construída na Rio +20, coloca que na transição para Sociedades Sustentáveis,

Cada comunidade pode ver e sentir além das palavras e da semântica, mantendo seu rumo em direção à união planetária, traçando sua própria História. Retornar e apropriar-se localmente de novos conceitos, a partir da prática dialógica, potencializando comunidades aprendentes, para um sentido de pertencimento e de felicidade individual e coletiva. (ALVES; VIEZZER, 2014. p. 7).

Trovarelli (2016) realizou um estudo sobre a transição para sociedades sustentáveis com uma abordagem a partir de comunidades escolares, e ressaltou a importância de diferenciar o modelo de Sociedades Sustentáveis do modelo reducionista e utilitarista do chamado Desenvolvimento Sustentável. Ela afirma que o termo Sociedades Sustentáveis (no plural), segundo o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (TEASSRG), indica de forma explícita que as comunidades devem conduzir seus próprios destinos de maneira autônoma. Nesse sentido, deve-se respeitar a soberania de cada nação. Em termos de Valores Sociais, a autora afirma que para o Tratado,

são vários os princípios que se referem a valores sociais, especialmente a solidariedade, a igualdade, o respeito aos direitos humanos e as variantes culturais. (...) a valorização e o respeito a história indígena e de culturas locais, assim como a promoção da diversidade cultural, lingüística e ecológica. (TROVARELLI, 2017, p. 54).

PARTE II

5. As Intervenções (Metodologia)

Para a realização da pesquisa proposta optou-se pela abordagem qualitativa, pois segundo Tozoni-Reis (2005), a pesquisa em educação ambiental essencialmente possui essa abordagem. Segundo a autora é a “essência da educação a necessidade de explorar nos espaços ocultos das ações educativas cotidianas, uma realidade diversa, dinâmica, complexa e específica” (TOZONI-REIS, 2005, p. 270).

Para Minayo (2001) esse tipo de pesquisa trata da realidade que não pode ser quantificada. Considera-se, portanto, um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21).

Sendo assim, propôs-se a seguinte pergunta-problema para a pesquisa: Intervenções de Educação Ambiental que utilizam a simbologia da Árvore através de expressões artísticas como teatro, música, pintura, fotografia e literatura, podem auxiliar no desenvolvimento e manifestação de valores que contribuam para a formação de seres humanos mais aptos à construção de sociedades sustentáveis?

A pesquisa foi realizada com base no método Oca de Educação Ambiental (OCA, 2016), pautado pelo fazer educador ambientalista comprometido com transformações sociais que promovam a transição do atual estado de degradação socioambiental para sociedades sustentáveis. Conforme mostra a Figura 44, o método Oca parte da Pesquisa Intervenção Educadora em torno de uma temática problematizadora ambiental, através da qual se realiza círculos de cultura com pessoas que aprendem participando – PAP. Nestes círculos, busca-se estudar, ler, aprender e pesquisar e produzir educomunicação, a partir de mapeamentos e diagnósticos e com o objetivo de incidir em políticas públicas. Um ponto fundamental neste processo é o mergulhar em si mesmo, conhecendo conjuntura e utopia. Desta forma, esse grupo de pessoas pode partir de uma conjuntura e buscar formas de transformação da realidade na construção das utopias, aqui para nós denominadas sociedades sustentáveis.

A temática problematizadora utilizada para este trabalho foi a imagem da árvore. O mergulho em si mesmo foi realizado através de meditações e reflexões sobre o mundo que se quer construir, ou seja, o conhecimento da conjuntura e das utopias. As cinco intervenções formaram um cardápio de conteúdos que poderá ser utilizado em novas ações de educação

ambiental. Espera-se que os resultados apresentados possam auxiliar na criação de políticas públicas de transição para sociedades sustentáveis.

Fig. 44 – Método Oca de Educação Ambiental (OCA, 2016, adaptado pela autora).

A pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico (Aguiar, 2003; Rocha, 1996, 2001; Rodrigues e Souza, 1987 *apud* Rocha e Aguilar, 2003) evidenciam que a pesquisa-intervenção representa uma crítica à política positivista de pesquisa. As autoras destacam para a formulação da pesquisa-intervenção, referenciais importantes como uma certa concepção de sujeito e de grupo, de autonomia e práticas de liberdade e a de ação transformadora: a concepção de sujeito e de grupo que rompe com o sentido de unidade fechada, estável e hegemônica instituída pela ideologia de homem a frente da realidade e que provocou a separação entre teoria e prática e entre sujeito e objeto; a Autonomia e as Práticas de Liberdade, com a produção de utopias ativas, onde a constituição da autonomia se dá pela sempre limitada mas infinita questão relativa à potencialidade da vida; a Ação Transformadora e a Pesquisa-Intervenção como Dispositivo de Transformação. "Na pesquisa-intervenção, não visamos à mudança imediata da ação instituída, pois a mudança é consequência da produção de uma outra relação entre teoria e prática, assim como entre sujeito e objeto" (Rocha e Aguilar, 2003, pg. 71).

Foram combinadas as seguintes técnicas: aprofundamento bibliográfico, questionário, roda de conversa, entrevista semi-estruturada, observação de campo e anotação em diário de bordo. Ainda houve uma inspiração nos métodos descritos por Gauthier (2001, *apud* SATO,

2004) denominados de Sociopoética – que busca valores e conceitos tradicionalmente negados, explorando o poder cognitivo da oralidade, da intuição e das sensações, pois como afirma Sato (2004), uma pesquisa teórico-metodológica no campo da educação popular propõe um processo grupal de produção de conhecimento.

A pergunta de pesquisa pode ser desdobrada em outras partes. A primeira busca saber: intervenções de Educação Ambiental podem auxiliar no desenvolvimento de valores humanos? A segunda: quais são os valores necessários para formação de um ser humano mais apto à construção de sociedades sustentáveis? Para responder à primeira questão, foram realizadas cinco oficinas de sensibilização ambiental trabalhando a simbologia da Árvore através de expressões artísticas como teatro, música, pintura, fotografia e literatura, em intervenções realizadas em áreas verdes públicas, na Universidade, em uma comunidade escolar da rede pública de ensino de um município do interior de São Paulo e uma intervenção online através de uma aula ao vivo pela plataforma YouTube.

Foi previamente construída uma ferramenta de análise baseada em indicadores de valores humanos a partir do discurso. Foi elaborado um protocolo de acompanhamento³ composto de três partes de acordo com o enfoque realizado: pensamentos, sentimentos e atitude dos participantes. O protocolo foi aplicado sempre ao início de cada intervenção, a exceção do da intervenção online, em que o protocolo foi enviado anteriormente através do Google Forms. O mesmo foi aplicado novamente ao final de cada uma das intervenções. E de seis meses a um ano após a realização das quatro oficinas presenciais um novo questionário foi enviado por e-mail para os participantes, sendo o mesmo questionário enviado por Google Forms aos participantes da oficina online. Cada intervenção teve cinco momentos: 1. Provocação; 2. Meditação; 3. Produção individual; 4. Socialização da produção individual; 5. Diálogos sobre pensamentos, sentimentos e atitudes, interpretações sobre a atividade e propostas de ação para a construção de Sociedades Sustentáveis.

O eixo central de cada uma das cinco intervenções foi a Espiritualidade expressa no mergulhar em si mesmo do Método Oca. A Espiritualidade laica e imanente que conjuga com a Educação Ambiental (NEPOMUCENO, 2015), a Espiritualidade presente nos ensinamentos da filosofia chinesa, unindo a apreciação da Natureza dos escritos taoístas com a busca pela harmonização das relações e das sociedades presente nos escritos confucionistas, a Espiritualidade do Cuidado (BOFF, 1999) e da busca pela Casa Comum orientada pela Encíclica do atual Papa (FRANCISCO, 2015), ou seja, a Espiritualidade que está presente na

³ O protocolo de acompanhamento foi um roteiro do qual constaram os questionários, as entrevistas, a observação participante e a descrição densa de cada encontro (APENDICE 1).

religiosidade, mas vai além das limitações religiosas, religando cada um a si mesmo, a Humanidade, ao Planeta, a toda teia cósmica e além. A meditação foi propositalmente realizada sempre antes do processo de criação artística, para que essa conexão e abertura proporcionada pela meditação (DREHER, 2016) propiciassem um estado mais inspirado.

Análise dos resultados

A análise dos resultados foi realizada a partir do diagnóstico dos dados obtidos a partir dos questionários, das observações de campo, da produção artística e das narrativas colhidas em Google Forms, criando categorias baseadas nas referências, levando em consideração a necessária amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco de estudo.

5.1. Intervenções de Educação Ambiental e Valores

Foram realizadas cinco intervenções:

5.1.1. Oficina “Diálogos da Natureza” no Parque da Cidade de Jundiaí, SP.

A oficina foi realizada no dia 10 de Setembro de 2017 no Parque da Cidade em Jundiaí, SP e contou com a parceria do poeta Felipe Escobar e sua Poesfera, com a participação de 14 pessoas chamadas através de divulgação pela página do Parque na internet e pelas redes sociais. O Protocolo de Acompanhamento foi aplicado em três momentos: ao entrarem na oficina, ao término da oficina e um ano após a oficina por formulário Google.

Na chegada os participantes responderam a um questionário inicial qual das seguintes perguntas: 1) O que é natureza para você? 2) O que é qualidade de vida para você? 3) quanto do seu tempo você dedica para o seu aprimoramento em termos de conhecimentos? 4) o que te faz feliz? 5) o que te impede de ser mais feliz? 6) quanto do seu tempo você dedica para as coisas e pessoas que te fazem feliz? 7) o que deveria ser feito para construir um mundo melhor na prática? 8) você realiza algo pela sua comunidade? O quê? 9) quanto do seu tempo você dedica para fazer algo que beneficia a sua sociedade?

No início da oficina foi realizada uma apresentação sobre o conceito de Sociedades Sustentáveis a partir da visão da Oca - Laboratório de Política e Educação Ambiental da ESALQ-USP. Em seguida, foi realizada uma dinâmica entre os participantes, divididos dois a

dois, foram convidados a se sentarem um de frente para o outro e passarem alguns momentos em silêncio, e a partir de suas percepções descreverem a pessoa em sua frente. Em um terceiro momento, os participantes foram conduzidos a um bosque onde foram convidados a escolher uma árvore e realizarem uma pergunta a ela: “O que é a Felicidade vista de cima?”. Os participantes então foram convidados a escrever um texto poético a partir das respostas obtidas nesse diálogo com a árvore. O poeta Felipe falou sobre o papel transformador das artes e os participantes, em roda, compartilharam suas produções e suas ideias sobre Sociedades Sustentáveis. Os participantes fizeram uma avaliação da oficina e dialogaram sobre as suas impressões sobre o contato com a natureza e em especial com a árvore.

Analisando as respostas ao primeiro questionário encontramos os seguintes resultados:

A primeira pergunta sobre o significado de natureza 8 pessoas responderam de uma maneira técnica relacionando com ecossistema e formas de vida 4 pessoas responderam incluindo o ser humano na natureza incluindo as relações e 2 pessoas responderam de forma poética relacionando paz e bem-estar.

A segunda questão sobre qualidade de vida 5 pessoas citaram Equilíbrio e Harmonia, 6 pessoas relacionaram a saúde física mental emocional e espiritual. A tranquilidade serenidade ou Calma foi citada para 3 pessoas.

Quando questionados sobre tempo dedicado ao conhecimento: 4 responderam que muito pouco tempo 7 responderam que diariamente, 1 respondeu 10 horas por semana, 1 respondeu 30 horas por semana e uma respondeu que é o tempo inteiro sendo motivado e movimentado esse conhecimento.

Quando questionados sobre o que as faz feliz: 4 responderam algo relacionado a relacionamentos, 2 responderam algo relacionado a bem estar, 3 responderam contato com a natureza e com a própria natureza, 3 falaram sobre propósito e Missão de Vida e 2 falaram sobre coerência nas ações.

Quando perguntados sobre o que as impede de ser mais feliz: 6 deixaram a resposta em branco e 2 disseram não saber responder, 1 pessoa respondeu “ego, ciúme, raiva, inveja e comparação”, 1 respondeu “ilusão de controle”, 1 respondeu “não poder ajudar mais o próximo” e 3 responderam a própria ignorância.

Quando perguntados sobre tempo dedicado ao que o faz feliz: 7 responderam que somente aos finais de semana ou que gostariam de ter mais tempo para isso, 5 responderam que há um tempo diário dedicado ao que as fazem feliz, 1 respondeu que tenta estar o tempo inteiro fazendo o que a faz feliz e 1 não respondeu.

Respondendo à questão sobre ações para construir um mundo melhor: uma pessoa falou sobre auto-reflexão e colocar em prática o que se aprende, 4 pessoas falaram sobre amor e auxílio ao próximo, 4 pessoas falaram sobre fim da desigualdade e do capitalismo, 1 falou sobre propagar harmonia, 3 falaram sobre viver o propósito de vida e 2 não responderam.

Quando perguntados sobre se realizam algo pela comunidade: 6 responderam que sim, 6 responderam que não e 2 não responderam. Das que responderam que não, 3 manifestaram o desejo de contribuir, das que responderam que sim foram citadas redes sociais, grupos de amigos, terapia, festa para crianças e oportunidades para contribuir com o próprio exemplo.

Na questão sobre tempo dedicado a sociedade algumas pessoas informaram que poderiam dedicar mais, que sempre que possível, que contribuem não poluindo ou que contribuem através de orações. Três pessoas não responderam. Não houve resposta estruturada em tempo ou em ação duradoura.

A intervenção contou com as seguintes etapas:

A) Apresentação sobre Sociedades Sustentáveis - Giovanna

Nesta etapa foram apresentados em 20 minutos os conceitos e princípios de Sociedades Sustentáveis de Sorrentino (1997) e Brandão (2007), bem como conceitos das quatro Ecologias de Boff (2012) e a Ecologia Profunda de Arne Naess (1997).

B) Apresentação sobre o papel das artes na transformação da sociedade - Felipe

“Eu não sou currículo / Não me questione de onde eu vim / Mais importa onde estou / Sou muito mais o que sou / Muito menos o que vês / Sou muito mais o que sinto” (ESCOBAR, 2019).

Felipe Escobar, poeta criador da @poesfera, conduziu os participantes da oficina por uma reflexão acerca do empoderamento obtido através do exercício das artes. Segundo ele, toda pessoa é capaz de fazer arte, independente da idade ou nível de escolaridade ou qualquer outra diferença.

C) Vivência meditativa com as árvores do Parque da Cidade com a questão: "O que é a Felicidade vista aí de cima?"

Foi conduzida uma meditação na sala de apresentação com um relaxamento, práticas respiratórias, e visualização criativa buscando uma conexão entre os participantes e as árvores do Parque. Em seguida os participantes foram conduzidos ao bosque lateral a sala de apresentação e cada um escolheu uma árvore para fazer a pergunta sugerida "O que é a Felicidade vista aí de cima?". A vivência durou um total de cerca de 45 minutos.

D) Oficina de poesias com a temática "Diálogos da Natureza"

A partir da vivência anterior, os participantes foram orientados a colocar no papel sua conversa com a árvore de forma poética.

A seguir transcrevemos as produções apresentadas pelos participantes:

Felicidade é ver o sol tocar as folhas todo amanhecer, é sentir uma pequena gota de água limpando as minhas folhas, é sentir o carinho dos abraços da pessoa, sentir o amor quando a família se reúne para fazer um piquenique ou festa ao meu redor, é estar sempre presente ao acontecimento do mundo, é não ter medo, é fazer de mim único em uma tempestade, é sentir o leve vento da tranquilidade. (Dani)

A Felicidade está na interconectividade
 Na semente plantada
 No pequeno broto que ninguém dá nada
 A gente se esquece que para uma árvore grande crescer
 A semente precisa morrer
 E renascer
 A felicidade está no fruto que se colhe
 Mas também na semente que se rega
 Na benção que se reza
 Na intenção que se preza
 A felicidade está na raiz que se alimenta
 Na fé que sustenta
 E na serenidade que diariamente se rega
 A verdadeira felicidade está na coletividade
 Afinal, não somos nada além da comunidade
 Basta lembrar que
 Compartilhamos o mesmo coração, como irmãos
 A felicidade não brota apenas quando partilhamos o pão
 Mas quando, enfim, nos damos as mãos.
 (Vanessa)

Lidar da melhor forma possível com as desventuras, aceitando primeiramente em sua totalidade o que se apresenta.

Escolher o que queremos verdadeira e sinceramente. Ser isso e viver isso.

Receber e agradecer as benções que estão presentes.

Partilhar da generosidade de um verso e de sua abundância.

Cada ser a seu tempo e nas condições que se apresentam se desenvolve e incessantemente vive este ciclo de dar e receber.

(Edvane)

É acompanhar o crescimento e sentir a aproximação. A felicidade não trilha um caminho contínuo, é quase como se fosse um movimento ioiô daqui e uma montanha russa daí. Felicidade não é sobre estar de fato em seu ponto alto sempre. Felicidade é resiliência. E é um prazer poder acompanhá-la daqui de cima.

(Ana)

Como criança eu pergunto: O que é a felicidade vista aí de cima?

E ela responde: É a alegria de dar e receber, a generosidade, a empatia, a conexão (a paz, o amor) profunda com os seres.

(Rose)

Perguntei ao Povo-em-pé:
 O que é Felicidade?
 O cedrinho me contou
 Que tudo tem o seu lugar
 Tudo tem o seu momento
 Tudo tem a sua razão.
 Cambará me fez sentir
 Que a Beleza é ser
 Simplesmente ser
 O que se é
 E o ipê me mostrou
 Que às vezes a gente se fere
 Mas tudo passa
 Porque a Força já existe
 E num abraço terno e perfumado
 Senti o movimento
 Não, elas não estão paradas
 Não resistem e não controlam
 Vivem porque a Vida É
 Porque somos Vida
 Porque somos Um
 (Giovanna)

Felicidade vista aqui de cima e perceber, saber, ser e receber que eu e as outras árvores cumprimos nosso papel: estabelecer e fazer manutenção da vida, preparar o caminho para vocês e os outros seres e participar das suas vidas, como sendo irmãos, como sendo família.

Perceber, saber, ser e receber o seu desabrochar como ser divino e sua integração com tudo o que existe, até você perceber, saber, ser e receber que há muito de árvore também em você, assim como você também é mineral e animal e água, você somos Nós.

Cambará, 10/09/17

(Carol)

Felicidade é saber que eu faço parte da maior criação do mundo. Saber que daqui de cima posso ver e sentir coisas maravilhosas e ter fé e esperança que um dia não haverá desigualdade no mundo.

(Juliana)

Eu percebi uma harmonia entre elas (as árvores)

Cada uma buscando seu espaço e respeitando o espaço das outras, ajudando aquelas que não são tão fortes a alcançar o topo em busca do Sol.

(Izaías)

E) Diálogo entre os participantes com o eixo "O que podemos realizar?"

Em círculo, foi realizado um diálogo reflexivo entre os participantes, buscando trazer à fala possíveis atitudes práticas que cada um poderia adotar para contribuir com a concretização de Sociedades Sustentáveis. Os participantes socializaram as suas produções e comentaram sobre as impressões que tiveram a respeito das árvores. Alguns falaram sobre sentir a importância das menores, sobre sentir a cooperação entre elas, sobre sentir a união entre elas e conosco (seres humanos). Um participante falou sobre a busca pelo Sol, essa busca intuitiva que também nós temos de crescer para o alto e buscar o alto, fazendo um paralelo com a Espiritualidade.

Ao final o técnico agrícola do Parque da Cidade realizou uma apresentação sobre as características biológicas das árvores e sobre o papel do parque.

Um questionário final foi respondido por cada participante, com as seguintes questões:

1) A atividade de hoje contribuiu para que você compreenda melhor algum ponto? Qual/quais?

Para esta primeira pergunta surgiram as seguintes respostas:

A necessidade de estar em contato com a natureza e a sentir, de fato

Propósito de vida, conexão com o Todo

Reforçou todo o amor, integração, conexão e natureza que há em mim e tem sido desenvolvido

Felicidade é ser e estar ao lado de pessoas que gostamos e que conhecemos a todo momento e que nos fazem bem.

Ver melhor a importância da natureza

Maior consciência de que estamos conectados com o Universo e sua abundância e generosidade

Felicidade é a conexão com o mundo

2) Qual o sentimento que a atividade de hoje despertou em você?

Harmonia e conexão, não só com as pessoas, mas com a natureza (3 respostas iguais).

Sentimento de viver com propósito, como meta.

Emoção

Generosidade

Vibrações positivas

Gratidão (3 respostas)

Alegria (2 respostas)

Sensação de estar envolvido com a natureza.

3) Você pretende alterar alguma atitude a partir da atividade de hoje? O que?

Me habituar a estar e ser natureza

Colocar a teoria em prática no cotidiano

Colocar em prática a conexão com as pessoas

Realizar o amor ao próximo

Entrar mais em contato com a natureza (3 respostas)

Ampliar a observação da natureza

Fig 45 - 52– Oficina 1. Autoria própria

5.1.2. Oficina “Eu, a Árvore – Sociopoética” na Oca - Laboratório de Política e Educação Ambiental da ESALQ-USP

A Oca é um Laboratório dentro da Universidade de São Paulo, no campus da ESALQ em Piracicaba SP que trata justamente de política e educação ambiental, então os participantes desta oficina eram estudantes já inseridos nas questões referentes a Sociedades Sustentáveis.

Foi realizada uma fala sobre a Sociopoética como método de pesquisa e de intervenção e apresentados os seus Parâmetros: corpo como fonte de conhecimento; todos são pesquisadores; valorização das artes, da ética, da estética, da poética; culturas de resistência; etc. Em seguida realizou-se uma meditação com a árvore existente em frente ao Laboratório, uma Canelinha. A etapa seguinte foi uma composição textual individual sobre o que são Sociedades Sustentáveis, o compartilhamento em pequenos grupos, a criação em grupo de uma imagem corporal da resposta, reflexão sobre valores necessários para Sociedades Sustentáveis, desenho, compartilhamento e encerramento. Será produzido coletivamente um artigo com as reflexões sobre os resultados observados

Seguem as produções artísticas da Oficina:

“Somos um, sentindo a si mesmo. Mas também somos muitos.

Sociedade Sustentável é aquela que acima de tudo respeita toda forma de vida. Não há hierarquia. Não é o ego que predomina. É o eco. Nesta sociedade o meio ambiente tem sua voz, ele trabalha junto à comunidade para manter um equilíbrio por entre as suas relações. São como líquens. E, nessa firma de vida, seus ciclos e tempos são respeitados”

(Nicole)

“A harmonia é a Alquimia que permite os sorrisos estampados nos rostos, nas copas, nas praças, nos prédios e em toda arte. A cooperação traz leveza, compaixão, carinho e ajuda.

Nesse mundo comum, velho enquanto novo e novo enquanto velho, a saúde e equilíbrio de toda forma de vida é a beleza contida nesses versos. Que haja acesso para dentro de nós, para os corações próximos, para o que precisamos. Que reaprendamos nossas necessidades e que saibamos encontrar esse acesso por um novo caminho e por uma nova forma de caminhar”.

(Kelly)

“Mudar o sistema, não o clima! O mínimo eu, viva o coletivo! Só, só sai, só sai Agrofloresta com mutirão, alegria e muita festa. Só, só sai, só sai Reforma Agrária com aliança camponesa e operária. Espiritualidade laica e Educação Ambiental, vamos plantar uma árvore!”

(Marcos)

“Sociedades cujos seres se acolhem no sustento, nutrem-se no alento. Água pura, comida artística. Cultivam a prosa, a dança, a mística. Sentem o sangue, a seiva, o rio. Vivem (trabalham) juntos”.

(João)

“Sociedade Sustentável é a sociedade do tempo. Tempo para viver, tempo para se relacionar com o outro, tempo para reflexão. Tempo de mudanças.”

(Bruno)

“Estarei vivendo numa Sociedade Sustentável, entre tantas possíveis, quando eu conseguir superar minha vaidade, meu egoísmo, minha arrogância e minha prepotência.

Quando eu conseguir ouvir o outro que pensa o oposto de mim e não sentir o ímpeto de convencê-lo da minha ideia. Quando assim eu agir já estarei com o embrião da Sociedade Sustentável germinando dentro de mim. Hoje ela é uma semente a espera do meu amadurecimento”.

(Rafael)

“Tudo é vida

Tudo vive

Todos somos

Tudo é

Unidade e Multiplicidade

Ao mesmo tempo

Mandala

Olhar de Respeito

Mãos estendidas

Sorriso no rosto

Nada falta

Tudo é”.

(Giovanna)

“Sociedades Sustentáveis são conjunto

São sentimentos bons e sensíveis

Pois trazem para si mais do que seu bem próprio

Trazem o Bem do e para o mundo.”

(Nádia)

“Sociedade Sustentável

É uma rua, um bairro, uma vila, uma cidade

É onde você quiser e puder

É a árvore frondosa e os rios bem cuidados

É a sua noção de que tudo está ligado

Não precisa de regras absurdas ou leis rígidas

Pois já está dentro do ser humano a bondade, a solidariedade e a alegria

Viver em conjunto e em harmonia

Com as pessoas e a Natureza”.

(Bianca)

Figuras 53 a 61 - Oficina 2 – Autoria

Meditação

Produção de Imagem sobre os Valores necessários à construção de Sociedades Sustentáveis

Expressão de movimentos que representassem a transição para Sociedades Sustentáveis

5.1.3. Oficina “Diálogos da Natureza” na EMEB Prof. Ma Congilio

A EMEB Prof. Ma Congilio é uma Escola Municipal de Educação Básica: 177 crianças de até 4 anos de idade, 11 professoras e 36 auxiliares, localizada na periferia do município de Jundiaí, SP.

Foi realizado espetáculo teatral “Enraizando Amor” em que um ser da floresta conversa com as crianças de maneira lúdica sobre sermos todos filhos da “Mãe Natureza” e conversa com uma muda de árvore que ele chama de irmã, que diz a ele sobre a importância de cuidarmos uns dos outros com carinho. As crianças são convidadas a escreverem uma carta para a Mãe Natureza e ao final a árvore é plantada na escola.

As crianças interagiram muito no espetáculo, conversando com o personagem e com a árvore.

Segundo a coordenadora: “A atividade realizada proporcionou encantamento e envolvimento com o que foi desenvolvido. O que ficou muito para as crianças foi a alegria do palhaço, trazendo o encantamento através da proposta e a árvore, a ideia de ‘vamos ouvir a natureza falar’, que a natureza se comunica com a gente, a gente vê as crianças nesse movimento de se aproximar das folhas das árvores para ouvir o que elas tem a dizer. Parar pra esse momento de escuta.”

As professoras e auxiliares responderam aos dois questionários, um antes e um depois da oficina.

No questionário inicial, quando perguntadas sobre “o que é Natureza para você?”, as professoras e auxiliares responderam:

“o que é natural e puro (...) plantas e animais, nosso primeiro lar, (...) o que Deus criou e nos abençoou”

“parte da vida, (...) o homem depende dela”

“o ambiente em que vivemos”

“é vida! Dependemos dela para tudo, para respirar, comer... (...)”

“tudo o que nos cerca, que precisamos para sobreviver, desde uma pequena folha à grandeza dos oceanos, tudo é natureza”.

“tudo o que nos rodeia, tanto em escala macro (universo, galáxia etc) quanto em escala micro (ecossistemas, seres vivos, moléculas etc).

“O que não é construído pelo homem”

“Tudo o que está ao nosso entorno, com ou sem intervenção do homem”

“Tudo o que existe que não sofreu interferência humana” (duas respostas iguais)

“O que há de mais perfeito e puro, a essência da vida”

“Fonte de vida, biodiversidade, ciclos”

Quando perguntadas sobre “O que é necessário para a construção de um mundo melhor?”, as respostas foram:

“uma missão diária que nunca acaba (...), ser exemplo, ter atitudes que influenciam”

“conscientização”

“plantas árvores, cuidar do próprio lixo, evitar desperdício, economizar água e energia, cuidar do local em que vivemos”

“ter respeito pela natureza, ensinar aos filhos esse respeito”

“reciclar, reutilizar (...) consumir menos”

“uma maior conexão com o natural, uma consciência maior”

“respeito ao próximo, dedicação ao que se faz e principalmente amor”

“respeito à natureza, colaboração com a construção de um mundo mais humano, sustentável e consciente”

“respeito, solidariedade, mansidão”

“respeito, pensar no outro, ser solidário e educado”

“solidariedade, amor, carinho, paz, união, ajuda ao próximo, honestidade, bondade”

“conscientização em relação ao meio ambiente, uso consciente dos recursos”

Quando perguntadas sobre a importância dos professores e funcionários da educação na construção de um mundo melhor, as respostas foram:

“são pontes diretas com as famílias das crianças (...) fazendo com que a relação seja respeitada”

“através de atividades voltadas para a conscientização podemos construir valores que muitas vezes são discutidos nas escolas”

“ajudam a respeitar a natureza”

“ensinar a preservar a natureza (...) desde pequenos aprenderem o que é certo e errado”

“(…) para que as crianças aprendam desde cedo o seu papel na sociedade, reciclar, reutilizar, cuidar da natureza e tudo o que as cercam”

“(…) conscientização”

“(…) porque é através de exemplos que as crianças constroem seus valores”

“somos co-responsáveis pela construção de cidadãos responsáveis e cientes da sua ação no mundo”

“o professor tem a responsabilidade da formação para um mundo melhor”

“somos espelhos para as crianças com a nossa dedicação, amor, carinho, entusiasmo, podemos fazer a diferença para as crianças e jovens, ensinando a valorizar o outro, a solidariedade, o cuidado, e para que tenham bagagem para um futuro profissional”

“construção de conhecimento”

No questionário final, quando perguntadas “a partir da atividade proposta, qual você compreende ser o papel do ser humano na natureza?”, as respostas foram:

“cada um fazer sua parte, mesmo que pequena”

“preservação através de bons exemplos”

“cuidar e cultivar”

“cuidar das pessoas e da natureza”

“todos, tanto das crianças quanto a natureza precisam ser regados com amor, paciência e sabedoria”

“o ser humano é parte integrante da natureza”

“o ser humano tem papel fundamental na preservação da natureza porque nossas atitudes diárias podem determinar o futuro do planeta”

“é de extrema importância que o tema abordado seja introduzido desde cedo em casa, nas creches, nas escolas, para que no futuro as pessoas estejam mais conscientes dos seus atos”

Quando questionadas qual a relação entre a Felicidade e a construção de um mundo melhor, as respostas foram:

“Com um meio ambiente melhor para viver consequentemente seremos mais felizes”

“Quando fazemos o que gostamos, ficamos mais felizes e tudo a nossa volta se transforma”

“Felicidade é tudo o que construímos com Amor, seja nas relações nas ações, no cuidado”

“Agindo com amor, temos um mundo melhor, mais fraterno, mais unido, com menos violência, brigas, álcool e tudo de ruim que atrapalha a nossa felicidade”

“consequência de atitudes positivas”

“um depende do outro”

“com menos desigualdade social, maior acesso a educação, menos preconceito, pessoas realizadas pessoal e profissionalmente, com certeza estaremos contribuindo para a construção de um mundo melhor, mais igualitário”

Fig 62 a 65 - Oficina 1 – Autoria própria

Criança tentando ouvir a árvore

5.1.4. Oficina “Eu, a Árvore” na aula de Psicologia da Educação – ESALQ/USP

A oficina foi realizada no dia 30 de novembro de 2017 na aula de Psicologia da Educação ministrada pela professora Dra. Denise Maria Gandara Alves e contou com as seguintes etapas:

A) Aplicação do 1º questionário. 43 estudantes responderam as seguintes questões:

- 1) O que é Natureza pra você?
- 2) O que te faz feliz?
- 3) O que deveria ser feito para construir um mundo melhor na prática?
- 4) Quanto do seu tempo você dedica para realizar algo que beneficie a sua comunidade?

Na primeira questão, observa-se que a maioria dos estudantes (25) relaciona a palavra Natureza com o ambiente natural ou no estado original sem interferência antrópica. Alguns estudantes (8) incluíram os seres humanos, as relações e a cultura. Alguns poucos (2) explicam a Natureza através de sua religião. Outros (5) ainda responderam com textos mais emocionais como “a mãe que abriga e protege”, por exemplo. E outros (3) responderam que Natureza é tudo.

A segunda questão gerou respostas envolvendo sentimentos, bem-estar, bons relacionamentos, ajudar pessoas, religião, reconhecimento pelo esforço realizado, conquistas, aprendizado, prazeres, lazer.

A terceira questão remeteu a abordagens que vão desde educação, questões trabalhistas, mudanças no sistema, reforma agrária, ou seja, políticas públicas, a transformações pessoais envolvendo valores como respeito, gentileza, amor.

Na quarta questão, alguns estudantes justificaram que não podem contribuir porque precisam estudar, outros dizem que auxiliam sempre que possível e citaram alguns exemplos como auxílio a pessoas em situação de rua, outros colocaram números de horas como 40 horas por semana de auxílio à comunidade.

B) Apresentação expositiva: “A Árvore” vista sob variadas óticas ou áreas do conhecimento/disciplinas: Botânica, Fisiologia, Tecnologia, Antropologia (símbolo cultural), Religiões/Teologia/Filosofia, Psicologia - Jung

C) Inspiração -Meditação conduzida “Diálogos da Natureza”: Os participantes foram convidados a uma meditação conduzida em que se viam caminhando e encontrando uma árvore que foi importante para si em algum momento de sua vida, fizeram contato com esta árvore, a sentiram e se deixaram ser sentidos pela árvore e colocaram a questão “o que eu posso fazer para contribuir para um mundo melhor?”

D) Produção Artística: Após a meditação os participantes foram convidados a produzir de um texto literário curto sobre a experiência meditativa anterior. 24 estudantes produziram textos.

Algumas produções artísticas chamaram a atenção por sua reflexão profunda:

“Sensação de vibração
Sentimento de harmonia
Viver em harmonia
Cada ser vivo tendo o seu espaço e respeitando o do outro
A troca de energia torna-se constante e harmoniosa
E cada ser pode se desenvolver ao máximo do seu Ser”
(Beatriz Maciel)

“ A conexão com a Árvore é de Espírito
É de Paz
É recíproca
O coração acalma
A mente flutua
Pra longe dali
Um lugar onde a alma sorri”

“Respeite a natureza
Com todo o coração
Entenda sua beleza
Pois vida é movimento
É o que compõe os mares, o Céu, a Terra
Não temos o direito de tudo isso destruir
Pois em um futuro muito próximo
Se esse caminho escolher
Nossas florestas e seus moradores
Irão todos perecer”
(Wilson Lima)

“Precisamos aprender a conviver como irmãos, ensinando o respeito e cultivando o amor”.

“Não tenha medo de fazer o que manda o seu coração”.

Fig 66 – Composição Oficina 4 – Foto de Autoria própria

“Os ciclos que ocorrem em uma árvore relacionados a um momento que passo em particular, o começo de novos ciclos (espiritualmente falando, minha formatura)

Minha árvore se transformou em minha Guia. Virou uma velhinha de pele enrugada a me olhar e orientar. Algumas cobranças no olhar, mas serenidade no sorriso. Muitas coisas posso fazer, posso ser.

A minha árvore me guia com base em tudo que já fui em vidas passadas, minha ancestralidade, em forma daquilo que tenho paixão, a junção de todos os elementos, a Vida.”

(Larissa Stella)

“Nós, egocêntricos e prepotentes, ignoramos a sabedoria da natureza. A natureza é autossuficiente, nós não. As árvores representam a Magnitude, a Perfeição, e a Força da Vida. É ela que nos ensina o que é Generosidade e Bondade.”

“Há um Otto a ser revelado

Atualmente aberto por esse ambiente hostil

Sinto o meio de pelo mundo ser usado

De/Com Liberdade sair desse covil

Deixaste o tempo mudar a tua pessoa solícita

Pegaste a bifurcação da competição e da tristeza

Já é hora do retorno pegar a pista

E encontrar a alteridade na sua Natureza”

(Otto Koch)

“Sente a árvore que está neste papel

Que possui a mesma essência das plantas

Que nutrem a mim e a ti

Quando inalas, é da árvore que vem o ar

Quando exalas, é para a árvore que vai o ar.
 A árvore faz parte de ciclos
 Pessoas e árvores passam,
 Mas a sua vida continua
 Nas novas árvores e pessoas que nascem
 E o sopro da vida não cessa a soprar”.
 (Gabriel Silva Souza)

“O caminho é longo, duro e tortuoso
 No fim, haverá uma luz e essa luz será eu a te esperar
 O amor está próximo e nele encontrará
 A semente que me gera”
 (Rudy Godoi)

Fig 67 – Composição Oficina 4 – Foto de Autoria própria

(Figura- Daniele Simão)

“Ser gentil e enxergar o melhor no próximo é a maneira mais bela de encontrar o outro
 e o seu Eu mais profundo”
 (Bianca Correa)

“A árvore (...) passa o ensinamento de que apesar de tudo que está ocorrendo a sua
 volta, ela ainda estará lá, tranqüila e serena”
 (Tobia Muller)

“Acredito que a Felicidade seja a causa principal de nossa existência. É necessário
 achar essa Felicidade em todos os momentos: indo ao cinema com um amigo,
 passando o dia sozinho em casa, ouvindo uma música. É necessário partilhar cada
 momento de Alegria!”
 (Leticia Carvalho)

Também encontramos entre os textos dos estudantes, reflexões ou apontamentos mais
 científicos, como:

“(…) as árvores utilizam os mecanismos de sua fisiologia para superar os obstáculos (ou não)”

“(…) as árvores permanecem imparciais a todo e qualquer evento”

“conhecimento e tecnologias para resolver os problemas do povo”

“Foi possível perceber a importância de encontrar equilíbrio interior, autoconhecimento, espiritualidade e a importância do respeito à natureza”.

“Achei muito interessante a abordagem sobre os diferentes significados de uma árvore e o que elas representam para cada cultura, majoritariamente ela está vinculada a mitologias religiosas, sendo encontrada até entre os Nórdicos”.

Mas ainda encontramos dois relatos de estudantes que demonstraram incômodo com o tema abordado, devido às suas próprias convicções religiosas:

“Uma árvore sozinha: pura maluquice!

Qual o sentido de uma árvore olhando só ela por ela? Nenhum.

(…) O sentido: Deus! Só Ele!

(…) Olho para o Senhor. Vejo o seu mundo

No mundo a árvore

A árvore, sua criatura”.

“A Palavra, foi assim que o mundo se fez

(…) E Ele criou duas árvores. A Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do bem e do mal. O homem rejeitou a primeira e se alimentou da segunda. Por causa DISSO, hoje homens e árvores sofrem!(…)”

E) Intervalo

F) Foi exposta uma fala sobre Espiritualidade laica, Educação e espiritualidade, Sociedades Sustentáveis e aberto espaço para diálogo.

G) Diálogo e Propostas para construção de Sociedades Sustentáveis;

Durante o diálogo surgiram questões a respeito do mundo que se quer construir. Foi citada a Justiça para todos a partir de cada um, a harmonia com a Natureza, um mundo mais solidário e menos individualista. Um estudante citou o oposto da lógica do mundo pós-moderno no qual estamos inseridos. Outro falou sobre a necessidade de uma amorosidade pragmática para transformar o mundo. Outro estudante citou a lei do Pertencimento, dizendo que acredita que quando uma pessoa não se sente pertencente ela destrói, que o pertencimento leva ao cuidado. Outro estudante contou a história da Luneta Mágica, sobre a personagem que precisava dos óculos dos outros para enxergar o mundo e só conseguiu ver bem com a luneta do bom senso, ou seja, que é necessário desenvolver autonomia de pensamento e construir o bem comum mesmo que discorde do outro. Outra estudante falou sobre a perda de referenciais pela existência de muitos referenciais, quando as pessoas precisam rever seus referenciais para não gerar violência.

H) Aplicação do 2º questionário. 12 estudantes responderam as seguintes questões:

- 1) A atividade de hoje contribuiu para que você compreenda melhor algum(ns) ponto(s)?
- 2) Qual o sentimento que a atividade de hoje despertou em você?
- 3) Você pretende alterar alguma atitude a partir da atividade de hoje? O quê?

Na primeira questão, 7 estudantes afirmaram que a atividade contribuiu para expandir sua visão a respeito da árvore, um estudante disse que pôde compreender melhor o conceito de transdisciplinaridade, outro disse que a atividade lhe trouxe novas reflexões, um afirmou que percebeu um novo olhar sobre o processo de ensino/aprendizagem.

Na segunda questão os sentimentos colocados foram de contemplação, reflexão, tristeza (porque a maioria das pessoas não desperta a mesma reflexão), tranquilidade, nostalgia, serenidade, libertação, compaixão, amor pela educação, felicidade,

Na última questão, as respostas foram sobre ter mais atenção, lidar com mais calma com os problemas, parar diariamente para refletir, observar as coisas sob diferentes pontos de vista, auto-avaliação constante, repensar as próprias atitudes, reencontrar a visão poética da vida perdida nos anos de universidade.

Após a Oficina, alguns estudantes se aproximaram para compartilhar impressões positivas e uma participante afirmou que a oficina surtiu um efeito transformador no seu

ponto de vista sobre a árvore. Ela afirmou ser estudante de Engenharia Florestal e disse que estava preparando um trabalho para apresentar sobre árvores no dia seguinte e que até aquele momento tinha apenas uma visão técnica e objetiva sobre as árvores, coisa que mudou radicalmente durante a Oficina, especialmente durante a meditação.

5.1.5. Oficina “A Árvore e as Virtudes” ao vivo online na plataforma YouTube

A oficina aconteceu em 11 de Novembro de 2019 e contou com 46 participantes ao vivo, tendo sido visualizada pelo total de 167 pessoas até Março de 2020. Teve cerca de 1 hora de duração e foi precedida por um formulário no Google Forms que contava com as seguintes perguntas:

- 1) Para que possamos viver em um mundo de Paz, o que você acredita que precisamos aprender?

Algumas respostas:

Respeitar a natureza, diminuindo consumo - conscientizar o consumo do básico para uma vida saudável.

Consciência

Empatia

Que temos a mesma centelha divina em nós. Portanto, o outro sou eu e vice versa

Amor

Aprender o convívio com as diferenças, em harmonia e respeito.

Respeito e equilíbrio ao Ser humano, a natureza, aos animais enfim, ao planeta.

A amar uns aos outros ou seja amor no coração.

Respeitar mais a natureza, os animais.

Autoconhecimento - aprender a lidar com as próprias emoções - aprender primeiro a sentir paz, a viver em estado de paz. A paz interna levará a paz externa.

Aprender a nos relacionar com todas formas de vida do universo seja animal, vegetal, mineral e o ser humano...para um equilíbrio.

Ter mais compaixão com o próximo, mais amor e fé.

Primeiro o respeito. O respeito a todas as coisas, a todos e a si mesmo. Aprender a paciência, a gratidão e a humildade que nos permitirá reconhecer as próprias falhas.

Valorizar a natureza e preservá-la. Pois tudo é presente do nosso Criador!

Acredito que a paz deve vir de dentro pra fora. Então precisamos aprender a ter paz internamente, com nós mesmos, com nosso passado, com nossas escolhas e com quem somos.

Amar e respeitar uns aos outros

A respeitar o próximo e a natureza

A amar as pessoas e a natureza

Quem somos nós.

Precisamos aprender a manifestar nossa natureza original

Viveremos em um mundo de paz quando aprendermos a olhar outro como um reflexo de nós mesmos. Quando aprendermos a nos responsabilizarmos por nossas próprias ações, e enxergar as implicações de tudo aquilo que fazemos no mundo à nossa volta.

Respeito.

A ter uma relação mais empática com todos os seres

Creio que devemos olhar para dentro de nós sem o medo de ver que somos mais parecidos com aquilo que reprovamos em todos do que imaginávamos. Respeitar profundamente todas as verdades as nossas e as alheias. Por que cada um tem a verdade correspondente ao seu tempo de discernimento e aceitação. Saber que todos a nossa volta são instrumentos de evolução e não cabe a eles nos dizer como e quando E até quando, mas sim a nós em nossa responsabilidade e pró atividade de seguir o caminho no fluxo em aceitação e desapego em recebê-los como parceiros de nossos propósitos até o momento que assim for cabível na mudança de frequência de cada um. Por que nossa evolução é nossa responsabilidade e cabe a nós a decisão de evoluir ou não. Debelar nossos egos e vaidades E entender que servimos a importância de um todo E não que ele existe para servir a nossa importância sem termos nenhuma conexão com ele. Que só existe o presente e se ele estiver errado tudo mais estará , porque o passado e o futuro foi ou então será este presente. E, certo ou errado, fazemos parte disto e cabe a nós a vontade e decisão de escolher qual deles queremos ser.

2) O que você pensa e sente quando observa a imagem de uma árvore?

Algumas respostas:

Paz

Vida

Beleza da natureza e a Paz que ela nos traz.

Alegria

A conexão do Todo. Terra e céu. Conexões sinápticas

Eu sou encantada por árvores. Penso na persistência dela, no tempo que levou para se tornar o que se tornou, penso na grandiosidade dela, quando as raízes destroem a calçada acho lindo a força dela. Sinto muita alegria em ver árvores, aprecio demais.

Adoro a sua sombra, a energia. Já abracei muitas vezes algumas árvores. Sempre aprecio sua beleza quando estou na estrada.

Vida e paz

Maravilhoso. Dá uma sensação de plenitude, de proteção, paz.

Penso que ali existe vida e sinto sua grandiosidade.

Que a natureza é maravilhosa e abundante.

Desde criança sempre gostei muito das árvores. Na adolescência, sentia muito profundamente que as árvores nos observavam. Quando vejo uma árvore hoje, sei que é um ser vivo que interage e reage com o todo.

Sua força, quantas tempestades deve ter enfrentado para estar frondosa e linda .

Observo sua beleza sinto quanto ela é necessária.

Emoção profunda. A árvore é um ser de tanta força e ao mesmo tempo tão delicada.

A beleza da criação de Deus e sua importância para a humanidade e todos os seres vivos.

Sombra para descanso Fruto para alimentação

Penso na sua magnitude e interação com a natureza diante das estações e sinto a grandeza de sua memória silenciosa.

Paz e alegria

Grandiosidade, benevolência, segurança

Penso no tempo que ela está aqui, em tudo o que ela já viu... Sinto gratidão por desfrutar da presença dela.

Paz, tranquilidade.

Alegria e uma sensação de conexão

Penso que precisávamos viver com mais simplicidade para que não precisássemos Sting-las e tudo que significam e protegem. Sinto tristeza e impotência de ver que a relação que nossos antepassados tinham com as árvores são relegadas por nós.

Mas sinto muita alegria de me lembrar que passei a infância rodeado por elas, refrescado por sua sombra e usando-as como brinquedos de escalar como todo menino gosta de fazer. E, que se nós nos extingo irmos por dar fim a elas, elas voltaram a aparecer. Porque a nossa existência é só um sopro na vida geológica E ecológica deste lindo planeta.

Ancestralidade, raízes, vida

Longevidade

Força, segurança, ligação com a mãe terra.

Eu a reverencio e a respeito como um Ser vivo que nos dá o oxigênio, a beleza na sua forma e função no sistema da natureza.

Segurança, respeito, admiração, gratidão

Segurança e paz

Como educadora que sou quando vejo uma árvore, penso no processo de purificação do ar para nós seres humanos.

Força /sabedoria

Penso e sinto que a Natureza é Perfeita

Vida

Bom, agora, pensando sobre isso, percebo que penso algo como “estou em casa”.

Tenho sempre a sensação de vida, segurança e aconchego. Talvez associe ao colo materno...

Das grandes as miudas elas são a manifestação Divina da criação, seja só com folhas ou com flores e frutos. Dão sombra, purificam o ar que respiramos, dão abrigo e ao alimento aos pássaros, e as abelhas....sem elas não há vida.... vira tudo deserto....

Eu sempre gostei de árvores, frutíferas ou não. Adorava desenhá-las. Sinto uma alegria qdo percebo o seu crescimento, a sombra que ela nos dá, e aos pássaros tb.

Na perfeição de Deus

- 3) Há alguma árvore em sua casa ou em frente a ela? Se sim, você sabe o nome dela?
(as respostas estão descritas no Anexo)

- 4) Qual é o sentimento que essa árvore lhe evoca?

Algumas respostas:

Gratidão

Beleza e paz

Eu gosto do verde delas. Elas fazem tipo uma "proteção" , para dar privacidade. Estão perto do muro e seus galhos e folhas são superiores ao muro para alcançar esse objetivo. Eu sinto paz.

Gratidão, pela sombra, pelo frescor.

Força, coragem, conforto, alívio, proteção

Proteção.

Tranquilidade.

Muita paz

Amo a natureza e as florestas em geral.

Calmaria e serenidade

Gratidão.

Força e resistência

Sentido de resistência de vida e harmonia com o meio natural em qualquer das estações do ano.

Paz e alegria

O de transformação, suas flores nascem brancas como o coração puro de uma criança e se transformam com a oxidação em rosa, violeta; como que tivesse alcançado uma elevação espiritual.

Alegria e sensação de conexão

O sentimento que tenho quando sei de sua presença é que deveria haver mais delas e que eu gostaria de enxergar para poder desfrutar da sua beleza.

Paz. Ateramento

Proteção

Força.

O sentimento de gratidão, de Amor Infinito, de contemplação em cada flor e suas cores.

Paz, tranquilidade, gratidão, comunhão com a Vida

Gosto muito desse contato com a natureza.

Amor ,plantei no nascimento dos meus 2 primeiros filhos

De Satisfação

poder

Os mesmos já descritos, acrescido de alegria, vento leve e verão

Amo todas elas... e dão um trabalhão para cuidar...

A lembrança de minha mãe que adorava Pitangas.

Beleza sombra

Creio que de respeito e gratidão

Paz e segurança.

Considero minhas filhas.

Amor

Sentimento de harmonia

Sentimento de aconchego.

Lembrança da minha avó

Força e persistência

Todas me dão alegria, beleza, paz, proteção.

Paz e aconchego

Tenho um amor especial pela amoreira que fui eu que plantei, e que produz a minha fruta favorita. Cuido dela com um carinho especial, converso com ela, assim como as minhas babosas, as orquídeas e os canteirinhos de ervas.. As outras árvores já existiam quando eu vim morar aqui. Elas “florem” muito, e a jabuticabeira produz bastante. Acho todas lindas!

Refresca a minha casa e atrai vários bichinhos, acordo com canto de pássaros e cigarra

- 5) Você se lembra de alguma árvore importante na história da sua vida? Se sim, conte o porquê.

Algumas respostas:

Sim. Uma árvore frutífera de nespera. Era no fundo da casa onde morei na minha infância. Gostava de ir colher os frutos e comer. Até hoje quando como nespera lembro desta árvore na minha infância.

Sim, na área rural do meu avô paterno, meu lugar favorito era sentar embaixo daquela enorme árvore que tinha uma sombra imensa, e ficava a pensar na vida.

No sítio que meu pai morava tinha uma árvore com o tronco deitado, ela era tipo em forma de L. A gente sentava na parte deitada dela, no maior conforto e ficava lá curtindo a sombra. Lembro muito das árvores frutíferas da casa da minha avó. O jambeiro perto da cozinha, as mangueiras, jabuticabeiras, pitangueira, o pé de carambola, nooossa era muita árvore linda e todas abundantes em frutos nas suas

épocas. Elas são importantes, eu aprecio muito, o contato com elas sempre foi divertido e em paz.

Árvores frutíferas quando criança íamos ao sítio de amigos vizinhos (adorava subir , pegar as frutas, comê-las ao tirá-las, tocar na árvore)

Sim perto da casa onde morava quando criança. Era uma amoreira adorava passar alguns minutos comendo debaixo da árvore na sobra...

Uma pé de uma japonesa, um pé de figos, uma goiabeira, minha infância no quintal da minha casa. Subia na goiabeira, adoro uva japonesa, e figos.

Minha infância e vida sempre foi cercada de árvores ...me lembro mais das boas sensações do que uma história específica para contar

Sim. Minha brincadeira preferida era subir em árvores e brincar. Tinha uma árvore de anga uma fruta e era enorme, e fazia uma casa imaginária nela, e também vários pés de Laranjeiras maravilhosos para subir e brincar.

Tinha muitas árvores frutíferas que foram plantadas pelo meu pai no nosso quintal e a mangueira era uma árvore que brincávamos muito subindo a e lá de cima fazíamos muita brincadeira, inclusive fazíamos bonequinhas com o caroço da manga.

Sim, quando morei com minha avó (de consideração). No lugar, ao redor, tinham muitas Goiabeiras e eu vivia pendurado nelas. Mas, em especial, um pé de fruta do conde, onde provei pela primeira vez essa fruta dos deuses. Eu não tinha amigos e minha mãe não morava comigo, então, essas árvores me faziam companhia.

O pé de ipê amarelo...plantei quando tinha uns 20 anos...hoje ela tem 40 anos...

Sim me lembro do limoeiro de minha avó e sempre eu colhia alguns para fazer chá quando estava gripada.

Sim, uma mangueira. Porque eu e meus irmãos brincávamos em suas sombras com muita alegria e bastante risadas. Essas lembranças hoje me transportam àqueles tempos alegres e inocentes dos quais passei a minha infância e chego a sentir o aroma daquela árvore frondosa que nos abençoava com as suas sombras, de verão a verão.

Pitanga! Na minha infância tinham várias no jardim da casa de praia! A primeira coisa que fazia quando chegava lá era comer pitanga no pé!

Sim, o pé de abacate da casa da minha vó, lembro da infância, de subir nele, brincar sob a sua copa. Lembrar dela me traz de volta o sentimento de segurança e aconchego que tinha quando era criança.

O pé de Jambo na casa de uma vizinha. Adorava olhar pro alto e ver o tamanho imenso dela.

Ipê amarelo que fica na rua da casa dos meus pais. Era lindo de ver a árvore toda florida pela sacada da minha casa

Sim. Um grande coqueiro que foi plantado para marcar a divisa do lado direito do lote da casa de meus pais. Ele era estéreo mas seu tamanho era descomunal. O terreno era irregular, mas ele podia ser visto a quilômetros de qualquer lugar onde tivesse campo de visão. Quando suas Palhas caíam, eram usadas por mim e toda a criançada pra fazer a festa na rua quando uns ficavam sobre elas e outras puxavam. Levantava uma poeira imensa, mas a gente se divertia a valer. Abrigava pássaros e cigarras que encantavam as tardes de verão. Suas lagartas nos encantavam com suas cores e suas crisálidas que em seguida se transformavam em belas borboletas. E isto era precioso porque a natureza vicejava a nossa volta. Teve que ser cortado para a ocupação urbana quando tivemos que construir na frente do terreno. Mas mesmo depois de morto me deu muita alegria, porque eu me sentava em suas toras e com um grande facão na mão descascava cana às vezes a tarde toda.

Árvore de ingá. Porque eu brincava nela quando pequena pegando do seu fruto.

Sim. Um pé de ameixa. Gostava de subir para comer as frutas e brincar.

O Carvalho, o Algodoeiro e a Jabuticabeira. As primeiras porque estão em um dos Livros das Lições de Ouro das Séries Alquímicas, uma coletânea dos 7 livros que fazem parte da minha criação como Compositora clássica e escritora de ficção desta obra. A Jabuticabeira porque remete a minha infância em casa do interior, no Rio de Janeiro onde convivi com meus pais e irmãos e me trás lembranças de saudades.

O Jacarandá magnífico na escola que estudei... Brincava embaixo dele e ficava maravilhada com a florada lilás abundante que ele produzia, com a delicadeza das folhas, com a força do tronco, com a beleza daquela grande árvore. Até hoje é minha árvore predileta. Infelizmente ele foi cortado, anos depois. Nem gosto de pensar nisso.

Me lembro de várias árvores, porque nasci em uma região privilegiada de muitas matas.

Eu morei por anos, mais precisamente na infância em que meu quarto ao abrir a janela se dava pra uma goiabeira, as crianças da Vila iam até lá pra pegar goiabas, eu também subia nela. Era muito bacana.

Um abacateiro muito grande em que subia na minha infância (sentia medo na hora de descer) gostava de ficar lá

Uma jaqueira em cuja sombra me refugiava do sol e brincava com um quati, duas araras e alguns outros bichinhos domésticos. Certa vez, por volta de seis anos de idade, estava ali embaixo com a cabeça envolta em folhas de jornal esperando dar a hora para tirar o remédio de matar piolhos (nós pegávamos piolhos com certa facilidade...) quando, sem aviso prévio, uma enorme jaca caiu de madura em cima da mim, atingindo em cheio minha cabeça... como não machucou (estava muito mole), foi muito engraçado...

As goiabeiras sempre foram muito generosas comigo....em tempos difíceis colhia seus frutos no pomar da empresa (ninguém colhia...perdia-se tudo no chão) em que trabalhei..(Guarulhos e eu morava em SP na Vila Mariana) levava de ônibus e depois no metrô para casa e fazia goiabada começava a noite e terminava no final de semana e depois vendia para os colegas.... eles adoravam....

Mexeriqueiras, jabuticabeiras, jaqueiras...eram do sítio de meu Pai...ali eu brincava e saboreava seus frutos...saudades

Vivo na Amazônia cercada de árvores de todas as espécies. Todas as árvores que temos no quintal da casa nas ruas são importantes mas o que nos chama atenção são as árvores gigantescas como o ipê que chega a mais de 80 metros de altura. Há variedades de árvores frutíferas de todas as espécies nesta região tropical

Sim. Tenho essas três e mais uma, foi um vizinho que me deu a muda das quatro. Eu amei quando ele as plantou no quintal dele. Então pedi para ele e ele gentilmente me cedeu as mudas.

Um pé de manga que fica em frente a casa da minha mãe,minha família se reunia debaixo dela, a gente colocava redes, colocava uma mesa nas festas debaixo dela, temos algumas fotos de lá desde quando eu tinha uns 3 anos de idade.

Sim. Não me recordo o nome da árvore, mas minha avó me dava banana amassada no fim de tarde, sentadas ao pé dessa árvore.

Uma árvore de pitanga que eu subia e minha avó paterna gostava quando pegava as pitangas..ela ficava feliz, por mais que não tinha muito contato ficava feliz por ela

Um abacateiro, na chácara do meu avô. Ele era tão robusto que meu avô fez uma balança em um de seus galhos, adorava!

Duas, uma na praça em frente a casa dos meus pais. Quando éramos pequenos brincávamos muito. Cada um tinha seu lugar. Existe até hoje é uma figueira. E outra na casa dos meus avós paternos mesmo motivo. Era uma Jabuticabeira, ah! Que jabuticaba doce. Saudades!!!

Sim, na minha adolescência eu e um grupo 15 pessoas fazíamos piquenique umas três vez por ano debaixo de uma linda árvore, eram momentos de divertimento e de muita alegria.

Sim, na minha infância tínhamos um pé de Jamelão na porta de casa, era um ponto de encontro entre os amigos, final de tarde sentávamos a sombra da árvore.

Sim, seringueira, em uma casa onde morei na minha infância e que tinha um quintal de terra onde nos reuníamos em família e amigos em época de São João, São Pedro, época junina.

Ainda existe: uma Pau-Ferro em minha rua pela qual brigamos todos os dias para mantê-la, haja vista vizinhos pedirem seu corte por não gostarem da 'sujeira' que ela faz.

Existem muitas... mas algumas fazem parte de minha rotina diária, pois ficam na paisagem de minha janela... sempre estou a admirando... no caso ela é um Pau Ferro

Sim, algumas. Quando eu era criança tinha uma mangueira no quintal e o meu padasto fez uma casa na árvore pra mim. Pensa se tinha outro lugar que eu queria ficar... Em outras casas que eu morei antes tinham outras árvores frutíferas que eu subia pra comer fruta. Lembro em especial de um cajueiro um tempo que morei no nordeste, e uma goiabeira aqui em BH mesmo.

Um ipê amarelo. Me conecta a um grande amor que vivi.

Na minha infância teve um pé de ipê na casa de meu pai e nele tinha meu balanço e lá foram minhas memórias mais lindas!

Sim. Jabuticabeira. Minha avó materna tinha muitos pés plantados. Até os 6 anos me criei junto a elas: subindo, brincando, comendo os frutos. Eram lindas!

As goiabeiras da casa de meus pais. Passávamos horas em seus galhos conversando

Mangueira no quintal da minha avó, são sentimentos de saudade e integração da família.

Aos 6 anos, década de 1950, subi numa enorme árvore, em Moeda-MG, próximo ao, ainda impoluto, Rio Paraopeba. Minha primeira escalada, fiquei admirando

minha coragem e habilidade, escondido do olhar medroso de minha mãezinha. Um acontecimento assustador tornou-se inesquecível e fez dessa árvore um marco importante para o desenvolvimento da minha independência.

Teve algumas, pois morei em vários lugares. Quando era pequena, 5 ou 6 anos, ficava com parentes e vizinhos, uma vez que a minha mãe estava bem adoentada e ia para o hospital. Então as árvores me faziam companhia, juntamente com as flores, as borboletas e todas as plantas. Era meio mágico.

Sim. Toda vez que estava triste saía e abraçava uma árvore e me sentia melhor

Várias árvores marcaram minha existência. Me recordo especialmente de um mochilão que fiz no Chile e num camping divino que existe em Valle Elqui, me sentei com um amigo nas raízes em formato de colo de mãe de uma árvore, com os pés no riacho passamos a tarde lendo Sidartha do Herman Hesse, James, a árvore e eu.

Nasci no interior de Minas, então sempre tive uma ligação muito forte com árvores, na minha rua mesmo tinha umas 10 árvores e era uma rua pequena. Mais eu tive um afeto por uma árvore, que eu sempre ia nela quando estava mal, ou quando queria ficar sozinha, ia pra meditar e ler no final da tarde. Porém, essa não era uma árvore enraizada, ela estava derrubada, mais pra mim ela continuava viva ali, sendo meu refúgio e dando beleza a paisagem.

Sim lembro. Uma Amexeira enorme do lado de casa. Final de semana de Sol, no Domingo a família colocava mesas embaixo dela e o almoço era uma festa, muitos amigos e parentes juntos.

Morava no interior e adorava subir nas árvores e também fazer balanços, pegar frutas.

Baobá, árvore originária de África, de onde todos nós viemos. Tive a oportunidade de ver muitas em Senegal e abraçar algumas delas. Energia milenar, já que elas podem viver por milênios.

Cajueiro, aceroleira, graveoleira dentre outras. Todas marcaram minha infância, enraizaram-me como eu sou por um contexto sócio-familiar em que vivíamos, pois o comércio dessas frutas nos servia para subexistência.

A mangueira e uma goiabeira nas quais passei a infância em cima delas, brincando, sentindo o aroma, muito conectada a elas.

Sim! Uma mangueira no quintal de casa, chegava da escola correndo jogando a mochila, subia nela e lá ficava me deliciando dos seus frutos saborosos. Lembrança Boa boa de infância!

Lembro de um pinheiro bem grande que tinha em frente a minha casa, porque era enorme, e quando ventava fazia bastante barulho, assim como a sombra aparecia na janela a noite, quando as luzes estavam apagadas. Lembro também de um pé de seriguela, porque foi a primeira árvore que subi, e comi a fruta lá em cima, em um galho dela. Essa experiência aconteceu em uma viagem que fiz à cidade natal dos meus pais.

O pé de carambola. Acompanhou parte da minha vida até eu mudar de cidade. E se tornou a minha fruta predileta. Tinha também o pé de umbú na casa da minha avó. Eu fui criado no interior e a goiabeira na casa da minha avó é a minha infância perfeita.

Pintangueira e abacateiro. A pintangueira porque eu e meus irmãos Israel, Euza e André pequenos da época brincávamos e sentávamos sob sua sombra. Abacateiro porque além de subir comi abacate maduro no próprio pé com meu irmão Israel.

Sim, na infância sempre brincava embaixo dela.

Árvore de Jabuticaba, elas tinham em abundância na fazenda de meus avós, me recorda da minha infância.

Mangueira lembro do meu avô materno.

Sim! Todos os quintais tinham muitas árvores que mexiam muito com o imaginário infantil das crianças daquela época.

Pé de amora na casa da minha tia. Pés de jabuticaba na casa de meus tios avós.

Parreira na casa de meus pais. Só me trazem boas e abençoadas lembranças.

Quando criança meu pai fazia balanço em um pé de amora no quintal era maravilhoso.

Uma goiabeira que tinha no meu quintal. Cresci com ela de frente pra minha janela e brincava com as folhas que caíam dela.

As pessoas que responderam ao questionário eram, ao final, convidadas para integrar um grupo de WhatsApp onde houve uma conversa inicial antes da oficina e onde foi postado o link da aula no dia da transmissão.

A Oficina foi constituída das seguintes etapas:

- 1) Apresentação pessoal e do trabalho
- 2) Conceituações sobre Sociedades Sustentáveis e Valores
- 3) A Árvores e sua simbologia nas variadas culturas, a verticalidade
- 4) A Árvore como sistema equilibrado Raiz/Caule/Copa e a necessidade de equilibrarmos nossas dimensões física/emocional/mental
- 5) Momento reflexivo com a questão “que árvore é você?” e a leitura do texto de Rubem Alves, “Sermão das árvores”;
- 6) Diálogo com os participantes - pontos levantados: a relação da árvore com as memórias da infância, as árvores nos personagens de filmes como Crood (Guardiões das Galáxias), a Árvore e a beleza da velhice, a doação ilimitada da árvore, a imagem da força da árvore, a beleza da Árvore, a poda drástica ou restritiva;
- 7) Convite à produção artística inspirada nessa simbologia.

Fig 68 – Oficina 5 – Autoria própria

Após a Oficina continuamos no grupo de WhatsApp com as reflexões surgidas durante a mesma. Os participantes durante a semana enviaram várias fotos das suas árvores favoritas, das árvores de suas infâncias, várias histórias e projetos envolvendo árvores. Alguns artistas que participaram da oficina se motivaram a produzir obras inspiradas na simbologia da árvore, alguns participantes enviaram textos e sugestões. Uma participante entrou em contato,

muito comovida, dizendo que após a oficina decidiu salvar um Jacarandá Mimoso da sua rua que está com um oco grande e talvez tenha que ser derrubada. Várias pessoas se disseram comovidas com as lembranças suscitadas pelo formulário e pela simbologia invocada durante a oficina.

Produções artísticas resultantes da Oficina:

Como provocado no final da Oficina algumas pessoas enviaram suas composições artísticas, como a música de Zé Edu Camargo e Aparecida Silvino:

Árvore

Zé Edu Camargo – Aparecida Silvino

C C/B Am G7 F7

Deve ser estranho ser humano, deve ser

Em Dm7 Gsus

E não crescer em direção ao sol

C C/B AmG7 F7

Deve ser estranho ser humano, deve ser

Em Dm7 Gsus

E então crescer em direção ao sol

Am7 Em7

Deve ser difícil fazer isso, deve ser

Am7 Em/G F

Não dividir raízes com irmãos no chão

F

Deve ser de enlouquecer

D/F# C/G E/G#

Passar a vida sem saber o porque de existir

Am C/G

Se pra mim isso é tão ok

F

Perfeita no que sou, eu sei

Gsus

A razão de estar aqui

C C/B Am G7 F7

Deve ser estranho ser humano, deve ser

Em Dm7 Gsus

E não crescer em direção ao sol

C C/B Am G7 F7

Deve ser estranho ser humano, deve ser

Em Dm7 Gsus

E então crescer em direção ao sol

Am **C/G**
 Pra dar sombra, dar abrigo
F7 Em
 Dar a tantos, tantos lares
Am **C/G**
 Para ofertar flores e frutos
F7 **Gsus**
 E ter em troca eternidade

Am7 **C/G**
 Manter o equilíbrio das águas
Am7 **C/G**
 E garantir a pureza dos ares
F **D/F#**
 Ter a vida, dar a vida
C/G
 Viver o tempo
E/G#Am7 **C/G**
 E ser somente uma árvore
F7 **Gsus** **C97**
 E ser somente árvore

Fig 69 – Composição Oficina 5 – Desenho de Flávia Leme

“Essa árvore simboliza a árvore que brinquei na minha infância em DF. Morava em uma super quadra e na frente de casa havia muitas árvores e grama, como uma praça, mas essa grande árvore era a minha preferida (e das outras crianças) pois era mais fácil de subir. Fiz

uma fenda/vagina ao centro pra simbolizar a força do sagrado feminino que há em todas as árvores! – Flávia Leme”

Fig 70 – Composição Oficina 5 – Mosaico de Luciana Jácome

Textos:

“Sou do CE, sertão do Brasil, atualmente "belorizontinada" em meio às verdes paisagens mineiras que me motivaram a ficar por essas terras e me formar em pedagogia pra poderflorescer na minha terra natal.

Minha memória com a Árvore desabrocha com a lembrança de minha primeira infância, pois nela já constam balanços e repouso sob uma mangueira. O meu nome é Raissa e nele carrego fonema ra/iz, informação que condiz com certa característica minha relacionada ao meu forte vínculo com minha ancestralidade, especialmente matriarcal, eu sonho escrever livros mas um de modo ainda mais lindo que é uma coletânea de relatos de tias minhas a respeito de suas histórias e sua relação com a história caririense do Ceará. Enfim, conceituo árvore com nossa relação para nossa família, não somente a de sangue, mas também a cósmica em que nascemos conscientes disso ou não, somos todos sementes. É lindo recordar do balanço em que brincávamos eu e meus irmãos, Jônatas e Daniel, nos galhos largos de um cajueiro frondosíssimo no quintal de minha Tia Maria José e seu esposo Vicente Arruda, admiráveis plantadores, semeadores, apesar do sufixo dessas últimas, devo trazer à memória que o significado é: aqueles que fazem. Pensar árvore me faz lembrar de meus avôs Aurilete Azevedo Lima, José Bernardo da Silva, avós Arimá (caminho de águas mornas) e d. Jesus; é lembrar das xilogravuras de meu tio Stênio Diniz e de seus cordeis. Nós, de minha família Diniz, literalmente subsistíamos à base de frutos de árvores e de sua madeira em seus mais amplos aspectos, pois da madeira à xilogravura e cordel em papel, contemplemos o impecável zelo da Mãe Natureza. Saudações verdejantes!” (Raissa Diniz Cordeiro Lima)

“Sabemos da importância que é dada as questões ecológicas, principalmente pelas questões climáticas. Vemos o eco sistema de forma global com todas as ações necessárias para preservá-lo, mas, a atenção chamada para a imagem da árvore pela Natureza Original me fez repensar este conceito. Uma imensa linha de eventos se sucedeu na linha do tempo em minha mente E, embora eu tenha vivido meio a natureza quando criança, a paisagem já sofria franca transformação rumo a um caráter Urbano, dentro da qual, as árvores já dava um lugar a plantações entremeadas por ruas de loteamentos.

No primeiro evento no qual me recordo com minha baixa visão por causa de uma deficiência progressiva, eu via de cima de um caminhão de mudança dois trilhos de uma estrada feitos pelos pneus dos veículos que raramente por ali passavam.

Ao desembarcar, enquanto as coisas eram descarregadas, ficamos duas pequenas crianças sobre uma mesa com as pernas para cima ao lado do estéril e descomunal coqueiro. Ele estava na entrada da casa para dar as boas vindas e é o ícone central nas lembranças geradas pela Natureza Original.

Talvez, por ser criança ter baixa visão, era a única grande árvore perto da qual eu me sentia seguro. As demais estavam em abastadas propriedades não exploradas agrícola mente, ou em células remanescentes da mata atlântica. Nas bordas das paz eu ficava acompanhado por um responsável enquanto minha mãe se embrenhava ali para pegar lenha. Esta era a principal função das árvores enquanto não eram derrubadas para dar lugar às casas. Mas foi ao redor do estéril e grande coqueiro que se fez a minha infância.

A região sudoeste do município de Osasco que era coberta por uma série de encostas que formavam vários vales que confluíam para um afluente do Tietê.

Quase no topo da encosta Sul de um destes vales lá estava ele. Imponente, podendo ser vislumbrado a muitos quilômetros em qualquer direção onde houvesse campo de visão. Por vezes, uma grande árvore nativa no topo da nossa Colina era o palco de nossas diversões em família. Lembro-me de uma corajosa vizinha e mãe se elevando cada vez mais alto em um balanço fixado a árvore e, de lá de cima, se atirando mais adiante sobre a relva. Mas enquanto as estações se alternavam era em torno do grande coqueiro que a vida ia acontecendo. O entrar e sair de casa pelo portão ao seu lado, estava ao seu lado a enferrujada cerca de arame farpado perto da qual eu ficava para comer as florzinhas alongadas e alaranjadas que cresciam agarradas a ela. Onde aconteciam as fogueiras de São João no espaço de terra batida ao seu redor. Testemunhava todos os anos minha família colhendo e plantando, em um lote vazio ao lado de casa e em sistema de rodízio milho, feijão, batatas, batata doce, mandioca etc. sem contar as permanentes touceiras de cana e bananeiras que davam frutos por todo ano.

Presenciou nossas brincadeiras com os cães, inclusive, quando fui mordido por um deles que foi tomado pela raiva. Ele servia para delimitar o lado direito da propriedade e ficava às margens da rua, mas procurávamos deixa-lo o mais rodeado possível de vegetação, inclusive, na frente de nossa casa. Sem a barreira das grandes árvores, muitas casas foram arrasadas por vários vendavais, mas ele sempre se manteve impávido. No seu topo, há mais de 10 m do chão, os passarinhos se sentiam seguros para fazer os seus ninhos. Na primavera e verão o canto deles era uma benção, bem como, o das cigarras que se mantinham a salvo na altura de seu topo. Suas felpudas e marrons lagartas de cabeças lisas enchiam o derredor de crisálidas que nos presenteavam todos os anos com lindas borboletas. Suas enormes palhas quando caíam

depois de seca fazia uma festa da garotada. As arrastávamos para cima e para baixo pela rua, ora uns sentados sobre ela e outros puxando e vice-versa. A aspereza do som agudo e contínuo provocado pelo atrito das fibras no chão de terra batida enquanto eu estava sentado sobre a palha, enquanto ela era puxada por outros garotos, nunca deixou os meus ouvidos. A gastura gerada no peito pelas vibrações e a secura na garganta e nos olhos provocadas pela imensa poeira que se erguia não incomodavam, muito pelo contrário, só ajudavam a fixar a felicidade gerada com aquele momento. Bem como, as lágrimas nos olhos provocadas pelo saldo suor e o alaranjado do sol de final de tarde em direção do qual eu me projetava quando era minha vez de puxar meus companheiros sobre a palha.

É incrível como uma situação tão simples e ao mesmo tempo pitoresca pode gerar uma emoção tão forte ao ponto de instalar um sentimento em minha alma que até então estava adormecido. Eu não tinha ciência do quanto até me deparar com os questionamentos da Natureza Original. Inclusive, de um dia de ventania, em que a terra tremeu ante ao impacto do peso descomunal de um ser tão antigo que já havia superado tanta coisa e que ora sucumbia mediante aos golpes do machado, numa trajetória milimetricamente calculada pela experiência de um metalúrgico que fora lenhador na juventude. O meu pai. O amigo que havia dado tantas alegrias agora era, primeiramente motivo de medo com sua queda e depois... de uma grande tristeza. Um sentimento ambíguo, pois, ele daria espaço "à modernização" de nosso lote. E se não fosse por nosso lado, seria pelo lote vizinho, cuja a venda já estava sendo negociada para posterior construção. Ele foi o ente central no que tange a figura da árvore na linha do tempo, mas, durante o meu testemunho no final de sua existência e nos anos que advieram, as árvores fazem parte do âmago das minhas emoções mais significativas.

As árvores foram molduras das propriedades rurais, com seus rebanhos, plantações e instalações rústicas enquanto eu me projetava para sudoeste do estado pela ferrovia Santos Jundiaí.

As árvores são responsáveis pelas manchas verdes em minha memória em contraste com o vermelho amarelado da terra revolvida e planada pelos tratores neste processo de extinção. Elas foram testemunhas do paradoxo da emoção de sair do centro de São Paulo nos ônibus monoblocos da CMTC em direção das estradas turísticas da subida do Pico do Jaraguá, onde elas eram tão abundantes. Era o caminho para chegar a casa de uma tia avó, a qual foi desapropriada para a construção da rodovia dos Bandeirantes. Foram responsáveis por transformar o dia em noite, ao ponto de precisar ligar os faróis do ônibus, quando nos perdemos no caminho de volta de uma apresentação de nosso coral em Embu das Artes.

Testemunharam o sentimento conflitante de pavor e satisfação, onde certa vez, eu me abalei à casa de queridos amigos, cruzando as matas de Vargem Grande Paulista, a pé e sozinho, portando apenas uma bengala de cego nas mãos e uma mochila nas costas. Torcendo para não trombar com um animal nativo e até mesmo serpentes que habitualmente eram vistas cruzando as estreitas estradas de terra.

Bom... A quantidade de árvores foi diminuindo enquanto os anos passavam, ao mesmo tempo que o meu conhecimento e consciência ecológica foram crescendo.

Hoje sei que sobre as árvores está o ponto de apoio de todo o sistema ecológico. Elas regulam a temperatura do planeta, o ciclo das chuvas, purificam o ar, absorvem e processam o calor do sol. Até mesmo o fito plâncton dos oceanos depende das árvores. São as árvores da floresta amazônica que formam o rio de água que se eleva sobre a América do Sul e quando se precipita nas encostas andinas, extrai a sílica primordial para formar a armadura destes pequenos organismos, os quais, ao

morrerem depositam estes minerais no fundo do mar. Em um passado remoto a geologia se elevou e trouxe estes componentes para a superfície. Um destes lugares é o deserto do Saara, do qual se elevam milhões de toneladas de poeira, 100 vezes mais fina que a poeira doméstica que, viajando com os ventos, se precipitam sobre o Atlântico e a Amazônia, lhes fornecendo os nutrientes necessários para a manutenção da vida e fechando círculo virtuoso ecológico.

Vista do espaço, a nossa atmosfera é uma delicada linha sobre o nosso vasto planeta, mas, faz toda a diferença para a manutenção da vida aqui. É ela que mantém a temperatura média de nosso planeta em 17°C. As árvores, por, desde os tempos mais remotos, as árvores servem de elemento metafórico para representar numerosos aspectos de nossa vida, consciência e evolução. Elas estão aqui a milhões de anos apresentando-se na forma ideal para cada momento de adaptação nos quais o ambiente lhes solicitou, mas, uma coisa é certa. Cuidar bem delas é fundamental para a continuidade de nossa existência na terra. A existência humana é uma exigência de adaptação para as árvores dentro da qual o tempo não lhes favorece comparando-se com outros períodos nos quais isto foi exigido.

Nós já fizemos bem a elas integrados Como elos na cadeia ecológica, mas, nós é que somos filhos delas e não o contrário. Como Deus nos deu o livre arbítrio para fazer o que estamos fazendo, espero que também nos dê humildade e sabedoria para enxergar a necessidade de uma mudança rápida e profunda no sentido contrário, pois, se nos extingirmos por causa disto, novos filhos virão amparados pela maternidade de novas árvores.” (Audilei Clemente)

Arvorecer

Na sombra acolhedora da tua copa
Na força impressionante do teu tronco
Na profundidade sábia de tuas raízes
Criei-me, pequena e sonhadora criança
E sendo então tão grande o mundo
Busquei-te. Esteio, abrigo e alimento
Convite ao todo do céu sem largar do chão.

Na delicadeza das tuas flores
Na abundância dos teus frutos
No vigor das tuas folhas
Sonhei. Juventude, viço agridoce
E sendo assim intenso o mundo
Feri tua casca na inconsequência
De um amor tão passageiro quanto profundo.

Na queda inesperada de tuas folhas
Nos galhos desnudos cortados pelo vento
Na imobilidade serena que assumiste
Chorei, incapaz de tanta paciência
Pois sendo o mundo agora inclemente
Sem abrigo, delicadeza e encanto
Vendo a força oculta de sua forma expectante
Aprendi a transpor tempestades, amarguras e distâncias.

No reviver alegre que seguiu-se
 Nos teus pequenos brotos radiantes
 Na chama verde de Vida que emanas
 Renasci, preenchida de espírito e esperanças
 E por ser o mundo enfim uma promessa
 Parti plena, em busca dos meus sonhos
 Ciente em mim da revivescência
 Deixo pra trás minhas folhas secas
 E teço, eu mesma, novos ramos
 (Silvia S Soares)

Árvores – humanos

Acho muito certa a analogia das árvores com a gente. Alguém achou uma árvore igual com uma outra?

Assim somos os humanos. As nossas raízes, troncos, copas e frutos sempre únicos e próprios de cada um.

Somos como as árvores de todos os tamanhos, mesmo que pertençamos a mesma família, os frutos são próprios de cada um.

Árvores e humanos procurando sempre o calor, o sol, o água, o vento e tudo isso para crescer. Damos em nossa copa, espaço para os ninhos e criamos pássaros que um dia vão voar e se separar.

Mas acho algo muito interessante que a diferença das árvores, os humanos podemos melhorar os nossos frutos e até mudar eles enquanto evoluímos na nossa consciência.

Imagino que as árvores sentem muito prazer com a nossa companhia como nós sentimos com a delas. (Marcia Valarezo).

6. Análise dos Resultados

As cinco intervenções foram realizadas em locais e com públicos muito diversos. Todas tiveram a Árvore como temática problematizadora e utilizaram as artes como ferramenta de pesquisa para buscar responder a questão referente a quais os Valores necessários para construção de Sociedades Sustentáveis.

Na primeira intervenção, realizada no Parque da Cidade de Jundiaí-SP, as pessoas chegaram através de um chamado por redes sociais – Facebook e WhatsApp – o que fez com que as pessoas presentes fossem de um perfil semelhante de espiritualistas em sua maioria. 80% eram mulheres, 10% com menos de 20 anos, 20% com 20 a 29 anos, 42% com 30 a 39 anos, 28% com mais de 40 anos. Todas as 14 pessoas presentes participaram ativamente de todas as etapas da oficina, meditando, interagindo com o bosque e uns com os outros e no momento de produção artística. Na roda de conversa alguns participaram mais que outros. Contudo, no geral, o diálogo foi muito rico e com muitas contribuições de todos no sentido do

que é realmente importante, se abrindo para questões sobre o significado da Felicidade e sobre como a simbologia da árvore e o contato com as árvores podem traduzir a vivência da felicidade. Na roda de conversa, surgiu a questão das dificuldades financeiras e do peso que se dá a esta questão no dia-a-dia, e no questionário final algumas pessoas citaram o capitalismo como questão impeditiva da Felicidade. Não foi aplicado questionário socioeconômico, mas os participantes eram de condições sociais diversas, contendo funcionárias públicas, estudantes, profissionais de telemarketing, artistas, profissionais da construção civil, estudantes, entre outras ocupações. Um ponto importante fortemente discutido pelo grupo foi a identificação dos participantes com a figura da árvore no sentido de busca pela elevação.

A segunda intervenção foi realizada na Oca-ESALQ, no campus da USP de Piracicaba-SP, e todos os participantes eram estudantes e/ou pesquisadores com interesse especial em Educação Ambiental e uma facilidade maior em aprofundar questões teóricas. Apesar de ter-se discutido a respeito da Sociopoética, houve uma dificuldade muito grande em adentrar o universo da Sociopoética que é um Universo artístico com participantes de características predominantemente intelectual. Na prática a proposta de Sociopoética não foi efetivada, mas a discussão sobre os valores necessários a construção de Sociedades Sustentáveis gerou textos de grande profundidade, revelando que o “mergulhar em si mesmo” proposto pelo Método Oca não fica na teoria, mas é práxis no fazer dos pesquisadores do Laboratório. O momento da meditação nessa oficina também apresentou algumas dificuldades, e alguns participantes revelaram resistência em se entregar a essa atividade. Alguns pontos a serem melhorados apontados na prática da meditação foi o tom de voz utilizado e o momento em que foi realizada. Um ponto forte desta oficina foi o de colocar o conhecimento a serviço da transformação social, na busca por valores para construção de Sociedades Sustentáveis.

A terceira oficina teve uma característica particular de ter sido realizada em uma escola de Educação Básica da periferia de Jundiaí-SP, sendo discutida com professoras e a coordenadora e aplicada às crianças da unidade. O contato com a coordenadora se deu de forma mais aberta e espontânea, a mesma convidou para a realização da atividade na escola, contudo o contato com as professoras e auxiliares foi um tanto truncado e burocrático. As respostas aos questionários apontaram para questões presentes na educação infantil, como respeito e cuidado, mas algumas respostas pareceram um tanto viciadas, como falar de reciclagem e de lixo a uma pergunta aberta sobre mundo melhor, sabendo que o tema da pesquisa é Educação Ambiental. A resposta das crianças se deu através das reações ao

espetáculo teatral e ao plantio da árvore, todas prestaram muita atenção e muitas reagiram com manifestações de carinho para com os interventores e a árvore.

A quarta oficina se deu na aula de Psicologia da Educação da ESALQ, com 43 estudantes ao início, que em geral demonstraram grande receptividade à intervenção. O diálogo ao final demonstrou muita maturidade, contudo houve respostas aos questionários que revelaram que os estudantes mais religiosos percebendo a espiritualidade que pautou a ação não se sentiram à vontade e no momento da escrita dois estudantes deixaram claro seu descontentamento.

A quinta oficina se deu através de plataforma digital, iniciando com formulário no Google, passando por aula no YouTube e finalizando com grupo no WhatsApp. Houve grande participação e engajamento, e o grupo no WhatsApp permitiu uma continuidade nos diálogos e uma troca mais intensa com os participantes.

Podemos pensar cada uma das intervenções à luz de Espinosa. Em Espinosa (2008), a compreensão do corpo passa por duas proposições, uma dinâmica, em que o corpo se define pelo poder de afetar e ser afetado e outra cinética, pois individualidade de um corpo também se define pelas relações de repouso e movimento, de velocidade e lentidão. Portanto, o corpo é sempre relacional e se define pelos afetos de que é capaz. Desta forma, toda a Ética de Espinosa pressupõe a noção de experimentação, uma vez que não se sabe antecipadamente o que pode um corpo em um encontro, em uma combinação. Como o corpo é definido por seu poder de afetar e ser afetado, ele só pode ser compreendido relacionalmente. Espinosa (2008) pensa o ser humano e a sociedade sempre em termos coletivos, ou seja, para ele o corpo é já um coletivo, pois considera que o corpo humano compõe-se de muitos indivíduos. As afecções de um corpo podem variar sua potência de agir, estimulando-a ou retraindo-a.

No âmbito das relações humanas, para Espinosa, um corpo age ou é ativo quando ele é a causa interna e completa da afecção e a alma é ativa quando compreende a atividade do seu corpo e a sua própria como causa total de um afeto ou de uma ideia; ao contrário, o corpo padece ou é causa inadequada da afecção quando ele gera somente parcialmente algum efeito em si mesmo ou fora dele, ou seja, quando a causa da afecção é externa e só parcialmente interna. A alma é igualmente passiva quando seus afetos ou suas ideias são determinados do exterior e só parcialmente por ela mesma (Azevedo, 2018). “Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só” (Espinosa, 2008, p.163). Segundo Espinosa (2008), o afeto é compreendido como ação, quando somos a causa adequada de alguma afecção; em caso contrário, uma paixão. De forma

análoga, a mente age na medida em que tem ideias adequadas (isto é, das quais ela é a causa interna completa), e padece quando tem ideias inadequadas (isto é, das quais ela é apenas causa parcial). Por ideia Espinosa compreende “um conceito da mente, que a mente forma porque é uma coisa pensante” (*id ibid.*, p.79).

Desta forma, mesmo a oficina virtual pode ser considerada nestes modos porque o chamado corpo do conhecimento dos participantes passou por esse processo de afetar e ser afetado. Para Espinosa não existe coisa boa ou má por si só, o que existe é a sensação de adequação ou inadequação na relação. Desta forma, para os dois estudantes que se sentiram incomodados durante a atividade da oficina 4, a intervenção não se configurou em um Bom Encontro. Durante as oficinas 1, 3 e 5 a Alegria do Encontro foi mais palpável, sugerindo que os participantes se sentiram mais adequados a todo o conteúdo da atividade. Mesmo na oficina 3, há uma imensa diferença entre a Alegria da experimentação das crianças que participaram da atividade e as educadoras, que se encontravam em uma posição hierárquica, que por si só já é elemento que pode subtrair o sentido da presença e do prazer. Na oficina 2, ainda que alguns participantes tenham se sentido inadequados durante a meditação, sentiam-se aceitos o suficiente para expressar tranquilamente esta sensação, demonstrando inteireza no processo e entrega profunda no processo de busca que a atividade propunha.

Observando as cinco oficinas à luz dos cinco conceitos da Oca - identidade, comunidade, diálogo, potência de ação e felicidade (ALVES e SORRENTINO, 2010b), percebe-se que todos estes elementos estiveram presentes nas intervenções realizadas. As identidades individuais, coletivas e planetárias foram trabalhadas através da aceitação, do cuidado, do respeito e da atenção. O senso de comunidade foi festejado através do pertencimento e da responsabilidade de cada um. O Diálogo foi percebido tal qual afirma Buber (2001), como a percepção do Outro em sua completude, não só nos momentos de roda de conversa com o Outro humano, mas nos momentos de conexão com o Outro - Árvore e com a percepção do Outro suprasensorial nos momentos de meditação. A Potência de Ação foi alimentada em cada encontro a partir do envolvimento, da busca compartilhada por liberdade e felicidade e a partir do encontro com pessoas que realizam as mesmas buscas. Por fim, a Felicidade foi observada na alegria e no prazer dos encontros, mas também no prazer do engajamento e do significado, pois cada encontro alimentou o sentido de conexão com cada um e com o Todo.

Observando os encontros sob o prisma da espiritualidade laica e da nossa percepção da filosofia chinesa, cada intervenção mostrou-se oportunidade de mergulhar em si mesmo, de oferecer um momento a cada participante para auto-observação, para percepção dos próprios

pensamentos, sentimentos e atitudes, para auto avaliação e proposição de novas intenções, de fomentar o desejo de contribuir para grandes transformações externas a partir das pequenas e grandes transformações internas. Especialmente no momento absurdamente distópico que vivemos, esse ponto mostrou-se fundamental. Vivendo em uma cultura cada vez mais aniquiladora e mutiladora – fato que se observa desde a forma como tratamos nossas árvores nas cidades até a forma como se trata os seres que não são iguais, humanos e não humanos – mais se torna fundamental cada ação que promova a cultura do cuidado, do amor, da alegria sensível ao Outro, da conexão profunda inclusive consigo mesma/o.

Não se buscou nesse trabalho criar juízo de valor com relação ao material artístico criado, apontando qual foi melhor e qual foi pior, qual seguiu rima e métrica ou qual se mostrou mais vanguardista, não. O material artístico produzido e revelado aqui neste trabalho é espelho de um tempo e de um propósito, são expressões do desejo pela transição para Sociedades Sustentáveis. Cada um pode ser admirado em sua essência individual e também na composição coletiva. São diversos textos das mais variadas formas, imagens e uma composição musical, além do movimento criado pela provocação da Sociopoética e da peça teatral composta para uma das intervenções. Pierre Bordieu (2005) apontou para a necessidade de observar que mesmo as disposições do que é belo e bom nos sentidos estéticos podem se tornar palco de disputas de poder quando nos furtamos a estabelecer esses juízos do que seja arte erudita e arte popular, contribuindo para perpetuar as opressões e dominações. Assim, as artes e o consumo artístico estão predispostos a desempenhar, independentemente de nossa vontade e de nosso saber, uma função social de legitimação das diferenças sociais. O abrir das mais diferentes expressões de arte às mais diversas manifestações sociais é ato de resistência.

6.1. Valores para Sociedades Sustentáveis

Quais são os valores necessários para construção de Sociedades Sustentáveis?

Na primeira oficina (Parque da Cidade) surgiram respostas como: mais amor, autorreflexão, reforma no sistema capitalista, acabar com a desigualdade, acolher o outro, menos arrogância, harmonia, vida com propósito, praticar o que se aprende.

Na segunda oficina (Oca) surgiram respostas como: sensibilidade, tolerância, cuidar, amor, compaixão, diálogo, paz, atenção, discernimento, responsabilidade, silêncio, criticidade, plenitude.

6.2. Valores de Copa, Valores de Caule e Valores de Raízes

Na filosofia chinesa, especialmente nas palestras de Sim Soon Hock, observamos o trinômio Sabedoria, Amor e Coragem, que se relacionam a três aspectos fundamentais da vida humana: o pensar, o sentir e o agir. A sabedoria está relacionada com a compreensão que se tem de todas as coisas, o que podemos também chamar de consciência. O amor está relacionado com a empatia e a compaixão, com a bondade. A coragem está relacionada com a ação que parte da responsabilidade assumida (AD LUMEN, 2019).

No Movimento Transition Towns encontramos a expressão Cabeça-Coração-Mãos que reflete o mesmo sentido necessário para a transformação. Segundo o Manual para a Transição, é preciso encontrar o equilíbrio entre a “cabeça”, no sentido de buscar informações e evidências disponíveis e aplicar a inteligência coletiva para encontrar melhores maneiras de viver; o “coração”, no sentido de trabalhar com compaixão valorizando e prestando atenção aos aspectos emocionais, psicológicos, relacionais e sociais do trabalho; e as “mãos”, no sentido de transformar visão e ideias em uma realidade tangível, “iniciando projetos práticos e começando a construir uma economia nova e saudável no lugar em que vivemos” (TRANSITION NETWORK, 2019, p. 9).

Bonotto (2008) apresentou uma proposta de educação em valores aplicados à Educação Ambiental equilibrando três dimensões de maneira sempre interligada: Cognição – reflexão sobre as ideias, concepções, sentimentos e valores relativos a um foco de interesse, permitindo a elaboração de compreensões, análises e juízos de valor a seu respeito; Afetividade – trabalho de sensibilização e envolvimento, identificação e expressão dos sentimentos, de apreciação estética com relação ao valor apresentado; e Ação – Vivência de situações reais de envolvimento com o valor apresentado ou desejado, “buscando a complexidade das experiências, a serem tanto apreciadas como refletidas. A construção de um valor, em última instância, se revelará no plano da ação, como hábitos ou atitudes coerentes com o valor construído” (BONOTTO, 2008, p. 304).

Encontramos também nos Tratados de Alquimia a referência à Árvore da Vida, dividindo os planos mais densos ligados ao elemento Terra, como a materialidade, o mundo das ações, na raiz da árvore; o mundo das emoções, dos sentimentos, ligados ao elemento Água, no tronco da Árvore; e o mundo dos pensamentos e da Criação, ligado ao elemento Ar, na copa da árvore.

Assim sendo, sistematizamos os Valores citados durante a coleta de dados, nestes três aspectos e dividimos todos os valores citados por todos os participantes das cinco oficinas

nestas três esferas. Valores citados tanto nas respostas à pergunta "O que fazer para tornar o mundo um lugar melhor", nas produções artísticas realizadas as oficinas e nas rodas de diálogos sobre valores para Sociedades Sustentáveis:

Fig 72 – Sistematização de Valores – Autoria própria

Valores de Copa	Valores de Tronco	Valores de Raízes
Autoreflexão Fim da desigualdade Fim do preconceito Fim do capitalismo Intenção Percepção Sabedoria Conhecimento Saber / Refletir Busca pela elevação Multiplicidade Conscientização Equilíbrio Fim arrogância e egoísmo Fim da prepotência Fim da vaidade Discriminar certo/errado	Amor Compaixão Carinho Ausência de medo Família Tranquilidade Leveza Fé Entusiasmo Paciência Serenidade Paz Solidariedade Altruismo Irmandade Respeito Gratidão Aceitação Acolhimento Alegria Felicidade Empatia Harmonia Ternura Bondade Beleza Leveza Conexão com seres e natureza Unidade	Praticar o que aprende Viver o propósito de vida Propagação da harmonia Auxílio Estar presente União Coletividade Comunidade Partilha Resiliência Generosidade Cooperação Força Movimento Ser Exemplo Saúde Mudança Fim da violência Relacionar-se Valorizar o outro Cuidado Dedicação Fazer o que se gosta Realização profissional

Fig 73 – Sistematização Oficinas – Autoria própria

Parque da Cidade	Conexão com a Natureza	Identidade	Busca pela Elevação
Oca	Pluralidade de Sociedades	Felicidade	Conhecimento e Prática
EMEB	A importância do Cuidado	O Papel do Educador	Ensinar / Aprender
Aula Psicologia Ed	Utopias / Harmonia	Pertencimento com Autonomia	Amorosidade pragmática
Vivência Online	A sensibilização	Memórias afetivas da Natureza	Partilha / Comunidade

7. Considerações Finais

Quando falamos de Desenvolvimento de Valores, percebemos que todos nós, seres humanos, estamos sujeitos às interferências do ambiente, das nossas condições sociais e econômicas, da educação que recebemos quando crianças e que continuamos recebendo a todo momento, do "currículo oculto" das escolas, do ambiente de frenesi das universidades, dos conceitos enraizados na sociedade de que precisamos a todo custo encontrar sucesso profissional e constituir família. Diante desse quadro, parece ingenuidade acreditar que uma intervenção de três ou quatro horas de duração possa fazer alguma diferença.

Em várias tradições se fala sobre o "cultivo" de valores como algo que, assim como a árvore, pode ser cultivado. Assim sendo, é fundamental que haja cada vez mais Intervenções de Educação Ambiental voltadas a propiciar aos participantes e interventores os valores do que se deseja para a construção de Sociedades Sustentáveis.

Hoje o que se vê nos canais abertos de televisão, nos jornais, nas conversas, são "intervenções" que cultivam valores de uma sociedade oprimida, calada pelo medo, iludida sobre uma falsa liberdade, mas enquadrada nos perfis descritos por Hardt e Negri (2014) - endividados, mediatizados, securitizados, representados - nesse momento de uma crise que vai além do econômico e do social, é uma crise de valores.

Em um momento de crise de valores, quando se confunde o que é bom e belo, quando a ética se perde em justificativas tortas, quando a própria educação é desvalorizada por aqueles que se colocam em poder para representar o país, um momento em que a Amazônia queima levando à morte tantos animais e tanta vegetação nesse exato instante enquanto escrevo (como posso ainda ter esperança?) justamente neste momento é que valores como os que foram levantados aqui neste trabalho assumem maior importância. Não uma relação pré-definida de valores escolhidos por uma classe dominante para ser aplicada a todos, que encaixote o ser humano em poucas e pequenas características de personalidade ou de um modelo de sociedade.

É necessário abrir as mentes, os corações e as mãos. Em um momento em que o que mais se observa é o julgamento, a separação, o separatismo, a xenofobia, a exclusão, a necessidade visível da exaltação de si através do rebaixamento do outro, o que queremos trazer é a consciência de que é possível ser totalmente diferentes e abarcar valores e crenças completamente diferentes, mas isso não nos torna melhores ou piores por si só. Coexistir pacificamente com ideias e ideais diferentes desde que se conserve o respeito mútuo. A

aplicação prática das Epistemologias do Sul de Boaventura de Souza Santos deve ocorrer desde as relações mais básicas até as condições de cidadania universal e cósmica.

Neste ponto, as considerações dos alquimistas revelam o que para mim foi o maior aprendizado com a imagem da árvore: nas raízes está a Terra, o físico; nos troncos está a Água, estão os sentimentos; nos galhos está o Ar, os pensamentos... mas não há parte da árvore que seja mais ou que seja menos importante, na chamada Lei Hermética da Correspondência: "O que está em cima é como o que está embaixo. O que está embaixo é como o que está em cima" (ATKINSON, 1978, p. 5). Entre nós, há aqueles que encontram mais afinidade com um ou com outro elemento destes, goste mais de uns que de outros, mas isso não significa que sejam melhores ou piores.

Estas três esferas precisam ser coerentes entre si, como partes de uma mesma árvore. Em última análise, todo valor precisa ser manifesto em ação que equilibra pensamentos e sentimentos, assim como nenhuma árvore pode crescer sem raízes. É preciso agir localmente para ver sociedades sustentáveis frutificando.

Quando levamos nossas intervenções para as sociedades, plantamos esta semente, mas será necessário que cada participante cultive a semente plantada. Esse é um dos motivos pelos quais se fala que a educação ambiental precisa ser permanente, continuada e com a totalidade. Esse seria o ideal. Entretanto, é necessário agir mesmo que em pequenas escalas para podermos chegar a um resultado mais amplo. Essa é uma das grandes contribuições do pensamento confuciano: iniciar do micro para alcançar o macro. Confúcio orienta a corrigir a si mesmo, orientar os mais próximos e assim uma vila se transforma, uma cidade, um país.

As artes expressam em cada criação neste trabalho é a prova dessa transformação. As artes revelam-se organizadoras ou sistematizadoras do sentido social do indivíduo, sendo que consideramos que o ser humano é fruto das lutas e condutas sociais existentes em seu processo de experimentações do mundo, "as artes deste modo, surgem inicialmente como o mais forte, instrumento na luta pela existência" (Vygotsky, 2001, p. 308), é mecanismo da práxis humanizadora e educadora dos sentidos e das emoções dos sujeitos historicamente envolvidos no trabalho educador. Segundo Vigotsky (*ibid*) o sentimento individual se torna social através das artes. Assim é possível expressar através das artes os nossos desejos de transformação e de construção do que se chama comumente de um mundo melhor, possibilitando a concretização dessas criações. Permitindo-se fruir, pensar e produzir sentidos pessoais através das artes, surgem novas realidades antes presentes apenas como sentimentos,

Quando iniciei esse curso de Doutorado, acreditava que precisaria comprovar essa teoria, mas hoje, ao final desse processo, percebo que não há como comprovar o efeito das

atitudes que plantamos nas sociedades. Mesmo se pudéssemos isolar, ou mesmo se tivéssemos décadas de estudos, como saber de onde veio a semente da transição? É mais sábio crer que não se trata de uma só semente, mas o resultado de muitos fatores.

Mais importante do que comprovar uma hipótese, deixo aqui alguns exemplos de intervenções que podem semear sociedades sustentáveis e uma relação de valores levantados pelos próprios participantes de como fazer com que essas sociedades se desenvolvam.

Para encontrar os Valores necessários para Sociedades Sustentáveis poderíamos ter aplicado aos grupos testes com escalas de valores preexistentes, como os Modelos de Valores de Schwartz ou de Gouveia (LIMA, 2012), contudo partiu-se do princípio que estes Valores não deveriam ser determinados por uma escala externa. Quando falamos de Sociedades Sustentáveis, no plural, queremos dizer que não há uma só forma de Sociedade possível, que é preciso contemplar a diversidade e isso significa Valores diferentes para cada uma delas. Existe uma possibilidade de haver Valores comuns entre a maioria delas, pois se imaginamos os próprios conceitos de Sociedade e de Sustentabilidade envolvidos, é provável que questões como Paz, Justiça, Respeito e Cooperação, por exemplo, sejam pontos em comum para todos, mas cada uma destas Sociedades deve construir coletivamente a sua própria escala de Valores e não simplesmente obedecer ou ser avaliada por uma escala. Este é um dos princípios elencados através do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Assim como um dos Princípios do movimento Transition Towns é o compartilhar livre de ideias e poder, não se devendo simplesmente impor ao grupo uma decisão de cima para baixo.

A simbologia da Árvore transmite a plenitude da existência. Lembra de que para sermos íntegros é necessário coerência entre todas as partes do ser - pensamentos, sentimentos e atitudes. A imagem da árvore indica que é necessário haver uma consonância entre raiz, tronco e copa, entre passado, presente e futuro, entre atitudes, sentimentos e pensamentos. A contemporaneidade tem o mau hábito de valorizar apenas o que nos leva para o alto, o que tange o pensamento, mas esquece que nenhuma árvore pode ser grande sem que as raízes cresçam fortes também. O crescimento na natureza não acontece em apenas uma direção, troncos e raízes também precisam crescer.

As palestras de filosofia chinesa nos apontaram para o trinômio Sabedoria-Amor-Coragem, nesta ordem, podendo mostrar que o fluxo também pode ser neste sentido: quanto mais sábios os nossos pensamentos, mais tranquilos os nossos sentimentos e mais assertivas as nossas atitudes. Mas é provável que esta sabedoria também tenha sido nutrida por atitudes corretas e sentimentos equilibrados.

Os Alquimistas também nos mostraram a Árvore como um sistema equilibrado, formado por quatro elementos (Fogo, Terra, Água e Ar) e três substâncias (Sulphur, Sal e Mercurius) onde um desequilíbrio nesse sistema pode causar inúmeras perturbações. Nós somos esta árvore e precisamos buscar este equilíbrio, sob o risco de gerarmos inúmeras perturbações. Quando privilegiamos um ponto em detrimento de outro, por exemplo, valorizando somente os sentimentos e não desenvolvendo nosso lado racional, ou o contrário, para a Alquimia estamos desenvolvendo o excesso em um elemento específico e a falta em outro, o que provoca o desequilíbrio também no nosso sistema geral físico - sentimental - mental. A boa notícia é que é possível reverter esse processo, através da auto-observação, percebendo onde estamos exagerando e onde estamos deixando a desejar, e então a compreensão, a incorporação e a atitude coerente no sentido de encontrar um equilíbrio no nosso sistema de vida. Assim como, mesmo um(a) grande filósofo(a) ou artista, com o nascimento de um filho precisa aterrar-se, tornar-se raiz, aprender a lidar com as questões práticas e a nutrir. Coadunando estas três esferas pode-se frutificar de maneira mais plena.

Com relação à questão se intervenções de educação ambiental como estas podem ou não auxiliar no desenvolvimento e manifestação de valores que contribuam para a formação de seres humanos mais aptos à construção de Sociedades Sustentáveis, a maioria dos participantes das cinco oficinas relata ter saído das intervenções com a percepção de um “bom encontro”, de partilha de sonhos, alegrias e histórias, que podem sim incrementar a potência de ação, a capacidade inclusive de criar novas realidades. A experiência em si já configura transição. Assim sendo, conclui-se que Intervenções de educação ambiental que utilizam a imagem da árvore podem auxiliar no desenvolvimento e manifestação de valores que contribuam para a formação de seres humanos mais aptos à construção de Sociedades Sustentáveis, desde que promovam “bons encontros”.

Espinosa (2009) pensa o ser humano e a sociedade em termos de coletividade, mesmo um corpo é visto como um coletivo de indivíduos. Para ele, as afecções de um corpo podem resultar que sua potência de agir sejam incrementadas ou diminuídas a medida em que sejamos afetados por alegria ou por tristeza, respectivamente. Para ele, a virtude é a própria potência humana, é a essência humana, definida pelo esforço através do qual o ser humano persevera em si, que o autor denomina “conatus”. Percebemos algumas semelhanças com o conceito de Natureza Humana, apregoados pela filosofia confuciana, contudo esta poderá ser uma análise posterior.

Que as ações e pensamentos aqui expressos possam contribuir para a criação de políticas públicas que levem em consideração as dimensões da educação, das artes e da

espiritualidade laica para a construção de Sociedades Sustentáveis. Que também possam inspirar novas pesquisas nesse sentido, além de materiais de educomunicação e alimentar a prática da Educação Ambiental. O principal neste momento é reafirmar a necessidade de que se desejamos realmente uma transição que incentive e respeite os múltiplos saberes. Da mesma forma que se exalta o saber acadêmico, pode-se voltar os olhos para os saberes tradicionais, os saberes religiosos, os saberes populares, os saberes ancestrais e toda a multiplicidade de saberes. Através deste respeito irrestrito, pode-se possibilitar que cada um supere as opressões das mais variadas que limitam a expressão de sua essência, e que todos possam sem temor unir seus saberes e construir caminhos para Sociedades Sustentáveis.

REFERÊNCIAS

- AD LUMEN, INSTITUTO. Transcrições de palestras de Sim Soon Hock. Arquivo Documental. Acessado em 04/10/2019.
- ALEIXO, JOEL. A Alquimia e a Árvore da Vida. Escola de Alquimia. Disponível em <https://floraisjoelaleixo.com/blog/alquimia-e-arvore-da-vida/> Acessado em 15 de Outubro de 2019.
- ALVES, D. M. G. e VIEZZER, M. Rede Planetária do Tratado de Educação Ambiental-PlanTEA In: **Anais do VI The Best of Both Worlds**, Bertioga, Maio, 2014, no prelo.
- ALVES, D. M. G.; SORRENTINO, M. Felicidade e Espiritualidade sob um Olhar Transdisciplinar da Educação Ambiental. In: Guntzel-Rissato, C; Andrade, DF.
- ALVES, D. M. G.; SORRENTINO, M.. A Temática da Felicidade e a Busca de Indicadores de Sustentabilidade Socioambiental. In: Guntzel-Rissato, C; Andrade, DF.
- ALVES, D.M.G e SORRENTINO, M. Em busca da Sustentabilidade Educadora Ambientalista. **Ambientalmente sustentável, 2010, (I), 9-10.**
- ALVES, D.M.G e SORRENTINO, M. Felicidade e seu papel nos Processos Educadores: um Diálogo Necessário na Busca de Indicadores de Sustentabilidade Socioambiental. **V Encontro Nacional da Anppas, Florianópolis, 4 a 7 de outubro de 2010.**
- ALVES, RUBEM. A complicada arte de ver. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml> Acessado em 03/12/2015.
- AMARAL, TARSILA. **A Floresta.** Disponível em: <http://arteeculturabrasil.blogspot.com/2009/03/tarsila-do-amaral.html> Acessado em 15/05/2018.
- AMORIM, A. C. R. Educação. In.: BRASIL, MMA. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores.** Brasília, 2005.
- Anônimo. **Grande Tratado da Alquimia:** a natureza desvendada. Martins Fontes, 1996. 306 pg.
- ANGELINI, PAULO RICARDO KRALIK. Sobre um mundo em ruínas: José Saramago e Gonçalo Tavares em diálogos simbólicos. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_899.pdf
- ANTONIO, JULIANO ZANQUETTA. **A Magia da Filosofia Chinesa.** Disponível em: https://naturezaoriginal.wixsite.com/sejaluz/post-unico/2019/11/17/A-Magia-da-Filosofia-Chinesa?fbclid=IwAR2UdpHFmRVs52OQT_SxXrtBVSTe3z5ejV8fp32YAI5WFU7exw5DLXcKh5Q Acessado em 18/11/2019.

ARANHA, CARMEN S. G. Rever Paul Cézanne. **Revista USP**, São Paulo, n 93, p. 178-186, 2012.

ARAÚJO, MICHELL ÂNGELO MARQUES ARAÚJO. **Sentido da vida, espiritualidade e sociopoética**: convergências para a produção de conhecimento e para o cuidado clínico. Dissertação de Mestrado em Cuidados Clínicos em Saúde, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2008.

ARCIMBOLDO, GUISEPPE. **As Quatro Estações**. Disponível em: <http://virginiabarros.blogspot.com/2010/02/as-quatro-estacoes-de-arcimboldo.html>
Acessado em: 12/04/2018.

ATKINSON, WILLIAM WALKER ou OS TRÊS INICIADOS. **O Caibalion**: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia. Ed. Pensamento. 1978. 128 p.

AUGRAS, MONIQUE. **A Dimensão Simbólica**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1998.

AZEVEDO, LIVIA GODINHO NERY GOMES. Ética da Alegria e do Encontro: Diálogos entre Deleuze e Espinosa. **O Manguenzal**, v. 1, n. 2, a. 2, pp. 42-49 , jan/jun 2018.

BARROS, MANOEL DE. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização e espiritualização**, Editora Ática, 1993.

_____. **As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral**. Mar de Ideias Navegação Cultural, 2012.

_____. **Saber cuidar**: a ética do humano – compaixão pela terra / Petrópolis. Vozes, 1999

BONOTTO, DALVA MARIA BIANCHINI. Contribuições para o trabalho com Valores em Educação Ambiental. **Ciência & Educação**, v. 14, n. 2, p. 295-306, 2008.

BORSA, JULIANE CALLEGARO. Considerações sobre o uso do teste da Casa-Árvore-Pessoa – HTP. **Avaliação Psicológica**, 9(1), p 151-154, 2010.

BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. (Org.), **Repensando a Pesquisa Participante**, 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2005.

_____. **O vôo da arara-azul**: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental – Campinas, SP, Armazém do Ipê, 2007.

BRASIL. **Carta da Terra**. Acessado em 15 de março de 2015. Disponível: http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf

BRASIL. Constituição Federativa de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

- BRASIL. Lei Federal Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a **Política Nacional de Educação Ambiental** e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28.4.1999. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em 05 de outubro de 2016.
- BRASIL. Leis, Decretos. Lei n. 9.394/96. Disponível: <http://www2.senado.gov.br/sf/legislacao/>
- BUBER, MARTIN. **Eu e tu** (8a. ed.). São Paulo: Centauro. (2001, Originalmente publicado em 1923).
- BUENO, ANDRÉ. O Zhong Yong ou A Doutrina do Meio. In.: Textos Clássicos da China Antiga. Disponível: <http://chines-classico.blogspot.com.br/2007/07/o-zhong-yong-ou-doutrina-do-meio.html> . Acessado em 16/05/2016.
- CALVINO, ITALO. **O barão nas árvores**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- CALZOLARI, TERESA PAULA ALVES. "Aprendizes da seiva: o homem e a árvore nos contos de mia couto." Revista Mulemba nº 1 - Outubro / 2009. Tema: "A Presença de Árvores nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa: paisagens, mitos, símbolos, religiosidades."
- CAMPOS, RUI C. Além dos números há uma pessoa: sobre a utilização clínica de testes. **Avaliação Psicológica**. 12(3), 291-298. 2013.
- CANDIDO, MARIA CRISTINA DE LIMA. As artes visuais e o meio ambiente no ensino básico: da teoria à prática. Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, Universidade de Brasília. 2011.
- CAVALIERE, A.M.V. Educação Integral: uma nova identidade para a Escola Brasileira. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.
- CHEVALIER, JEAN; GHEERBRANT, ALAIN. Dicionário de Símbolos. RJ: José Olympio, 1998.
- CONFUCIO. Os Analectos. Ed. Martins Fontes, São Paulo, .292 p.
- COSTA PINTO, A. B. Potência de Agir e Educação Ambiental: aproximações a partir de uma análise da experiência do Coletivo Educador Ambiental de Campinas (COEDUCA) SP/Brasil. Tese de Doutorado apresentada à USP e à UFLUL. São Paulo, 2012.
- CRICHYNO, JORGE. A árvore urbana como símbolo poético da memória social em bairros históricos de Niterói. **Revista Geograficidade**. V3, n1, Verão 2013. Pg 59-65.
- CRUZ, AFONSO. **O livro do ano**. Carnaxide: Alfaguara. 2013.
- CRUZ, V. **Raízes**: árvores na paisagem do Estado de São Paulo; ensaio Ignácio de Loyola Brandão. [São Paulo]: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. 156 p.

DEBBIO, MARCELO DAL. **O Grande Computador Celeste.** http://www.raph.com.br/tpr/livros/OGrandeComputadorCeleste_MarceloDelDebbio.pdf Acessado em 12 de Agosto de 2019.

_____. **Kabbalah Hermética.** Editora Daemon, 2016.

DREHER, AMANDA. Meditar transforma : um guia definitivo para acalmar a sua mente e equilibrar as suas emoções com 8 minutos diários. Nova Petrópolis : Luz da Serra, 2016.

DE LUCA, A. Q. et. al. O Conceito de Comunidade na Educação Ambiental. **Anais do V Encontro Nacional das Anppas**, 4-7 outubro de 2010.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas** de Pesquisa em Comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 380 p.

DUVOISIN, I. A. A Necessidade de uma visão sistêmica para a educação ambiental: conflitos entre o velho e o novo paradigmas. In: Aloísio Ruscheinsky. (Org.). Educação Ambiental: abordagens múltiplas. 1 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2002, v. 01, p. 91-104.

ERALLDO, DOUGLAS. **10 das mais fantásticas árvores da literatura.** Disponível em: <http://www.listasliterarias.com/2012/07/10-das-mais-fantasticas-arvores-da.html> Acessado em 01/11/2019.

ESPINOSA, BARUCH. Spinoza. **Ética.** 2a edição. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **Ética,** Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2009.

FERREIRA, AGRIPINA ENCARNACIÓN ALVAREZ. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos.** Editora da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013. 225 p.

FANTASY FACTION. **Trees In Fantasy – Part One: Trees as Symbols.** Disponível em: <http://fantasy-faction.com/2017/trees-in-fantasy-part-1-trees-as-symbols> Acessado em 01/11/2019.

FRANCISCO. **Laudato sí:** sobre o cuidado da nossa casa comum. Documentos do Magistério. Paulus: São Paulo, 2015.

FRANCO, DANIEL PIMENTEL DE MELLO. Estudos Metafísicos - o zen budismo como fonte e discussão filosófica. **Monografia apresentada para conclusão do curso de Filosofia.** Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2012.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Revista Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.31, n.3, p.483-502, 2005.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- _____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo, Ed UNESP, 2001.
- GAUTHIER, J. Z. **Sociopoética: encontro entre artes, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Ed. Anna Nery/UFRJ. 1999.
- GOMES, EUNICE SIMÕES LINS & SILVA, IÊDA DE OLIVEIRA CAMINHA. Simbologia da Árvore: uma análise das imagens míticas. In.: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap. Religiosidades Populares, Diálogos e Interpretações**. Universidade Católica de Pernambuco. v1 n1. 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs//index.php/theo/article/view/4/56>. Acessado em 25/06/2016.
- GORSKY, LETICIA DE SOUZA. Raízes: contemplação e memória no desenho. **Monografia de Conclusão de Curso em Artes Visuais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2015.
- GRÜN, M. Ética e educação ambiental: a conexão necessária. In: Em busca da dimensão ética da educação ambiental. Campinas : Papirus, p. 36-58. 1996.
- GUIMARÃES, M. Educação ambiental pra quê? In: **A dimensão ambiental na educação**. Campinas : Papirus, p. 29-48. 1995.
- GUIMARÃES, M. Intervenção Educacional: Do “de grão em grão a galinha enche o papo” ao “tudo junto ao mesmo tempo agora”, In.: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores**. / Luiz Antonio Ferraro Junior, organizador. Secretaria do Meio Ambiente. Brasília, 191-199. 2005.
- GUIMARÃES, M. Intervenção Educacional: Do “de grão em grão a galinha enche o papo” ao “tudo junto ao mesmo tempo agora”, In.: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores**. / Luiz Antonio Ferraro Junior, organizador. Secretaria do Meio Ambiente. Brasília, 191-199. 2005.
- GULART, R.; RÖHR, F. "Estudo Filosófico Sobre os Mestres da Humanidade: Sócrates, Buda, Confúcio e Jesus na Perspectiva da Filosofia de Karl Jaspers e suas Implicações para a Formação Humana." In.: http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/estudo.pdf. Acessado em: 09/08/2013.
- GULART, R.; RÖHR, F. "Estudo Filosófico Sobre os Mestres da Humanidade: Sócrates, Buda, Confúcio e Jesus na Perspectiva da Filosofia de Karl Jaspers e suas Implicações para a Formação Humana."

In.: http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/estudo.pdf.
Acessado em: 09/08/2013.

HAGUETTE, T.M. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 224p.

HARGREAVES, MANUELA. Do Imaterial Na Arte. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13737.pdf> Acessado em 02/11/2019.

HO YEH CHIA Antropologia Filosófica e Fundamentos de Educação nos Analectos de Confúcio – subsídios para um estudo comparativo intercultural. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da USP. 1999.

_____. Educação e Memória em Confúcio. Editora Mandruvá. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur/chia.htm>. Acessado em 10-08-2013 A.

_____. Ren e Educação: a plenitude do ser humano – o livro IV dos Analectos de Confúcio. Revista Notandum 33. CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto. set-dez 2013 B.

HO YEH CHIA; FISCHMANN, Roseli. O resgate do coração perdido: virtude e justiça na Educação Menciana. 2006. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

HORSHUTZ, RENATA WHITAKER. Psicologia Sandplay. Disponível em: <http://www.psicologiasandplay.com.br/psicologia-psicoterapia/> Acessado 30/10/19.

IRELAND, TIMOTHY DENIS. EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA: APRENDENDO A VIVER Melhor. JOURNAL OF EDUCATION, v. 7, n. 02, p. 48-64, 2019.

JACOBI, P. Educação Ambiental: Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n 118, p 189-215. 2003.

JASPERS, K. **Os mestres da humanidade**. Coimbra: Almedina, 2003. 165 p.

KRISHNAMURTI, J. A Educação e o Significado da Vida. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.

KRÜGER, ANA. Sociedade, natureza e comportamento humano, perspectivas a partir da educação ambiental e do ecoturismo. *Gaia Scientia*, 1(2): 163-168. 2007.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEXICON, HERDER. **Dicionário de símbolos**. Editora Cultrix, 1998. 214 pg.

LIMA, TIAGO JESSÉ SOUZA. Modelos de Valores de Schwartz e Gouveia: comparando conteúdo, estrutura e poder preditivo. **Dissertação de Mestrado em Psicologia**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

LOUÇADA, SONIA CRISTINA S. Sou uma árvore para dois de mim. O livro e a leitura no 1º ciclo. Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich. Lisboa. 2013.

- LOUSADA, LEO & LANARO, BRUNO. **A Árvore da Vida**. In.: Conhecimentos da Humanidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ipAvcuS9w0Q> . Acessado em 15 de Maio de 2019.
- LUZ, NARCIMÁRIA CORREIA DO PATROCÍNIO. No tempo em que os seres humanos conversavam com as árvores. **Revista Trevo**. v.1, n.2, 2011. Disponível em <http://seer.ucp.br/seer/index.php/trevo/article/download/86/75> Acessado em 15/10/2016.
- MACHADO, NILSON JOSÉ. **Educação: Projetos e Valores**. Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 1999 - 155 páginas. (pg25)
- MACHADO, NILSON JOSÉ. **Educação: Projetos e Valores**. Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 1999 - 155 páginas. (pg25)
- MANOLU, VALENTINA-MARIANA; DÜZGÜNES, ERTAN; AZZEDINE, MADANI; MANOLU, VASILE-SORIN. **A qualitative exploration of the Holy Quran's environmental teachings**. Proceedings of SOCIOINT 2016 3rd International Conference on Education, Social Sciences and Humanities. Istanbul, Turkey. 23-25 May, 2016.
- MARIN, ANDRÉIA APARECIDA & OLIVEIRA, LUIZ CLÁUDIO BATISTA. A experiência estética em Dufrenne e Quintás e a percepção de Natureza: para uma educação ambiental com bases Fenomenológicas. **Rev. eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**. ISSN 1517-1256, Volume 15, julho a dezembro de 2005.
- MARIN, ANDRÉIA APARECIDA. A natureza e o outro: ética da compaixão e educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.2, n.2, p. 11-27, 2007.
- MARTINS, ALCIONE PEREIRA. Avaliação de metodologias de sensibilização ambiental como instrumento para a formação de multiplicadores ambientais no parque nacional de Brasília. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Faculdade de Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais. 2013.
- MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001. P. 9-29.
- MONICO, ILZA MARIA. **Árvores e arborização urbana na cidade de Piracicaba/SP: um olhar sobre a questão à luz da Educação Ambiental**. Dissertação de Mestrado. ESALQ/USP. Piracicaba, 2001.
- MONTESORI, M. A Educação e a Paz. Tradução Sonia Maria Alvarenga Braga. Campinas – Papyrus, 2004.

- MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha EK. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, v. 10, n. 1, 2007.
- MORIN, EDGAR. **A cabeça bem-feita**: Repensar a reforma, reformar o pensamento; Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. - 9. ed. - São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2004.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. - 2. ed. - São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.
- MOURA, MAGALI DOS SANTOS. A Poiesis Orgânica de Goethe. **Tese de Doutorado em Letras** - USP, FFLCH. São Paulo, 2006.
- NATUREZA ORIGINAL. **A Árvore e as Virtudes**. Uma Intervenção de Educação Ambiental Online. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tn_IEic4eOU Acessado em: 17/11/2019.
- NEPOMUCENO, T.C. Educação Ambiental & Espiritualidade Laica – horizontes de um diálogo iniciático. Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor. São Paulo, 2015.
- NAESS, Arne. **Ecologia profunda: um novo paradigma**. In.: CAPRA, F.(1997). A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo, SP: Cultrix-Amana-Key, 1997.
- NOBREGA, JEFFERSON. **As Árvores na Literatura Fantástica**. Disponível em: <http://dev.webfacetedecnologia.com.br/ka/livros/as-arvores-na-literatura-fantastica/> Acessado em 01/11/2019.
- OCA - Laboratório de Educação e Política Ambiental - ESALQ-USP. O "Método Oca" de Educação Ambiental: fundamentos e estrutura incremental. **Ambiente & Educação** - Revista de Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Vol. 21, n. 1, 2016.
- PACHECO, J. A Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal. In.: Alves, R. A Escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas, Papirus, 2001.
- POLICARPO JUNIOR, J. In.: RÖHR, F (org.) Educação e Espiritualidade. In.: RÖHR, F (org.) Diálogos em Educação e Espiritualidade. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- PRITCHARD, IVOR A. **Good Education - The Virtues of Learning**. NORWALK, CT: JUDD, 1998. 256 páginas.
- PUIG, J. M. Éticas e Valores: Métodos para um Ensino Transversal. São Paulo. Ed Casa do Psicólogo, 1998.

- REISLER, LEO. **A Saga da Sabedoria**. Clube de Autores, 2012, 86 pg.
- RIBEIRO, CLAUDETE. Arte e Resistência: Vincent Willem Van Gogh. **Tese de Livre Docência Instituto de Artes da UNESP**. São Paulo: 2000.
- ROCHA, MARISA LOPES e AGUIAR, KATIA FARIA DE. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2003, 23 (4), 64-73.
- RÖHR, FERDINAND. Educação e espiritualidade na universidade: reflexões e experiências. In.: INCONTRI, D. E FOELKER, R. (org.) Anais do II Congresso Internacional de Educação e Espiritualidade, 2014.
- _____. Ética e subjetividade na Educação. In.: RÖHR, F (org.) Diálogos em Educação e Espiritualidade. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- RUBIN, S.R.F. **A imagem como uma possibilidade de sensibilização do homem**: um olhar da história da educação. Programa de Pós-Graduação em Educação – DFE – UEM, Maringá, PR. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Historia_da_Educacao/Trabalho/07_18_10_A_IMAGEM_COMO_UMA_POSSIBILIDADE_DE_SENSIBILIZACAO_DO_HOMEM_UM_OLHAR_DA_HISTORIA_DA_EDUCACAO.PDF Acessado em: 20/05/2016.
- RUGGERI, MARIA CAROLINA DUPRAT. O artista e a paisagem: Claude Monet, uma correspondência entre a natureza e a natureza do artista. **MODOS revista de história da arte**. Vol 3, num 2, p. 73 - 93. 2019.
- RUIZ, JULIANA; SCHWARTZ, GISELE MARIA. O jogo e a arte como estratégias para a educação ambiental no contexto escolar. Maringá, v. 13, n. 2 p. 127-132, 2. sem. 2002.
- RUSCHEINSKY, A. (Org.). A necessidade de uma visão sistêmica para a educação ambiental : conflitos entre o velho e o novo paradigmas. In: **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre, Artmed, p. 91-126. 2002.
- SANTOS, ALBERTO RODRIGUES. **Aos Pés de uma árvore lavei meus olhos para enxergar o mistério** – Experiência na Educação Infantil. Dissertação de Mestrado em Artes, Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, São Paulo, 2016.
- SATO, M. **Tramas coloridas, malhas poéticas e redes ambientais**. In.: MATO GROSSO, Projeto de Educação Ambiental – PrEA. Secretaria de Estado de Educação – SEDUC, 2004.
- _____. Em busca de sociedades sustentáveis. **Pátio: Revista Pedagógica: Educação para o Desenvolvimento Sustentável**, Porto Alegre, ano 12, p. 55-59, maio/jul. 2008.
- SCÁRDUA, ANGELITA VIANA CORRÊA. **A Árvore como Símbolo e a Dimensão Vertical da Existência**. Disponível em:

<https://psiqueobjetiva.wordpress.com/2010/05/27/a-arvore-como-simbolo-e-a-dimensao-vertical-da-existencia/> Acessado em 20/10/2019.

SCHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e representação. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SILVA, ROSANA GONÇALVES. **O papel da sensibilidade e das linguagens poéticas nos processos formativos em educação ambiental**: uma ciranda multicolor. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. 2008.

SILVA, T.B.; SANTOS, A.M.; ANGELIS, D.F. A música como recurso para o ensino de Educação Ambiental. **Ver. Cienc. Ext.** v 7, n 3, p 31, 2011.

SILVEIRA, EDUARDO. A ARTE DO ENCONTRO: A EDUCAÇÃO ESTÉTICA AMBIENTAL ATUANDO COM O TEATRO DO OPRIMIDO. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.25 | n.03 | p.369-394 | dez. 2009.

SIM, SOON HOCK; MENDOZA, INTY. **Esforço**: As Sete Riquezas do Homens Santo vol 2. Ed Axis Mundi 2001.

SORRENTINO, MARCOS. **20 anos de Tblisi e cinco da Rio 92**: Educação Ambiental no Brasil – Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Disponível em:<http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/print.php?conteudo=78> Acessado em 17/11/2016.

_____. Educação Ambiental e Políticas Públicas. In.: **Encontro Pan-Americano de Educação Ambiental** (palestra de abertura). 2005.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P; FERRARO JUNIOR, L. A. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

SOUZA, ROOSEVELT FIDELES DE. **Uma experiência em Educação Ambiental**: formação de valores socioambientais. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2003.

TAVARES, CLAUDIA MORAES SILVEIRA; BRANDÃO, CLAUDIA MARIZA MATTOS; SCHMIDT, ELISABETH BRANDÃO. Estética e Educação Ambiental no Paradigma da complexidade. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 4, N. 1 – PP. 177-193, 2009.

TEASSRG - Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, Disponível em http://tratadoeducacaoambiental.net/Jornada/Home_pt.html . Acesso em 15 de novembro de 2016.

TEASSRG - Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, Disponível em: http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/Tratado_Educacao_Ambiental.pdf .Acesso em 15 de junho de 2019.

- TORRES, CARLOS ALBERTO (Org.). **Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI**. Disponível em: <https://ialamesoamerica.files.wordpress.com/2014/12/libro-paulo-freire-y-la-educac3a3c2b3n-latinoamericana-en-el-siglo-xxi.pdf> Acessado em 17/11/2016.
- TOZONI-REIS, M. F. C. Pesquisa-ação. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org) **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**, Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p.269-276.
- TRANSITIONNNETWORK. **Guia Essencial para a Transição** . Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1StKpEYZRFkeLV4JEeja80Py2bkdKXOZs?usp=sharing> Acessado em: 12 de Agosto de 2019.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TROVARELLI, RACHEL. A transição para sociedades sustentáveis: uma abordagem a partir de comunidades escolares. **Dissertação de Mestrado em Ciências**. Universidade de São Paulo, 2016.
- UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1991.
- VIEIRA, JOSÉ NEIVA. **O culto da árvore e a primeira república**. Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas de Portugal, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/memoflo/resource/doc/cult-arv.pdf> Acessado em 21/10/2016.
- VIEZZER, M. Pesquisa-ação-participante. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org) **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**, Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.
- VYGOTSKY, LEV S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, 1991.
- _____. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- WANE, N. Espiritualidade: um instrumento pedagógico para ensino e aprendizagem na universidade. In.: INCONTRI, D. E FOELKER, R. (org.) **Anais do II Congresso Internacional de Educação e Espiritualidade**, 2014.
- ZANQUETTA, J; PAIVA, G; SIM, S. H. O Grande Aprendizado – A contribuição da filosofia milenar de Confúcio para a Educação. In.: INCONTRI, D. E FOELKER, R. (org.) **Anais do II Congresso Internacional de Educação e Espiritualidade**, 2014.
- ZHONG YONG - Chinese Text Project .O CAMINHO DO MEIO. Disponível em: <https://ctext.org/liji/zhong-yong/ens> Tradução para o inglês por James Legge.

APENDICES

PROTOCOLO DE ACOMPANHAMENTO:

QUESTIONÁRIO INICIAL

NOME: _____

EMAIL: _____

1- O que é Natureza pra você?

2- O que é qualidade de vida pra você?

3- Quanto do seu tempo você dedica para seu aprimoramento em termos de conhecimentos?

4- O que te faz Feliz?

5- O que te impede de ser mais Feliz?

6- Quanto do seu tempo você dedica para as coisas e pessoas que te fazem feliz?

7- O que deveria ser feito para construir um mundo melhor na prática?

8- Você realiza algo pela sua comunidade? O quê?

9- Quanto do seu tempo você dedica para realizar algo que beneficie a sua sociedade?

QUESTIONÁRIO FINAL

NOME: _____

EMAIL: _____

1- A atividade de hoje contribuiu para que você compreenda melhor algum(ns) ponto(s)?
Quais?

2- Qual o sentimento que a atividade de hoje despertou em você?

3- Você pretende alterar alguma atitude a partir da atividade de hoje? O quê?

QUESTIONÁRIO PÓS EVENTO (enviado por e-mail 1 ano após as oficinas)

Valores para Sociedades Sustentáveis

Esse questionário faz parte da minha pesquisa de Doutorado em Ecologia Aplicada pela USP para traçar um diagnóstico dos Valores necessários na construção de Sociedades Sustentáveis e a relação desses Valores com a imagem da Árvore e com intervenções de educação ambiental.

Agradeço muito a colaboração.

Abraços,

Giovanna Alves de Paiva Zanquetta.

Idade e Formação

Por gentileza, informe sua faixa etária

- Menos de 18 anos
- De 19 a 30 anos
- De 31 a 40 anos
- Mais de 40 anos

Qual a sua formação escolar?

Quais são as suas recordações do nosso evento "Diálogos da Natureza"? Você acha que surtiu algum impacto em você? Se sim, em que sentido?

Educação pela Paz

Para que possamos viver em um mundo de Paz, o que você acredita que precisamos aprender?

A Árvore

O que você pensa e sente quando observa a imagem de uma árvore?

Há alguma árvore em sua casa ou em frente a ela?

Se sim, você sabe o nome dela?

Qual o sentimento que essa árvore lhe evoca?

Você se lembra de alguma árvore importante na história da sua vida? Se sim, conte o porquê.

Intervenções de Educação Ambiental

Você participou de atividades de educação ambiental na escola ou na comunidade?

- Na escola
- Na comunidade
- Na escola e na comunidade
- Não participei de atividades de educação ambiental

Se participou, quais as lembranças que você guarda dessas atividades?

Áreas Verdes

Na sua infância, você frequentava áreas verdes como praças e parques?

- Sim
- Não

Quais são as suas recordações desses momentos?

Nos dias de hoje, você costuma frequentar áreas verdes como praças e parques?

- Sim
- Não

Quais os sentimentos que estes ambientes provocam em você?

Respostas para o Questionário A Árvore e as Virtudes através do Google Forms disponível em <https://forms.gle/YvMTAFyyRLLeV6FG6> neste momento com 112 respostas (17 de Novembro de 2019) que pautou o encontro da Oficina Online.

1) Para que possamos viver em um mundo de Paz, o que você acredita que precisamos aprender?

Respeitar a natureza, diminuindo consumo - conscientizar o consumo do básico para uma vida saudável.

Consciência

Empatia

Que temos a mesma centelha divina em nós. Portanto, o outro sou eu e vice versa

Amor

Aprender o convívio com as diferenças, em harmonia e respeito.

Respeito e equilíbrio ao Ser humano, a natureza, aos animais enfim, ao planeta.

A amar uns aos outros ou seja amor no coração.

Respeitar mais a natureza, os animais.

autoconhecimento - aprender a lidar com as próprias emoções - aprender primeiro a sentir paz, a viver em estado de paz. A paz interna levará a paz externa.

Aprender a nos relacionar com todas formas de vida do universo seja animal, vegetal, mineral e o ser humano...para um equilíbrio.

Ter mais compaixão com o próximo, mais amor e fé.

Primeiro o respeito. O respeito a todas as coisas, a todos e a si mesmo. Aprender a paciência, a gratidão e a humildade que nos permitirá reconhecer as próprias falhas.

Valorizar a natureza e preservá-la. Pois tudo é presente do nosso Criador!

Acredito que a paz deve vir de dentro pra fora. Então precisamos aprender a ter paz internamente, com nós mesmos, com nosso passado, com nossas escolhas e com quem somos.

Amar e respeitar uns aos outros

A respeitar o próximo e a natureza

A amar as pessoas e a natureza

Quem somos nós.

Precisamos aprender a manifestar nossa natureza original

Viveremos em um mundo de paz quando aprendermos a olhar outro como um reflexo de nós mesmos. Quando aprendermos a nos responsabilizarmos por nossas próprias ações, e enxergar as implicações de tudo aquilo que fazemos no mundo à nossa volta.

Respeito.

A ter uma relação mais empática com todos os seres

Creio que devemos olhar para dentro de nós sem o medo de ver que somos mais parecidos com aquilo que reprovamos em todos do que imaginávamos. Respeitar profundamente todas as verdades as nossas e as alheias. Por que cada um tem a verdade correspondente ao seu tempo de discernimento e aceitação. Saber que todos a nossa volta são instrumentos de evolução e não cabe a eles nos dizer como e quando E até quando , mas sim a nós em nossa responsabilidade e pró atividade de seguir o caminho no fluxo em aceitação e desapego em recebê-los como parceiros de nossos propósitos até o momento que assim for cabível na mudança de frequência de cada um. Por que nossa evolução é nossa responsabilidade e cabe a nós a decisão de evoluir ou não. Debelar nossos egos e vaidades E entender que servimos a importância de um todo E não que ele existe para servir a nossa importância sem termos nenhuma conexão com ele. Que só existe o presente e se ele estiver errado tudo mais estará , porque o passado

e o futuro foi ou então será este presente. E, certo ou errado, fazemos parte disto e cabe a nós a vontade e decisão de escolher qual deles queremos ser.

O nosso Eu superior e as virtudes natas que possuímos

Se colocar no lugar do outro

Valores.

Aprender a ver e a sentir a terra, o ar, a água e o fogo como elementos vivos que nos dão tudo para a nossa sobrevivência e reverenciarmos essa existência na sua sacralidade. Assim, mantermos a serenidade e a consonância com o ritmo da natureza vivenciando a Presença do Plano por meio do Filho Unigênito, a Presença do Mistério dentro de nós.

Compaixão, fraternidade universal, amor a todas as criaturas

Amar o próximo como a ti mesmo e respeitar a natureza.

Primeiramente na Cultura de Paz aprendi em um curso de extensão que realizei pela USP que o lema é: Eu seguro a sua mão, vc segura a minha, isto significa, que devemos ter empatia uns pelos outros, que precisamos das pessoas assim como elas precisam de nós. Isso não são somente palavras, isso são atitudes verdadeiras, se pensarmos desde o nascer até o morrer, vemos que somos dependentes uns dos outros.

Ser Um com tudo que existe, entender que estamos interligados nesse plano

Sermos empáticos

respeito

A entender o que de fato é bom para o ser humano, a fauna e a flora, desejar o bem para si e para o próximo (o mundo)... e trabalhar para esse fim com dedicação. Resumindo: aprender o que de fato faz bem para si 'sem' fazer mal ao próximo, o que implica em entender a interconexão total entre os seres vivos, que somos todos e tudo. Por aí... sou péssima para resumir.

Primeiramente respeitar e cumprir as leis, as normas, as regras e princípios. Ser consciente que o seu livre arbítrio acaba quando se inicia o do outro....há que se respeitar os limites, a fauna e a flora, as diferenças. Para que haja harmonia entre os seres de toda e qualquer espécie, primeiro cada um tem que harmonizar e conhecer a si mesmo. A educação tem que ser em valores humanos, haver moral e civismo não só decorar fatos e acontecimentos.

Abrir mão do egoísmo

Respeitar uns aos outros

Amar ao próximo

Respeitar e amar ao próximo como a si mesmo

A sermos altruístas e praticar os verdadeiros Princípios Cristãos. Bondade e Ajuda Verdadeira.

O caminho do Conheça- te

Sobre a consciência

Ter amor ao próximo

Acredito que somos seres em construção estamos sempre em busca de conhecimento.

Tudo sobre a dignidade do Ser Humano dotado de seus 4 corpos corpo espiritual, mental, emocional e física. Como ser social aprender as regras de uma boa convivência baseado na ética e nos valores que significam a Família primeiro núcleo da formação do ser.

Um conjunto de princípios

Auto conhecimento

Respeito ao próximo.

A respeitar as diferenças, a sermos gentis, termos compaixão.

empatia.. estar no lugar do outro é importante para melhorarmos a si mesmos

Ser mais solidários

Respeito a tudo e a todos.

Respeitar o outro e a natureza

Que a paz começa por mim

Aprender a respeitar o "outro".

Respeitar outro ser humano como se fosse nós.

Respeito e autoconhecimento

A respeitar os direitos e os valores de um modo geral

Respeitar tudo. A natureza, os animais, as plantas, a terra, tudo! Assim estaremos respeitando Deus e todos os seres.

A respeitar o próximo

Precisamos aprender a olhar para dentro de nós e o podemos fazer para contribuir de onde estamos agora, com o que a gente tem hoje. Uma pessoa que trata bem a sua família, principalmente educa bem os filhos, está contribuindo para a Paz bem mais que alguém ativistas brigando e exigindo paz, na minha humildade opinião. Uma das minhas frases favoritas é aquela do Gandhi, "Be the change you wish to see in the world", ou "Seja a mudança que você quer ver no mundo". Pra mim é isso, ele disse tudo! Assim como também aquela música do Jota Quest "Daqui só se leva o Amor". Amo!

Precisamos aprender a ter uma comunicação mais aberta, falar tudo o que sentimos, nós expressar melhor através da fala, com bastante respeito tanto que quem fala, como de quem escuta.

Respeitar o próximo

Respeitar a natureza

Amor a natureza

Compreender a si mesmo e ao próximo

Precisamos de uma educação consciente nas escolas, para mostrar a importância dos ecossistemas, ensinar o respeito pela vida, despertar valores como ética, cidadania, responsabilidade social, amor pelo planeta etc.

Respeito às diferenças

Respeitar

Amor pelo próximo

Empatia, em relação a nós mesmos e ao próximo e a tudo que se relaciona a vida.

Respeito! Valor que se aprimora na apropriação de si, levando-nos à consciência de que o outro, animado ou, ainda, inanimado, tem as mesmas necessidades, cada um na sua proporção, que se soma(*) ao todo, e os mesmos deveres e direitos. Tudo se resume na Simplicidade e na Harmonia.

Respeitar as escolhas de cada um.

Respeitar o outro

A respeitar e sacralizar o feminino, no qual se inclui a natureza

Precisamos nos aproximar do divino, do amor universal, amor por nós mesmos e pelo próximo e tudo que tem vida.

Parar de ver nos outros a causa dos nossos problemas.

Amor e Respeito

Aprender a ser verdadeiros conosco, não há paz possível só para mim, ainda que o indivíduo permaneça em estado de equilíbrio, a paz é sempre uma construção, coletividade. Então, estar em paz pressupõe comprometimento com o outro, em cadeia. Num mundo desigual, injusto, a paz se faz necessária no combate a injustiça e desigualdade.

Praticar sustentabilidade no cotidiano em atitudes por ex.separando o lixo e entregando-os às mãos dos seletores de material reciclável, significando o seu trabalho e nossa relação com o meio ambiente.

Aprender a tolerância , amorosidade e empatia. Confiar e acreditar no potencial do outro

Que somos Um

Auto consciência

A respeitar o próximo

A ter empatia pelos outros e compaixão por nós mesmos e pelos outros, assim nos reconhecemos na condição de humanos que estamos e, portanto, somos imperfeitos e erramos, mas estamos todos em processo de evolução e isso leva tempo, cada um no seu momento, com suas experiências.

Devemos aprender a comunicação não violenta e valores como ter mais compaixão reciprocidade etc

A amar o próximo

A nos respeitarmos

Precisamos aprender o amor próprio.

Acima de tudo o respeito a si e ao próximo, compreensão, tolerância.

A respeitar todos os seres

Respeito mútuo

Muitas coisas, mas a EMPATIA é muito importante na construção da PAZ, pois saímos do julgamento e transitamos em direção ao respeito ao próximo.

Melhorar a convivência com todos os seres independente da espécie.

Amar

A julgar menos

A viver em paz !!!! □ Simplesmente o óbvio.....

A ouvir e respeitar. Ouvir nossas mensagens interiores, as do outro e a respeitar a diversidade existente ali. Depois precisamos aprender a lidar bem com toda essa riqueza.

Aumentar consciência

Sermos pacíficos

2) O que você pensa e sente quando observa a imagem de uma árvore?

Paz

Vida

Beleza da natureza e a paz que ela nos traz.

Alegria

A conexão do Todo. Terra e céu. Conexões sinápticas

Eu sou encantada por árvores. Penso na persistência dela, no tempo que levou para se tornar o que se tornou, penso na grandiosidade dela, qdo as raízes destroem a calçada acho lindo a força dela. Sinto muita alegria em ver árvores, aprecio demais.

Adoro a sua sombra, a energia. Já abracei muitas vezes algumas árvores. Sempre aprecio sua beleza quando estou na estrada.

Vida e paz

Maravilhoso. Dá uma sensação de plenitude, de proteção, paz.

Penso que ali existe vida e sinto sua grandiosidade.

Que a natureza é maravilhosa e abundante.

Desde criança sempre gostei muito das árvores. Na adolescência, sentia muito profundamente que as árvores nos observavam. Quando vejo uma árvore hoje, sei que é um ser vivo que interage e reage com o todo.

Sua firça, quantas tempestades deve ter enfrentado para estar frondosa e linda .

Observo sua beleza sinto quanto ela é necessária.

Emoção profunda. A árvore é um ser de tanta força e ao mesmo tempo tão delicada.

A beleza da criação de Deus e sua importância para a humanidade e todos os seres vivos.
 Sombra para descanso Fruto para alimentação
 Penso na sua magnitude e interação com a natureza diante das estações e sinto a grandeza de sua memória silenciosa.
 Paz e alegria
 Grandiosidade, benevolência, segurança
 Penso no tempo que ela está aqui, em tudo o que ela já viu... Sinto gratidão por desfrutar da presença dela.
 Paz, tranquilidade.
 Alegria e uma sensação de conexão
 Penso que precisávamos viver com mais simplicidade para que não precisássemos Sting-las e tudo que significam e protegem. Sinto tristeza e impotência de ver que a relação que nossos antepassados tinham com as árvores são relegadas por nós. Mas sinto muita alegria de me lembrar que passei a infância rodeado por elas, refrescado por sua sombra e usando-as como brinquedos de escalar como todo menino gosta de fazer. E, que se nós nos extingo irmos por dar fim a elas, elas voltaram a aparecer. Porque a nossa existência é só um sopro na vida geológica E ecológica deste lindo planeta.
 Ancestralidade, raízes, vida
 Longevidade
 Força, segurança, ligação com a mãe terra.
 Eu a reverencio e a respeito como um Ser vivo que nos dá o oxigênio, a beleza na sua forma e função no sistema da natureza.
 Segurança, respeito, admiração, gratidão
 Segurança e paz
 Como educadora que sou quando vejo uma árvore, penso no processo de purificação do ar para nós seres humanos.
 Força /sabedoria
 Penso e sinto que a Natureza é Perfeita
 vida
 Bom, agora, pensando sobre isso, percebo que penso algo como “estou em casa”. Tenho sempre a sensação de vida, segurança e aconchego. Talvez associe ao colo materno...
 Das grandes as miudas elas são a manifestação Divina da criação, seja só com folhas ou com flores e frutos. Dão sombra, purificam o ar que respiramos, dão abrigo e alimento aos pássaros, e as abelhas....sem elas não há vida.... vira tudo deserto....
 Eu sempre gostei de árvores, frutíferas ou não. Adorava desenhá-las. Sinto uma alegria qdo percebo o seu crescimento, a sombra que ela nos dá, e aos pássaros tb.
 Na perfeição de Deus
 Família
 Gratidão a Deus, contemplação da beleza e o que ela nos ensina
 A perfeição da Natureza
 Paz, alegria, força, Amos
 Beleza - Encantamento -
 Me sinto muito alegre e plena pois somos todos um.
 Depende do seu tamanho, da sua vitalidade, de seu formato, da espécie da árvore, elas transmitem como vai a vida do lugar. Moro na Amazonia em contato direto com todas as espécies de árvores Belem, cidade das mangueiras e a cidade mais arborizada e oxigenada linda de se ver as ruas sob túneis de mangueiras. Todas as manhãs acordamos com belas cantos de pássaros de todos os matizes. Árvores transmitem vida, e a presença de Deus nosso criador
 Penso em tudo que ela nos proporciona

Eu amo, sinto a grandeza de Deus.
 Energia e tranquilidade.
 Sinto uma sensação de completude.
 gratidão a Deus e aos antepassados
 Penso na importância pra nossa vida, para o ecossistema
 Penso na beleza que meus olhos vêem e sinto uma alegria muito grande.
 Vida, Grandeza, Paz
 Ela faz parte de mim
 Tenho uma sensação de paz e tranquilidade.
 Ar que respiramos, oxigênio, alimento, sombra em dias quentes, umidade, frescor nos nossos
 dias, ser vivo evolução, altruísmo no sentido de doar sem querer nada em troca
 Perfeição
 Majestosa
 A beleza da vida
 Amo todas as árvores. Pra mim representam a vida em todos os detalhes.
 Respiro fundo e sinto gratidão.
 Tranquilidade, pazz
 Paz, amor. Conexão com o divino.
 Sombra, frescor, pássaros, frutos, ar mais limpo, ambiente mais bonito
 Gratidão
 Ela representa a vida
 Sem ela a vida no planeta não seria possível. Cada espécie dá sustentação para uma
 necessidade do planeta. Ela é uma doadora, uma mãe. Pó ara mim ela representa Gaia.
 Abundância e plenitude
 Poder do Criador
 Força
 Abrigo, presença Divina em um ser vivo, pulsante.
 Penso na sabedoria e grandiosidade divina. Me sinto bem, vontade de abraçar, beijar, me sinto
 em paz, em casa.
 Renascimento
 Mansidão, resiliência
 Tranquilidade, segurança, confiança
 Plenitude, perfeição, gratidão
 Deus ,Vida natureza, proteção
 Sinto Paz. Penso que estou vendo a base da sustentação da vida no Planeta Terra.
 Resistência
 Vontade de respirar é o que sinto, penso nos malabaristas do sinal vermelho que no vidro
 fechado dos carros descobrem quem são.
 Confiança, acolhimento, humildade e serviço
 Sinto a perfeição do Criador e muita energia, conexão e respeito.
 Sinto paz
 Abundância e generosidade
 Sinto conexão com a natureza e que precisamos nos nutrir para nos sustentarmos e
 crescermos, assim como a árvore.
 Sinto um acolhimento uma sensação de bem estar de calma e serenidade
 Renascimento quando vejo uma árvore queimada
 Em vida
 Só consigo contemplar.
 No poder de Deus, na Beleza da vida e nos mistérios da terra em gerar a vida.
 Perfeição de Deus

Reservatório da Vida ,sabedoria ancestral

Adoro

Paz, serenidade, abundância, beleza, fluidez,.....

Segurança. Vida.

Muita força energia maravilhosa

Sinto força, estrutura, enraizamento... Me passa uma imagem de consistência, tempo...

A existência de DEUS diante de nós

vida natural... força, coragem, felicidade, paz, abundância, aceitação, poder, ciclo infinito

Abundância e paz

3) Há alguma árvore em sua casa ou em frente a ela?

Sim

Sim.

Não

Sim

Não

Sim!

Sim.

sim

Infelizmente, não!

Infelizmente não

Varias

Sim, muitas.

Sim temos várias no quintal e na frente na calçada

Sim muitas,nomes populares:.,pitangueiras,abacateiros,limoeiros,mangueiras,jasmim
manga,ipe,primaveras etc.

Tem árvores no jardim do prédio.

Próximo à minha casa.

Algumas no entorno! Moro entre 02 grandes praças!

Sim.Paz

Sim. Tem uma em frente à janela do meu apartamento no estacionamento do condomínio.

Sim.Força

Sim, muitas! Tenho sorte

Sim. Moro em frente á um parque ecológico e dentro do meu condomínio tem árvores e tbm
em frente á janela da minha sala.Dentro do meu apartamento tenho plantas tbm.

Sim , 2

Sim, moro num sítio.

Diversas... mangueira, abacateiro, jaqueira, mini-jabuticabeira(que os pássaros amam),
pitangueira, Figueira, nespera, goiabeiras, laranjeiras, limoeiros, jasmim, pingo de
Ouro, giesta, azevinho, tuia....

Por todo lado...

Sim, na calçada plantei duas e uma no jardim
 Sim, em frente à minha casa há várias árvores]

Sim.3,na calçada,uma no quintal,Duas atrás.

Sim em frente

Infelizmente em frente em casa não temos árvore.

Sim inumeras arvores de varias especies imponentes, maravilhosas, a maioria arvores frutíferas que dão excelente alimento para uma legião de insetos, de passaros, de animais e para nós . Em época de safra, a grande a feature, o chão fica cheio de frutas e só jantar para saborear. Vivemos numa região privilegiada.

Sim Tenho três árvores em frente da minha casa.

Sim, algumas.

Não

Sim! Penso

Sim , vários Ipês

Não há

Muitas.

Sim. No meu quintal tem uma amoreira, uma jabuticabeira e duas bouganvilles já com porte de árvores. Na calçada da minha casa tem 2 ipês, uma pata de vaca, e uma acácia, e a maioria dos meus vizinhos tem árvores também.

Sim na minha casa tem várias

Sim, nos dois casos.

Sim. Moro no Embu Guaçu tem muitas árvores e onde moro também tem

Várias

Existem várias no Condomínio em que moro.

Em frente

Sim, há árvores na frente das janelas da minha casa. Moro em uma região bastante arborizada.

Dentro da minha casa tem 3.

Tem sim.

No meu trabalho tem uma mangueira enorme

Tenho um pé de Acerola em meu quintal e nela mora um casal de rolinhas e ela nutre minhas orquídeas. É uma Acerola orquidário!

Sim.Segurança.

Na frente da minha casa tem três árvores nos troncos várias ervas

Sim ; dezenas !!! Moro defronte à uma praça

hoje moro na floresta, tem árvores de todos os tipos em todos os lados :-D

Já houve, hoje em dia não mais

Sim, enorme

Sim, há algumas.

Não

Não

Sim

Palmeiras

Não

Pinheiro

Mangueira

Acerola

4) Se sim, você conhece o nome dela?

Eucaliptos

Oiti

Pinheiros.

Campo da prosperidade

Cedro.

Jabuticabeira, mangueira e outras

Mangueiras, Pitangueiras, Palmeiras, Abacateiros, e outras que não são frutíferas que não sei o nome.

Ginko biloba, ipê amarelo, caqui, acerola, amoreiras, viuvinhas e carmélia

Nome científico não.

Palmeiras

Paineira]

Palmeira-Indaiá

Eu não sei o nome delas!

Manacá

Ipê

Sim, na frente do meu apartamento tenho coqueiros

Não. Mesmo no passado rodeado de tantas delas, não sabia seus nomes na maioria das vezes.

E hoje em dia as pessoas só querem saber se elas vão ou não destruir a calçada ou arrebentar afiação. E outros, por achar indesejável sua presença, sorrateiramente as envenenam até que devo ser tiradas.

Limeira.

Manacá da Serra.

Jacarandás, tipuanas, sibipiruna, araucária, fícus, paineiras, pitangueiras, ipês amarelos, abacateiro, acerola, mangueira, carambola, bananeira e outras (uma praça!)

Coqueirinho.

Árvore de Cassod

Amoreira Peregum e Hibisco

Araucária

Sei. De muitas, não de todas. Vou escolher uma: Sibipiruna.

tem uma que não sei...da umas flores roxas...

Pitangueira

Eucalipto, sapeixe, baúneira, limoeiro, janaúba...

Pitangueiras jabuticabeiras patas de vaca

Sim, ipê amarelo e a outra não sei o nome é no jardim manaca da serra

Uma delas é “chapéu do sol”, das outras não me lembro no momento.

Uva Japonesa, ipê amarelo, Jasmim manga, cerejeira, amoreira.

Arueira

Não sei

Não.

Sim da maioria principalmente das frutíferas e das ornamentais que dão frutos deliciosos e belas flores

Conheço como uva japonesa

Tenho muitas, gosto de planta-las, bem na frente de casa tem Ipê, palmeiras, uma muda de manga, entre outras

Uma delas é a mangueira.

Árvore da felicidade.

nao tem nome rs

Pinheiro e acho que uma quaresmeira.

Ipê

Ipê-rosa

um Ipê amarelo

Sim, de quase todas: Flamboiã, Ipês, Espatódea, coqueiro, palmeiras, Sibipiruna, Grevílea robusta, Carobinha, Guassatonga, Guatambu, Pereira, Laranjeira, Fruta do Conde, Abacateiro, Mangueira e algumas outras...

Já respondi ;)

Uma jabuticabeira e uma pitangueira

Não sei

Figueira

Dama da noite, pitangueira, goiabeira, manacá e pé de Kinkan.

Ficus (enorme!!!)

Plátanos

Flamboiant

A de casa é uma buganvília. A da Rua ainda não sei (mudei-me recentemente).

Goiabeira, Limoeiro, ipê, amoreira e tangerineira.

Castanheira, pitangueira, goiabeira, limoeiro, mexeriqueira

Em frente minha garagem tem um limoeiro.

Pitangueira e Abacateiro

Ficus

Há várias, mangueiras, pés de jamelão, árvores típicas do cerrado.

Samaúma

Tem um IPÊ amarelo que floresce todos os anos por volta do mês de setembro, mas as outras árvores ao redor dela eu não sei o nome.

Coqueiro, goiabeira, Limoeiro.

Não sei.

Do quintal é uma jabuticabeira, nos fundos (pracinha) tem chorão e cipreste e do direito uma árvore que se chama Sasafráz e amoreiras em frente.

Ipê, murta

Muzaenda e Resedá

1 lichia 2 oiti

Sim !!! Palmeira real ; acácias e samaumeiras ...

pouquíssimas

IPE amarelo

Era um Pinheiro

Mangueira

Goiabeira

Temos pé de limão, goiaba, acerola, bananeira e em frente a casa um pé de aroeira.

5) Qual o sentimento que essa árvore lhe evoca?

Gratidão

Beleza e paz

Paz

Gratidão

Amor

Oxigênio, vida

Sombra

Eu gosto do verde delas. Elas fazem tipo uma "proteção", para dar privacidade. Estão perto do muro e seus galhos e folhas são superiores ao muro para alcançar esse objetivo. Eu sinto paz.

Gratidão, pela sombra, pelo frescor.

Força, coragem, conforto, alívio, proteção

Proteção.

Tranquilidade.

Muita paz

Amo a natureza e as florestas em geral.

Calmaria e serenidade

Gratidão.

Força e resistência

Sentido de resistência de vida e harmonia com o meio natural em qualquer das estações do ano.

Paz e alegria

O de transformação, suas flores nascem brancas como o coração puro de uma criança e se transformam com a oxidação em rosa, violeta; como que tivesse alcançado uma elevação espiritual.

Alegria e sensação de conexão

O sentimento que tenho quando sei de sua presença é que deveria haver mais delas e que eu gostaria de enxergar para poder desfrutar da sua beleza.

Paz. Ateramento

Proteção

Força.

O sentimento de gratidão, de Amor Infinito, de contemplação em cada flor e suas cores.

Paz, tranquilidade, gratidão, comunhão com a Vida

Gosto muito desse contato com a natureza.

Amor ,plantei no nascimento dos meus 2 primeiros filhos

De Satisfação

poder

Os mesmos já descritos, acrescido de alegria, vento leve e verão

Amo todas elas... e dão um trabalhão para cuidar...

A lembrança de minha mãe que adorava Pitangas.

Beleza sombra

Creio que de respeito e gratidão

Paz e segurança.

Considero minhas filhas.

Amor

Sentimento de harmonia

Pergunta repetido. Quando Vejo um pe de arvore como Ipe vejo a sua beleza, o seu valor medicinal e sua importancia comercial, a sua imponencia, grandesa e elegancia Posso

avaliar a sua idade e o seu estado de conservacao e de consideracao que o povo dedica a ela. Se vejo uma arvore frutifera

Paz e alegria

Tranquilidade

Sentimento de aconchego.

lembrança da minha avó

De sombra, de frutos, de vida

Alegria.

Beleza, Harmonia, Paz

Conexão com a natureza

Beleza

Força e persistência

Todas me dão alegria, beleza, paz, proteção.

Paz e aconchego

Tenho um amor especial pela amoreira que fui eu que plantei, e que produz a minha fruta favorita. Cuido dela com um carinho especial, converso com ela, assim como as minhas babosas, as orquídeas e os canteirinhos de ervas.. As outras árvores já existiam quando eu vim morar aqui. Elas florem muito, e a jabuticabeira produz bastante. Acho todas lindas!

De energia vital

União

Refresca a minha casa e atrai vários bichinhos, acordo com canto de pássaros e cigarra

Gratidão por TD q ela me dá!

Ela ne transmite mt energia

Cada qual tem sua força de expressão. Todas trazem apenas positividade em sua força e expressão.

Força

Vida

Conforto, segurança, familiaridade.

Tenho sentimentos diferentes com cada uma delas. É difícil explicar, pois é uma coisa bem pessoal a minha relação com as árvores e vem desde a infância.

Sentimento de proteção

De Deus criador

Que ela precisa de mais cuidado. Os jardineiros cuidam bem de forma geral. Mas essa está meio abandonada.

Natal (nascimento)

Sentimento verde de paz, vontade de respirar e apreciar a natureza e sua grandeza em múltiplos sentidos.

Acolhimentos, alegria e equilibrio

A mangueira principalmente me conecta com a felicidade, pois subia e adorava seus cipós quando criança, além de amar seus frutos.

Não

Acolhimento

Harmonia, beleza, calma, centramento.

Alegria lembro da minha infância. Eu pegava a goiaba no pé.

Proteção

Paz.

*Jabuticabeira - acolhida; * Cipreste - presença devido ao cheiro; * amoreira- calor, leveza, segurança; * o chorão - beleza, leveza e a * árvore de Sasafráz - força, presença.

Beleza

Conexão a

Criação e cultivo.

Vida beleza sombra maravilhosa energia luz alegria porque meus gatos sobe em cima brica

Alegria

Muita paz

respeito, bem estar, gratidão

Patriotismo

Muita sombra

De Segurança

E inexplicável, porque é uma sensação de encanto de amor a vida de gratidão por vê-la ali tão perto e nos fornecendo seu fruto e toda sua beleza gratuitamente!

Proteção, ela nos protege, tenho certeza disso

Cuidado

Cuidado.

6) Você se lembra de alguma árvore importante na história da sua vida? Se sim, conte o porquê.

Sim. Uma árvore frutífera de nespera. Era no fundo da casa onde morei na minha infância. Gostava de ir colher os frutos e comer. Até hj quando como nespera lembro desta árvore na minha infância.

Sequóia. Qdo a vi num livro fiquei fascinada. De tão grande, fizeram um túnel através de seu tronco e achei que poderiam tê-la poupado disso. Sua majestosa copa já atraía olhares

Sim, na área rural do meu avô paterno, meu lugar favorito era sentar embaixo daquela enorme árvore q tinha uma sombra imensa, e ficava a pensar na vida.

No sítio que meu pai morava tinha uma árvore com o tronco deitado, ela era tipo em forma de L. A gente sentava na parte deitada dela, no maior conforto e ficava lá curtindo a sombra. Lembro muito das árvores frutíferas da casa da minha avó. O jambeiro perto da cozinha, as mangueiras, jabuticabeiras, pitangueira, o pé de carambola, nooossa era muita árvore linda e todas abundantes em frutos nas suas épocas. Elas são importantes, eu aprecio muito, o contato com elas sempre foi divertido e em paz.

Árvores frutíferas quando criança íamos ao sítio de amigos vizinhos (adorava subir , pegar as frutas, comê-las ao tirá-las, tocar na árvore)

Sim perto da casa onde morava quando criança. Era uma amoreira adorava passar alguns minutos comendo debaixo da árvore na sombra...

Uma pé de uma japonesa, um pé de figos, uma goiabeira, minha infância no quintal da minha casa. Subia na goiabeira, adoro uva japonesa, e figos.

Minha infância e vida sempre foi cercada de árvores ...me lembro mais das boas sensações do que uma história específica para contar

Sim. Minha brincadeira preferida era subir em árvores e brincar. Tinha uma árvore de anga uma fruta e era enorme, e fazia uma casa imaginária nela, e também vários pés de Laranjeiras maravilhosos para subir e brincar.

Tinha muitas árvores frutíferas que foram plantadas pelo meu pai no nosso quintal e a mangueira era uma árvore que brincávamos muito subindo a e lá de cima fazíamos muita brincadeira, inclusive fazíamos bonequinhas com o caroço da manga.

Sim, quando morei com minha avó (de consideração). No lugar, ao redor, tinham muitas Goiabeiras e eu vivia pendurado nelas. Mas, em especial, um pé de fruta do conde, onde provei pela primeira vez essa fruta dos deuses. Eu não tinha amigos e minha mãe não morava comigo, então, essas árvores me faziam companhia.

O pé de ipê amarelo...plantei qdo tinha uns 20 anos...hoje ela tem 40 anos...

Sim me lembro do limoeiro de minha avó e sempre eu colhia alguns para fazer cha quando estava gripada.

Meu avô tinha plantação de cana no quintal dele é sempre pegava e fazia garapa pra gente!! Eu amava!

Sim, de duas, uma pela sua beleza quando florescem as suas lindas flores, e a outra é uma enorme amoreira que tem o dom divino de atrair para si e doar gratuitamente os seus frutos para várias espécies de pássaros, inclusive tucanos.

Açoita cavalo na propriedade de meus avós. Onde deitavamos para descansar

Sim. Tive um sonho muito significativo com uma Pata de Vaca

Sim, uma mangueira. Porque eu e meus irmãos brincávamos em suas sombras com muita alegria e bastante risadas. Essas lembranças hoje me transportam àqueles tempos alegres e inocentes dos quais passei a minha infância e chego a sentir o aroma daquela árvore frondosa que nos abençoava com as suas sombras, de verão a verão.

Pitanga! Na minha infância tinham várias no jardim da casa de praia! A primeira coisa que fazia quando chegava lá era comer pitanga no pé!

Sim, o pé de abacate da casa da minha vó, lembro da infância, de subir nele, brincar sob a sua copa. Lembrar dela me traz de volta o sentimento de segurança e aconchego que tinha quando era criança.

O pé de Jambo na casa de uma vizinha. Adorava olhar pro alto e ver o tamanho imenso dela.

Ipê amarelo que fica na rua da casa dos meus pais. Era lindo de ver a árvore toda florida pela sacada da minha casa

Sim. Um grande coqueiro que foi plantado para marcar a divisa do lado direito do lote da casa de meus pais. Ele era estéril mas seu tamanho era descomunal. O terreno era irregular, mas ele podia ser visto a quilômetros de qualquer lugar onde tivesse campo de visão. Quando suas Palhas caíam, eram usadas por mim e toda a criançada pra fazer a festa na rua quando uns ficavam sobre elas e outras puxavam. Levantava uma poeira imensa, mas a gente se divertia a valer. Abrigava pássaros e cigarras que encantavam as tardes de verão. Suas lagartas nos encantavam com suas cores e suas crisálidas que em seguida se transformavam em belas borboletas. E isto era precioso porque a natureza vicejava a nossa volta. Teve que ser cortado para a ocupação urbana quando tivemos que construir na frente do terreno. Mas mesmo depois de morto me deu muita alegria, porque eu me sentava em suas toras e com um grande facão na mão descascava cana às vezes a tarde toda.

Não.

Árvore de ingá. Porque eu brincava nela quando pequena pegando do seu fruto.

Sim. Um pé de ameixa. Gostava de subir para comer as frutas e brincar.

O Carvalho, o Algodoeiro e a Jabuticabeira. As primeiras porque estão em um dos Livros das Lições de Ouro das Séries Alquímicas, uma coletânea dos 7 livros que fazem parte da minha criação como Compositora clássica e escritora de ficção desta obra. A Jabuticabeira porque remete a minha infância em casa do interior, no Rio de Janeiro onde convivi com meus pais e irmãos e me trás lembranças de saudades.

O Jacarandá magnífico na escola que estudei... Brincava embaixo dele e ficava maravilhada com a florada lilás abundante que ele produzia, com a delicadeza das folhas, com a força do tronco, com a beleza daquela grande árvore. Até hoje é minha árvore predileta. Infelizmente ele foi cortado, anos depois. Nem gosto de pensar nisso.

Me lembro de várias árvores, porque nasci em uma região privilegiada de muitas matas.

Eu morei por anos, mais precisamente na infância em que meu quarto ao abrir a janela se dava pra uma goiabeira, as crianças da Vila iam até lá pra pegar goiabas, eu tbm subia nela. Era muito bacana.

Um abacateiro muito grande em que subia na minha infância (sentia medo na hora de descer)
gostava de ficar lá

Sim um pé de Hibisco bem grande que eu brincava de subir e me balançar na infância
não

Uma jaqueira em cuja sombra me refugiava do sol e brincava com um quati, duas araras e
alguns outros bichinhos domésticos. Certa vez, por volta de seis anos de idade, estava
ali embaixo com a cabeça envolta em folhas de jornal esperando dar a hora para tirar o
remédio de matar piolhos (nós pegávamos piolhos com certa facilidade...) quando,
sem aviso prévio, uma enorme jaca caiu de madura em cima da mim, atingindo em
cheio minha cabeça... como não machucou (estava muito mole), foi muito engraçado...

as goiabeiras sempre foram muito generosas comigo.... em tempos difíceis colhia seus frutos
no pomar da empresa (ninguém colhia...perdia- se tudo no chão) em que
trabalhei..(Guarulhos e eu morava em SP na Vila Mariana) levava de ônibus e depois
no metrô para casa e fazia goiabada começava a noite e terminava no final de semana
e depois vendia para os colegas.... eles adoravam....

A pitangueira começou a crescer de um caroço da mesma e assim por diante, fomos juntando.
Mexeriqueiras, jaboticabeiras, jaqueiras...eram do sítio de meu Pai...ali eu brincava e
saboreava seus frutos...sdds

Sempre gostei de arvores

Não lembro

Ipê amarelo. Enfeitou e fez sombra em minha casa por muitos anos.

As da minha casa e de toda a cidade.

Por sua companhia , beleza e cura

Sim a árvore de amexeira da rua Sólon.

Vivo na Amazonia cercada de arvores de todas as especies. Todas as arvores que temos no
quintal da casa nas ruas sao importantes mas o que nos chama atencao sao as arvores
gigantescas como o ipe que chega a mais de 80 metros de altura, Ha variedades de
arvores frutiferas de todas as especies nestae regio tropical, Na Amazonia cada arvore
tem seu valor, sua importancia, sua beleza e sua utilidade, para o homem e para todo
os seres viventes, dificil individualizar e especificar cada especie tem seu valor Ha
palmeiras, arbustres, trepadeiras. Arvores carregada de orquideas facil de serem
cultivadas e apre cuadas . Arvore e vida, e alegria e beleza e oxigenio, e visita dos
passaros e das borboletas

Sim . Tenho essas três e mais uma, foi um vizinho que me deu a muda das quatro. Eu amei
quando ele as plantou no quintal dele. Então pedi para ele e ele gentilmente me cedeu
as mudas.

Um pé de manga que fica em frente a casa da minha mãe,minha família se reunia debaixo
dela , a gente colocava redes , colocava uma mesa nas festas debaixo dela , temos
algumas fotos de la desde quando.eu tinha uns 3 anos de idade.

Todas foram importantes pra minha vida, principalmente na infância.

Sim. Não me recordo o nome da árvore, mas minha avó me dava banana amassada no fim de
tarde, sentadas ao pé dessa árvore.

uma árvore de pitanga que eu subia e minha avó paterna gostava quando pegava as pitangas..
ela ficava feliz, por mais que nao tinha muito contato ficava feliz por ela

Um abacateiro, na chácara do meu avô . Ele era tão robusto que Embu avô fez uma balança
em um de seus galhos, adorava!

Sim. Cresci em uma casa com um quintal grande com muitas flores, uma pequena horta e
algumas árvores. Lembro- me bem da pitangueira, que dava frutinhas vermelhinhas e
doces, e às vezes alguns marimbondos kkkk

Duas , uma na praça em frente a casa dos meus pais. Qdo éramos pequenos brincávamos mto. Cada um tinha seu lugar. Existe até hoje é uma figueira. E outra na casa dos meus avós paternos mesmo motivo. Era uma Jaboticabeira, ah! Que jaboticaba doce. Saudades!!!

Sim, na minha adolescência eu e um grupo 15 pessoas fazíamos piquenique umas tres vez por ano debaixo de uma linda árvore, eram momentos de divertimento e de muita alegria.

Sim, na minha infância tínhamos um pé de Jamelão na porta de casa, era um ponto de encontro entre os amigos, final de tarde sentávamos a sombra da árvore.

Sim, seringueira, em uma casa onde morei na minha infância e que tinha um quintal de terra onde nos reuníamos em família e amigos em época de São João, São Pedro, época junina.

Ainda existe: uma Pau-Ferro em minha rua pela qual brigamos todos os dias para mantê-la, haja vista vizinhos pedirem seu corte por não gostarem da 'sujeira' que ela faz.

Existem muitas... mas algumas fazem parte de minha rotina diaria, pois ficam na paisagem de minha janela... sempre estou a admirando... no caso ela é um Pau Ferro

Tenho várias porém são longas, resumindo foram muito especiais

Todos os pinheiros, ciprestes, araucárias. Todos representam força, resistência e me lembram do natal o ano todo.

Sim, algumas. Quando eu era criança tinha uma mangueira no quintal e o meu padrasto fez uma casa na árvore pra mim . Pensa se tinha outro lugar que eu queria ficar... rs Em outras casas que eu morei antes tinham outras árvores frutíferas que eu subia pra comer fruta. Lembro em especial de um cajueiro um tempo que morei no nordeste, e uma goiabeira aqui em BH mesmo.

Não. Nunca tive muito contato com árvores. Hoje em dia amo plantas!

Um ipê amarelo. Me conecta a um grande amor que vivi.

Na minha infância teve um pé de ipê na casa de meu pai e nele tinha meu balanço e lá foram minhas memórias mais lindas!

Tinha pé de coiaba eu brincava mt de balaço no galho dela alen de comer as frutas

Sim. Jabuticabeira. Minha avó materna tinha muitos pés plantados. Até os 6 anos me criei junto a elas: subindo, brincando, comendo os frutos. Eram lindas!

As goiabeiras da casa de meus pais. Passávamos horas em seus galhos conversando

Sim. Pé de manga. Lembra infância.

Não

Mangueira no quintal da minha avó, são sentimentos de saudade e integração da família.

Aos 6 anos, década de 1950, subi numa enorme árvore, em Moeda-MG, próximo ao, ainda impoluto, Rio Paraopeba. Minha primeira escalada, fiquei admirando minha coragem e habilidade, escondido do olhar medroso de minha mãezinha. Um acontecimento assustador tornou-se inesquecível e fez dessa árvore um marco importante para o desenvolvimento da minha independência.

Teve algumas, pois morei em vários lugares. Quando era pequena, 5 ou 6 anos, ficava com parentes e vizinhos, uma vez que a minha mãe estava bem adoentada e ia para o hospital. Então as árvores me faziam companhia, juntamente com as flores, as borboletas e todas as plantas. Era meio mágico.

Sim. Toda vez que estava triste saía e abraçava uma árvore e me sentia melhor

Várias árvores marcaram minha existência. Me recordo especialmente de um mochilão que fiz no Chile e num camping divino que existe em Valle Elqui, me sentei com um amigo nas raízes em formato de colo de mãe de uma árvore, com os pés no riacho passamos a tarde lendo Sidartha do Herman Hesse, James, a árvore e eu.

Nasci no interior de Minas, então sempre tive uma ligação muito forte com árvores, na minha rua mesmo tinha umas 10 árvores e era uma rua pequena. Mais eu tive um afeto por uma arvore, que eu sempre ia nela quando estava mal, ou quando queria ficar sozinha,

ia pra meditar e ler no final da tarde. Porém , essa não era uma árvore enraizada, ela estava derrubada, mais pra mim ela continuava viva ali, sendo meu refúgio e dando beleza a paisagem.

Bougainville ,lembro da infância ,c país e irmãos ,saudades fompai e de3irmaos já se foram infelizmente

Sim lembro. Uma Amexeira enorme do lado de casa. Final de semana de Sol, no Domingo a familia colocava mesas embaixo dela e o almoço era uma festa, muitos amigos e parentes juntos.

Morava no interior e adorava subir nas arvores e também fazer balanços, pegar frutas.

Baobá, árvore originária de África, de onde todos nós viemos. Tive a oportunidade de ver muitas em Senegal e abraçar algumas delas. Energia milenar, já que elas podem viver por milênios.

Cajueiro, aceroleira, graveoleira dentre outras. Todas marcaram minha infância, enr-raizaram-me como eu sou por um contexto sócio-familiar em que vivíamos, pois o comercio dessas frutas nos servia para subexistência.

Sim, um IPÊ amarelo

A mangueira e uma goiabeira nas quais passei a infância em cima delas, brincando, sentindo o aroma, muito conectada a elas.

Sim

Sim! Uma mangueira no quintal de casa, chegava da escola correndo jogando a mochila, subia nela e lá ficava me deliciando dos seus frutos saborosos. Lembrança Boa boa de infância!

Lembro de um pinheiro bem grande que tinha em frente a minha casa, porque era enorme, e quando ventava fazia bastante barulho, assim como a sombra aparecia na janela a noite, quando as luzes estavam apagadas. Lembro também de um pé de seriguela, porque foi a primeira árvore que subi, e comi a fruta lá em cima, em um galho dela. Essa experiência aconteceu em uma viagem que fiz à cidade natal dos meus pais.

O pé de carambola. Acompanhou parte da minha vida até eu mudar de cidade. E se tornou a minha fruta predileta. Tinha também o pé de umbú na casa da minha avó

Tem um ipê Rosa que sempre que passo olho pra ela principalmente quando floresce

Sim, uma outra mangueira que eu subia quando era pequena

Eu fui criado no interior e a goiabeira na casa da minha avó é a minha infância perfeita.

Pintangueira e abacateiro. A pintangueira porque eu e meus irmãos Israel, Euza e André pequenos da época brincávamos e sentávamos sob sua sombra. Abacateiro porque além de subir comi abacate maduro no próprio pé com meu irmão Israel.

Sim, na infância sempre brincava embaixo dela.

Árvore de Jaboticaba,elas tinham em abundância na fazenda de meus avós ,me recorda da minha infância

Mangueira lembro do meu avô materno

Sim! Todos os quintais tinham muitas árvores que mexiam muito com o imaginário infantil das crianças daquela época.

Pé de amora na casa da minha tia. Pés de jaboticaba na casa de meus tios avós. Parreira na casa de meus pais. Só me trazem boas e abençoadas lembranças.

Quando criança meu pai fazia balanço em um pé de amora no quintal era maravilhoso

Uma goiabeira que tinha no meu quintal. Cresci com ela de frente pra minha janela e brincava com as folhas que caíam dela.

Nasci e cresci com estas árvores ; muita paz

não me lembro... as árvores passaram a existir para mim há menos de 20 anos (tenho 54)

Jatoba, porque conversava com ela sobre meu futuro